

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
UNIDADE DE PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

PRISCILA SANTOS OLIVEIRA

FORMAÇÃO SUPERIOR TECNOLÓGICA E PRÁTICAS CULTURAIS: o cinema
como experiência de extensão

São Paulo
Junho/2018

PRISCILA SANTOS OLIVEIRA

FORMAÇÃO SUPERIOR TECNOLÓGICA E PRÁTICAS CULTURAIS: o cinema
como experiência de extensão

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, sob a orientação do Prof. Dr. Emerson Freire e sob a coorientação da Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista.

São Paulo
Junho/2018

FICHA ELABORADA PELA BIBLIOTECA NELSON ALVES VIANA
FATEC-SP / CPS – CRB8-8281

O48f Oliveira, Priscila Santos
Formação superior tecnológica e práticas culturais: o cinema como experiência de extensão / Priscila Santos Oliveira. – São Paulo: CPS, 2018.
134 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Freire
Coorientadora: Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista
Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional) - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 2018.

1. Educação profissional. 2. Formação superior tecnológica. 3. Extensão cultural. 4. Cinema e educação. I. Freire, Emerson. II. Batista, Sueli Soares dos Santos. III. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. IV. Título.

PRISCILA SANTOS OLIVEIRA

FORMAÇÃO SUPERIOR TECNOLÓGICA E PRÁTICAS CULTURAIS: o cinema
como experiência de extensão

Prof. Dr. Emerson Freire

Prof. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista

Profa. Dra. Ivanete Bellucci Pires de Almeida

Profa. Dra. Sandra Regina Chaves Nunes

São Paulo, 24 de maio de 2018.

A todos aqueles, tão comuns e tão próximos, que pelas mais diversas razões não tiveram, não têm e não terão a oportunidade de iniciar ou de prosseguir com seus estudos.

AGRADECIMENTOS

A meus amados pais, Maria e Raimundo, que com tanto esforço e retidão me permitiram e me incentivaram a fazer sempre mais e a romper as barreiras impostas pela vida.

Aos queridos, dedicados e inspiradores, Emerson Freire, orientador e Sueli Soares dos Santos Batista, coorientadora, que com evidente carinho e dedicação conduziram o processo dissertativo.

A meu marido, Edilson, que nunca permitiu minha desistência ou desmotivação.

A meus irmãos, Gustavo e João Paulo, que mesmo sem se dar conta, sempre me fizeram pensar e repensar todo o trabalho e o processo dissertativo.

Aos Alexandres (realmente no plural), que há alguns anos me motivam a ir um pouco mais além a cada dia, que nunca se deixam abater e que jamais desistem de acreditar numa formação que transforme vidas.

À professora Sandra Regina Chaves Nunes, que não só é a grande idealizadora do *Fatec Paradiso*, mas que constantemente inspira a atuação de alunos e amigos.

À professora Ivanete Bellucci Pires de Almeida, não apenas pela participação na banca, mas por toda inspiração proporcionada ao longo do programa.

Aos amigos, pacientes e motivadores, que estiveram ao lado nos momentos mais difíceis e nos dias de ausência. Especialmente às “comunadas” e seus integrantes, que sempre me fizeram refletir.

A todos os funcionários e professores do programa de pós-graduação em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Paula Souza, que foram pacientes, prestativos e esclarecedores.

Aos colegas do programa, pelo apoio prestado e pela paciência para os desabafos.

Para o que serve o conhecimento social
que a minha ciência acumula com a
participação do meu trabalho? Para
quem, afinal? Para que usos e em nome
de quem, de que poderes sobre mim e
sobre aqueles a respeito *de quem, o que*
eu conheço, diz alguma coisa?
(Carlos Rodrigues Brandão)

Pensar sem aprender torna-nos
caprichosos e aprender sem pensar é um
desastre
(Confúcio)

RESUMO

OLIVEIRA, Priscila Santos. **Formação superior tecnológica e práticas culturais: o cinema como experiência de extensão.** 134 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2018.

No contexto de expansão da oferta dos Cursos Superiores de Tecnologia, está a Fatec Cotia, instituição estadual pública de ensino superior tecnológico e que, desde sua criação, propõe a realização de atividades de cunho extensionista em seu entorno. Assim, o presente trabalho visa responder à questão: como se articulam a formação superior tecnológica e as práticas de extensão universitária? Constitui-se como objetivo geral observar a inserção de práticas de extensão universitária, de cunho cultural, utilizando-se do cinema, para proporcionar uma formação superior tecnológica condizente com as diretrizes curriculares atuais, além de uma formação superior tecnológica mais abrangente e uma atuação transformadora da instituição de ensino. Os objetivos específicos são: proporcionar a conceituação da extensão universitária e a observação de seu histórico; apresentar uma análise das diretrizes curriculares atuais no que diz respeito a articulação entre ensino, pesquisa e extensão; descrever uma ação de extensão, realizada por meio da utilização do cinema; e observar o uso do cinema como ferramenta educativa alinhada ao tripé ensino, pesquisa e extensão. Este trabalho caracteriza-se como pesquisa participante, em que se aborda a organização e realização do *Fatec Paradiso*, ação de extensão cultural realizada na Fatec Cotia, além de contar com uma revisão bibliográfica e de uma pesquisa documental sobre temas que tangenciam a questão de pesquisa e os objetivos do trabalho. Discentes e comunidade consideram relevante e frutífera a aproximação entre instituição de ensino e comunidade, ainda que não se constate uma concepção precisa destes atores sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Educação profissional. Formação superior tecnológica. Extensão cultural. Cinema e educação.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Priscila. Santos. **Formação superior tecnológica e práticas culturais: o cinema como experiência de extensão.** 134 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2018.

In the context of the expansion of the offer of Higher Technology Courses, Fatec Cotia is the public state institution of technological higher education and, since its inception, proposes to carry out extension activities in its surroundings. Thus, the present work aims to answer the question: how are higher technological training and university extension practices articulated? It is a general objective to observe the insertion of practices of university extension, of a cultural nature, using the cinema, to provide a superior technological formation in keeping with current curricular guidelines, in addition to a more comprehensive technological training and a transformative performance of the educational institution. The specific objectives are: to provide the conceptualization of the university extension and the observation of its history; present an analysis of current curricular guidelines regarding the articulation between teaching, research and extension; to describe an extension action, accomplished through the use of the cinema; and observe the use of cinema as an educational tool aligned to the tripod teaching, research and extension. This work is characterized as a participant research, in which the organization and accomplishment of the *Fatec Paradiso*, a cultural extension action carried out in Fatec Cotia, is discussed, as well as a bibliographical review and a documentary research on themes that toughen the research question and the objectives of the work. Students and community consider the approximation between teaching institution and community to be relevant and fruitful, even if a precise conception of these actors about the indissociability between teaching, research and extension is not established.

Keywords: Professional education. Higher technological training. Cultural extension. Cinema and education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Divisão sub-regional da região metropolitana do Estado de São Paulo...	57
Figura 2 – Público assiste ao filme <i>Lisbela e o prisioneiro</i> na primeira edição do <i>Fatec Paradiso</i>	60
Figura 3 – Logotipo de divulgação da primeira edição do <i>Fatec Paradiso</i>	64
Figura 4 – Público assiste ao filme <i>Cine Holliúdy</i> na segunda edição do <i>Fatec Paradiso</i>	64
Figura 5 – Cartaz de divulgação da segunda edição do <i>Fatec Paradiso</i>	68
Figura 6 – Discentes realizando divulgação da segunda edição do <i>Fatec Paradiso</i> .	68
Figura 7 – Público assiste ao filme <i>O menino e o mundo</i> na terceira edição do <i>Fatec Paradiso</i>	69
Figura 8 – Cartaz de divulgação da terceira edição do <i>Fatec Paradiso</i>	72
Figura 9 – Discentes durante divulgação da terceira edição do <i>Fatec Paradiso</i> em escola estadual de Cotia	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Entrevistados	76
-------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS

CST	Curso Superior de Tecnologia
CPS	Centro Paula Souza
CNCST	Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia
CRUTAC	Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária
EMPLASA	Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A
Fatec	Faculdade de Tecnologia
Fatec Cotia	Faculdade de Tecnologia de Cotia
FORPROEX	Fórum dos Pró-reitores de Extensão Universitária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
PNE	Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CARATERIZAÇÃO INICIAL DO PROJETO FATEC PARADISO: RELAÇÕES ENTRE CINEMA, EDUCAÇÃO E EXTENSÃO	19
1.1 Cinema, educação e extensão cultural	23
2 FORMAÇÃO SUPERIOR TECNOLÓGICA, EXTENSÃO E CULTURA.....	34
2.1 Gênese legal e concepção da formação nos CSTs	35
2.2 As diretrizes curriculares atuais para a formação nos CSTs	41
<i>2.2.1 As diretrizes para os CSTs e as Faculdades de Tecnologia (Fatecs)</i>	<i>42</i>
2.3 A Extensão	45
2.4 Extensão universitária e formação superior tecnológica	50
2.5 Extensão e cultura	51
3 FATEC PARADISO ENQUANTO PROJETO DE EXTENSÃO SOB A ÓTICA DE SEUS ORGANIZADORES E SEU PÚBLICO	56
3.1 O cenário da pesquisa.....	56
3.2 As exposições realizadas.....	59
<i>3.2.1 Primeira edição do Fatec Paradiso</i>	<i>59</i>
<i>3.2.2 Segunda edição do Fatec Paradiso</i>	<i>64</i>
<i>3.2.3 Terceira edição do Fatec Paradiso.....</i>	<i>69</i>
3.3 Entrevistas com os envolvidos no Projeto.....	74
<i>3.3.1. Entrevistas com os discentes organizadores</i>	<i>77</i>
<i>3.3.2 Entrevistas com o público do evento.....</i>	<i>87</i>
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICES	109
Apêndice A – Transcrição das entrevistas.....	109
ANEXOS	132

Anexo A – Proposta apresentada ao coordenador do CST em Gestão Empresarial por docente da Fatec Cotia	132
Anexo B – Modelo do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) .	134

INTRODUÇÃO

Os Cursos Superiores de Tecnologia (CSTs), mais conhecidos como cursos tecnológicos, constituem-se como importante alternativa de formação profissional. Desde os anos 2000, observa-se um avanço considerável na oferta de vagas deste tipo de curso, tanto em instituições privadas quanto em instituições públicas. Graças a seu menor período de duração e a sua orientação voltada especialmente para o mercado de trabalho, os CSTs foram compreendidos, de uma forma geral e superficial, como cursos em que os estudantes se dedicam estritamente a disciplinas técnicas e profissionalizantes. Desta maneira, desde sua gênese, os CSTs são vistos de maneira preconceituosa, como uma formação intermediária, sendo frequentemente confundidos com cursos técnicos de nível médio.

Neste contexto de expansão da oferta dos CSTs, está o Centro Paula Souza (CPS), autarquia estadual que administra as Faculdades de Tecnologia (Fatecs), lócus deste trabalho, e também as Escolas Técnicas (Etecs), no Estado de São Paulo, e que há quase 50 anos disponibiliza educação profissional à população do Estado. Dentre as Fatecs administradas pelo CPS, está a Fatec Cotia, instituição inaugurada no ano de 2014, que oferece dois CSTs e que desde sua criação propõe a seus estudantes a realização de atividades de cunho extensionista. Exemplos de tais atividades são: a organização de sessões de cinema a céu aberto, a realização de passeios culturais pela cidade, a montagem de corridas de rua, a organização de festivais de música, entre outras. A realização de tais atividades por meio dos estudantes da Fatec Cotia justifica-se por estar alinhada a uma perspectiva que vê como relevantes e indissociáveis os processos de ensino, pesquisa e extensão.

A extensão universitária, que passou por reformulações de conceitos e de formas de avaliação desde a segunda metade da década de 1980, é apresentada em documentos legais de ampla relevância, tais como a Constituição de República Federativa do Brasil de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996. Além disso, o tema está presente em outras diretrizes que orientam as concepções e ações educativas, de alcance nacional, que balizam a atuação de IES (Instituições de Ensino Superior) públicas e privadas e que oferecem os mais diversos tipos de cursos, dentre os quais os CSTs.

Considerando-se o exposto e com a intenção de observar as diretrizes curriculares mais recentes, suscita-se a seguinte questão de pesquisa neste trabalho: atendendo à legislação vigente, como se articulam a formação superior tecnológica e as práticas de extensão universitária?

Ao realizar tal questionamento, estabelece-se como objetivo geral observar a inserção de práticas de extensão universitária, de cunho cultural, utilizando-se do cinema, para proporcionar uma formação superior tecnológica condizente com as diretrizes curriculares atuais, além de uma formação superior tecnológica mais abrangente e uma atuação transformadora da instituição de ensino.

Como objetivos específicos, é possível elencar os seguintes:

- ✓ Conceituar a extensão universitária, apontando os marcos legais e acadêmicos em que se trata do tema;
- ✓ Observar o histórico da extensão universitária no Brasil, e mais especificamente a articulação entre a extensão e a oferta de CSTs;
- ✓ Analisar as diretrizes curriculares atuais no que diz respeito a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, especificamente no que tange a área cultural de atuação extensionista à qual se aproxima a formação profissional nos CSTs;
- ✓ Descrever uma prática de extensão, realizada na Fatec Cotia, por meio da utilização do cinema;
- ✓ Observar a utilização do cinema como ferramenta educativa alinhada ao tripé ensino, pesquisa e extensão.

Metodologicamente, este trabalho utilizou uma abordagem de pesquisa qualitativa. Propõe-se aqui que a questão de pesquisa e os objetivos do trabalho sejam, respectivamente, respondida e atendidos, por meio da apresentação de uma pesquisa participante, alinhada à revisão bibliográfica e à pesquisa documental.

A partir da realização da pesquisa participante se relatou e analisou a experiência do *Fatec Paradiso*, exibição de cinema a céu aberto, contando com três edições ocorridas, todas elas organizadas por discentes e docentes da Fatec Cotia. Tal ação foi desenvolvida no município de Cotia, com base na observação das demandas da comunidade local sobre o acesso a recursos culturais e artísticos, como o cinema. Nas edições do *Fatec Paradiso* que foram descritas e analisadas nesse trabalho, participamos como organizadora e fomentadora junto aos docentes e

discentes da instituição. Neste trabalho, houve a oportunidade também de entrevistar alguns dos demais atores envolvidos.

De acordo com Gil (2002) a pesquisa participante tem como principal característica a interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas (p. 55). Ainda conforme o autor, a pesquisa participante envolve uma diferenciação entre saber popular e saber dominante (p. 56). Tal distinção alinha-se à perspectiva que insere a extensão como modo de interação entre instituição de ensino e comunidade, visto que prevê também uma distinção, mas não uma sobreposição, entre os saberes acadêmico-científicos, tidos como dominantes, e os saberes populares, advindos da comunidade e de seu senso comum. À medida que o *Fatec Paradiso* se apresenta, em parte, como objeto de análise, foi possível um distanciamento crítico dessa experiência para narrá-la e analisá-la num contexto mais amplo de ação educativa em prol de uma formação profissional transformadora.

Por outro lado, no referencial bibliográfico são trazidos embasamentos sobre a origem dos CSTs, a abrangência da formação nestes cursos, o histórico e a evolução da extensão universitária e também sobre o cinema e sua utilização como ferramenta educativa.

Por fim, na base documental são trazidos à discussão distintos documentos legais, a exemplo da Constituição Brasileira de 1988, da LDB de 1996, dos Pareceres 436/2001 e 29/2002, emitidos por órgãos administrados pelo Ministério da Educação (MEC), do Regimento das Fatecs, além de documentos elaborados pelos Fóruns de Pró-Reitores de Extensão Universitária, tais como a Política Nacional de Extensão Universitária, de 2012, e o Plano Nacional de Extensão Universitária, de 2001.

Gil (2002) na obra *Como elaborar projetos de pesquisa*, começa a definição de pesquisa documental explanando que este tipo de pesquisa se assemelha à pesquisa bibliográfica, no que diz respeito aos passos que devem ser cumpridos para seu desenvolvimento, mas dela se diferencia no tocante à natureza das fontes de pesquisa utilizadas. O autor prossegue em sua definição da pesquisa documental afirmando que:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. (GIL, 2002, p.45)

Ainda com a intenção de bem delinear a pesquisa documental, Gil (2002)

esclarece que não é tarefa fácil diferenciar a pesquisa documental da pesquisa bibliográfica, sendo essencial ser cuidadoso ao realizar esta classificação:

Nem sempre fica clara a distinção entre a pesquisa bibliográfica e a documental, já que, a rigor, as fontes bibliográficas nada mais são do que documentos impressos para determinado público [...], boa parte das fontes usualmente consultada nas pesquisas documentais, [...] pode ser tratada como fontes bibliográficas. Nesse sentido, é possível até mesmo tratar a pesquisa bibliográfica como um tipo de pesquisa documental, que se vale especialmente de material impresso fundamentalmente para fins de leitura (p. 46)

A organização do trabalho está distribuída da maneira que segue.

No capítulo 1 do trabalho são demonstradas as circunstâncias e motivações que levaram à realização do *Fatec Paradiso*. Ao longo de tal demonstração aparecem os atores envolvidos na concepção e na propositura de sua realização. Este capítulo, ainda, considerando-se as motivações que conduziram à realização do *Fatec Paradiso*, traz um referencial teórico a respeito do cinema e também de sua utilização como instrumento educacional e que visa a transformação social.

O capítulo 2 traz considerações sobre a formação superior tecnológica, as diretrizes e marcos legais que a orientam, assim como sobre a conceituação de extensão e sua dimensão cultural. Neste capítulo apresentam-se também considerações sobre a articulação entre a extensão e a formação superior tecnológica.

Por fim, no capítulo 3 é feita uma narrativa das três edições do *Fatec Paradiso* realizadas até maio de 2018. É apresentada neste capítulo a história de cada uma das exposições, bem como se apresentam informações sobre locais de exibição, atividades programadas e modos de divulgação do evento. Além disso, levando-se em consideração a concepção de cinema como manifestação artística e cultural, a conceituação de extensão e a cultura como uma de suas áreas de atuação, apresentam-se (e discutem-se) relatos dos atores envolvidos (organizadores e comunidade, ou público) no *Fatec Paradiso*.

1 CARACTERIZAÇÃO INICIAL DO PROJETO FATEC PARADISO: RELAÇÕES ENTRE CINEMA, EDUCAÇÃO E EXTENSÃO

Na noite do dia 21 de novembro de 2015 concretizou-se uma ideia a princípio desacreditada na própria instituição em que se desenvolveu: o cinema a céu aberto da Fatec Cotia, o *Fatec Paradiso*. O *Fatec Paradiso* constituiu-se como uma exibição de cinema a céu aberto promovida por alunos e professores de uma Instituição de Ensino Superior (IES) estadual e pública, a Faculdade de Tecnologia de Cotia (Fatec Cotia), vinculada ao CPS. O *Fatec Paradiso* caracterizou-se por ser uma ação realizada no contexto das disciplinas de graduação do Curso Superior de Tecnologia (CST) em Gestão Empresarial, visando exibir em espaços públicos filmes nacionais para a comunidade local.

Para compreender a trajetória desse projeto é importante retomar acontecimentos anteriores a ele. No mês de agosto de 2012, em uma Fatec de outro município, na qual um professor (que mais tarde viria a ser coordenador de curso e também professor em Cotia) propõe a realização de um feito tido por muitos colegas como “maluquice”, “delírio” e até “irresponsabilidade”: um passeio ciclístico organizado por alunos, que juntaria a comunidade escolar e também a comunidade em seu entorno. Após alguns meses, mais precisamente em outubro de 2012, realizou-se a primeira ação naquela Fatec que se voltava não só para ações de ensino intramuros da própria instituição, mas também para o seu exterior e com apoio de atores externos.

Passado o impacto da primeira ação, outras semelhantes vieram, em 2013, 2014, 2015 e 2016, realizadas sempre em grandes doses de dedicação e esforço de alguns docentes e discentes. Não se sabe se naquele contexto institucional havia o conhecimento e a reflexão a respeito desta iniciativa enquanto uma prática extensionista. Concomitantemente, o professor e entusiasta da primeira ação, tornou-se também professor e coordenador de curso na Fatec Cotia, inaugurada no ano de 2014. A experiência prévia desses docentes em outro contexto institucional foi relevante para as ações que viriam a ocorrer na nova unidade do CPS. A nossa participação nessa equipe de docentes, entre agosto de 2014 e agosto de 2017 foi uma das motivações geradoras desse estudo.

Assim, a Fatec Cotia, primeira IES pública do município de Cotia, desde sua criação contou com inúmeras atividades, organizadas por alunos e professores, que visavam incluir de alguma maneira a população do município. Foram realizadas atividades como: corridas de rua (Fatec Run, com 4 edições anuais de 2014 a 2017), show de talentos na praça do município (Fatec Palco Aberto, com uma edição no ano de 2016), organização de mutirões de doação de sangue (Movimento Doe Fatec, com 3 edições, sendo uma no ano de 2016 e duas no ano de 2017), festivais de dança (Fatec Dance Festival, com 2 edições, uma em 2015 e outra em 2016), oferecimento de serviços de assessoria diversos (Ação Fatec, com uma edição em 2015 e outra edição em 2016), apresentação de teatro na praça (Oficina Fatec, em 2015), festival de pipas (realizado em edição única no ano de 2015), visitas e reformas em ONGS, casas de repouso e orfanatos (realizadas nos anos de 2014 a 2017) e por certo, a realização de um cinema a céu aberto (*Fatec Paradiso*, com 3 edições, nos anos de 2015, 2016 e 2017). Em que pese a realização frequente das ações que envolviam a comunidade, o conceito de extensão foi se definindo conforme ocorriam a concepção, a realização e a avaliação destas ações. Assim, a tomada de consciência sobre tal noção (a da extensão, enquanto indissociável do ensino e da pesquisa) ocorreu paulatinamente, conforme mais professores foram sendo envolvidos nas atividades realizadas. Tal conscientização, embora demonstre o envolvimento da instituição com a extensão, revela a descontinuidade com que se desenvolveram as ações voltadas à comunidade na Fatec Cotia, pois concomitante e contraditoriamente, conforme se refinou a concepção de extensão, as ações envolvendo a comunidade foram paralisadas por tempo indeterminado.

Durante as aulas da disciplina de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC), do Curso Superior de Tecnologia (CST) em Gestão Empresarial, conduzidas desde a inauguração da Fatec Cotia, em fevereiro de 2014, até dezembro de 2017, pelo próprio coordenador do CST em Gestão Empresarial da Fatec Cotia, estava sempre presente a proposta de realização de atividades/ações/projetos que transcendessem a sala de aula. De acordo com o Plano Pedagógico do citado curso, os discentes precisam cumprir até o final do curso 40 horas de atividades acadêmico-científico-culturais, geralmente cumpridas mediante visitas a museus, exposições, palestras e outros. Tais horas necessitam ser validadas pela coordenação do curso. Como alternativa ao cumprimento de tais atividades, se propunha que os alunos que

tivessem interesse e disponibilidade organizassem um “projeto” (terminologia usada na instituição) que incluísse outras pessoas além da turma, fossem os colegas (a exemplo da organização de aulas de surfe, aulas de navegação, passeios de balão, passeios em regiões turísticas, e afins) ou a comunidade (a exemplo das corridas de rua, exposições de teatro, cinema e dança, já citadas). No âmbito da disciplina, e da própria sala de aula, se constituíam, conforme preferência dos próprios alunos, os grupos de trabalho, sendo que de maneira geral cada grupo se encarregava de um “projeto”, que também era definido por eles que, por sua vez, poderiam aceitar as propostas de ações feitas pelo professor ou criar uma ação com objetivos esportivos, culturais, ambientais, sociais ou de lazer, sendo que neste último caso a atividade de lazer deveria estar disponível a outras pessoas que não somente a turma realizadora.

Considerando este contexto de “efervescência de projetos” realizados na Fatec Cotia, no segundo semestre do ano de 2015, segundo ano de existência da instituição, a docente da disciplina de Comunicação e Expressão propôs à coordenação do CST em Gestão Empresarial (desempenhada pelo professor que havia, em agosto de 2012, incitado a realização do passeio ciclístico na outra Fatec) a realização de sessões de cinema abertas à participação de discentes, docentes e público externo à Fatec Cotia. Tais exposições seriam realizadas, a princípio, no estacionamento da instituição. Tal proposta fora construída tendo como inspiração um projeto similar, coordenado pela docente em questão, em uma IES privada. A proposta ou projeto cinematográfico se institucionalizaria como próprio e típico da Fatec Cotia, assim como havia ocorrido na outra instituição.

Entretanto, dadas as distintas realidades das instituições (de um lado a Fatec Cotia, instituição pública estadual, recém-inaugurada; de outro a IES privada, com melhor acesso a recursos financeiros, por exemplo), foi necessário repensar o modo como se organizaria o projeto. Considerando a disposição e a experiência prévia dos docentes da recém-inaugurada instituição para a organização de ações que envolvessem alunos e público externo, surgiu a possibilidade de inserção do projeto de cinema como opção de ação a ser desenvolvida (organizada) pelos discentes na disciplina de AACC. Assim, mediante a interlocução e trabalho coletivo dos docentes, constitui-se o projeto de exibição de filmes a céu aberto como atividade conjunta das duas disciplinas do CST em Gestão Empresarial: AACC e Comunicação e Expressão.

Estabelecidos os pressupostos deste trabalho interdisciplinar, chegara o momento de apresentar aos discentes o projeto. Durante uma das aulas da disciplina de AACC, o professor sugeriu aos grupos, como proposta de trabalho, a organização de uma exibição cinematográfica aberta à população de Cotia. Nesta ocasião, um grupo de seis discentes aceitou a sugestão (e desafio) de realização da ação. Delineia-se aqui a gênese da realização do *Fatec Paradiso* na Fatec Cotia e pela Fatec Cotia.

Constava da ideia inicial do projeto que as exibições ocorreriam no estacionamento da Fatec Cotia, como se o público estivesse em um drive-in, e assistisse ao filme dentro do próprio carro. No entanto, para que se realizassem as exibições neste local, seria necessária uma infraestrutura mais complexa do que aquela demandada para a exibição em locais como a sala de aula ou espaços como praças. Como infraestrutura foram cotados itens como o telão, que para que a exibição ocorresse no estacionamento da IES teria que ser maior e, portanto, mais custoso, e o equipamento de som, que também precisaria ser mais potente para alcançar todo o espaço do estacionamento. Assim, optou-se pela realização da exibição em um espaço público do município, de modo que a sessão fosse a mais inclusiva possível, isto é, permitisse o acesso de modo generalizado à população como mostrado no filme *Cinema Paradiso*. De alguma forma inspirado nesse filme de 1988, do diretor Giuseppe Tornatore, nascia o *Fatec Paradiso*.

Logo na apresentação da proposta do *Fatec Paradiso* já constou o aspecto fundamental que orientou a elaboração/concepção do projeto: o interesse em atender não somente ao público da Fatec, mas também a comunidade que a circundava, proporcionando o contato com a arte cinematográfica. Neste sentido, apresentam-se na sequência trechos da proposta inicial da ação.

Na apresentação da proposta consta que:

O projeto *Fatec Paradiso* pretende exibir filmes alternativos para os alunos da Fatec e para a comunidade em geral. A Fatec, por meio dessa iniciativa, possibilitará, a uma região carente de cinemas de arte, uma programação de filmes que permita não só uma apreciação estética, mas também a discussão de temas ligados ao mundo contemporâneo. Com isso, ficará em sintonia com as propostas de política cultural que objetivam a formação de público e o acesso às formas audiovisuais, visando a promoção de uma consciência individual, assim como a ampliação da visão sobre a existência, sobre as alternativas de inclusão e de transformação social. As ações que

envolvam a arte, como forma de transformação de uma determinada realidade, possibilitam transposição da experiência para a criação de novas políticas culturais. Torna possível, ainda, a reflexão e crítica sobre os produtos da indústria cultural (p.1).

É preciso reiterar que constam aqui elementos centrais à construção do projeto, tais como a interação com a comunidade e o atendimento a suas demandas e a arte (aqui representada pelo cinema) como instrumento capaz de gerar reflexão, com vistas a contribuir para a construção/transformação de uma sociedade mais inclusiva. Além disso, na justificativa do projeto há a referência ao objetivo de desempenhar uma função de atendimento de demandas não alcançadas (ou alcançadas de modo insuficiente) pelo poder público, bem como a intenção de democratizar o acesso à arte e aos bens culturais, a exemplo do cinema, fato que reforça o uso do cinema como instrumento capaz de suscitar a reflexão e a transformação social.

No texto da proposta, ainda se enfatiza que:

[...] As artes não podem ficar restritas a um público diminuto. Cabe a algumas iniciativas permitir o acesso aos bens culturais, já que estes devem ser pensados como um direito inerente à pessoa – como o direito à vida, à educação, ao atendimento médico, ao exercício profissional. Com o *Fatec Paradiso* a Fatec poderá atender uma parcela da sociedade civil, não contemplada pelos programas municipais ou estaduais de cultura (p. 1).

Neste sentido de utilização da arte cinematográfica como instrumento que leva à reflexão, apresentam-se leituras e reflexões que embasam a complexidade daquilo que se propôs como a relação entre cinema, educação e cultura pelos idealizadores do *Fatec Paradiso*. As considerações teórico-práticas do item seguinte exploram essa relação que, no caso do *Fatec Paradiso*, converte-se numa ação extensionista.

1.1 Cinema, educação e extensão cultural

O cinema, que nasce com a cultura da modernidade, ao mesmo tempo a ajuda desenvolver seus traços característicos, e constitui-se numa forma de arte que pressupõe a ideia de uma produção cultural. Trata-se de uma tecnologia que podia ser apreciada como um produto comercial para massas, que não forneceu somente uma nova mídia, um novo meio no qual “os elementos da modernidade podiam se

acotovelar”, como lembram Charney e Schwartz (2001, p. 31). É bem o contrário, expõem os autores, foi um produto e parte componente da constelação de variáveis que se interconectavam e começavam a traçar os caminhos da vida cultural moderna, via a estimulação visual e cognitiva, representando a realidade em movimento. Ou seja, enquanto produto cultural, a arte do cinema permitiu desde seu início a incorporação de experiências outras dos indivíduos, trazendo reflexões e abordagens as mais diversas sobre a vida em sociedade e a própria condição humana.

Bazin (1991) na *Ontologia da imagem fotográfica* coloca a reprodução imagética (no caso a fotografia) como responsável por satisfazer nosso “afã de ilusão por uma reprodução mecânica da qual o homem se achava excluído” (BAZIN, 1991, p. 21-22). Adiante, ao relacionar o cinema e a fotografia ao tempo e ao movimento, afirma que “o cinema vem a ser a consecução no tempo da objetividade fotográfica” e que vem para “‘desrecalcar’ no fundo do nosso inconsciente, esta necessidade de substituir o objeto por algo melhor que um decalque aproximado: o próprio objeto, porém liberado das contingências temporais” (p. 24). O autor está aqui inserindo a arte cinematográfica como recurso capaz de sanar o desejo humano de representar a sua realidade, de eternizar, de algum modo sua realidade. Inserir o elemento “tempo” significa que, diferentemente da fotografia, o cinema permite que o instante representado tenha a mesma duração, e até a mesma sensação do instante fictício, representado.

Produto cultural amplamente acessado, o cinema atrai grandes quantidades de indivíduos. Muitas vezes espelhando as realidades dos indivíduos, o cinema é definido por Marilena Chauí como:

[...] forma contemporânea da arte: a da imagem sonora em movimento. Nele, a câmera capta uma sociedade complexa, múltipla e diferenciada, combinando de maneira totalmente nova, música, dança, literatura, escultura, pintura, arquitetura, história e, pelos efeitos especiais, criando realidades novas, insólitas, numa imaginação plástica infinita que só tem correspondente no sonho. (CHAUÍ, 1997, p.333)

Conforme afirma a autora, a complexidade e a multiplicidade das sociedades atuais podem ser captadas pelas câmeras envolvidas no trabalho de produção de uma obra cinematográfica que deva ser exposta ao público geral. Mais ainda,

complexidade e multiplicidade podem ser recombinaadas, reconstituídas por meio do cinema, dando margem a modelos de raciocínio inéditos.

Neste sentido da experiência cinematográfica que proporciona o acesso a novas realidades e a novas experiências, Berti e Carvalho (2013, p. 185) argumentam que a exposição a tal produto cultural possibilita aos indivíduos:

[...] flunar por espaços e temporalidades desconhecidos, convidando a sermos múltiplos, outros e tantos outros. O outro não é apenas “o estrangeiro”, “o negro”, “o índio”, “a criança”, “o velho”, com o qual preciso conviver. O outro é tudo aquilo que sou e não sou. É a própria diferença encarnada que desterritorializa, territorializa e reterritorializa (BERTI; CARVALHO, 2013, p. 185).

Por meio do uso da arte cinematográfica, ao se aproximar e até mesmo vivenciar a experiência do outro, do “sujeito que eu sou e não sou”, aproximam-se também os sujeitos em si. Assim, de acordo com Berti e Carvalho (2013, p. 185) “a experiência com o *que nos acontece* potencializa ações educativas pela diversidade de situações que são oferecidas e criadas para favorecer esse encontro, visto que produz o sujeito da diferença e da multiplicidade”. As autoras complementam a argumentação ao afirmar que. Quando se referem ao que *nos acontece*, as autoras estão explicitamente referindo-se à potencialidade que tem o cinema para possibilitar aos indivíduos a condição, ou a experiência de se ver ou de se colocar como outros sujeitos. Condição ou experiência esta que permite compreender o mundo a partir de um ponto de vista diferente e que, ademais, contribui para o alargamento de experiências, por ofertar o conhecimento de situações (e de condições) distintas daquelas que são próprias do indivíduo, já que se abre a possibilidade de “ser outro, viver em outro lugar, pertencer à outra cultura” (BERTI; CARVALHO, 2013, p.185). Deste modo, por proporcionar esse movimento, que é possível até mesmo chamar de empático, o cinema constitui-se como ferramenta importante a ser utilizada com um sentido educativo, visto que este alargamento da experiência conduz à compreensão da diferença e da multiplicidade e por isso é tão importante que seja inserida nos processos educativos.

Bergala (2008, p. 29), ao discorrer sobre esta relação entre cinema e educação, nomeia a experiência de “compartilhar a experiência do outro, de ver pelos olhos do outro” de alteridade. Assim, ao referir-se ao uso do cinema nas escolas francesas, considerando aqui o cinema como criação artística, afirma que “A grande hipótese de

Jack Lang, político francês, sobre a questão da arte na escola foi a do encontro com a alteridade”. Adiante, o autor questiona a capacidade de a escola lidar com tal função (a de proporcionar encontro com a alteridade por meio da arte): “será que uma instituição como a Educação Nacional pode acolher a arte (e o cinema) como um bloco de alteridade? [...] Esse trabalho, cabe à escola? Tem ela condições de fazê-lo?” (BERGALA, 2008, p. 32).

Tentando responder a tais questões postas por si mesmo, o autor arrazoa que os moldes nos quais a escola funciona, não propiciam as condições ideais de realização de tal trabalho. No entanto, logo na sequência, responde categoricamente a seus questionamentos ao argumentar que “ela [a escola] representa hoje, para a maioria das crianças, o *único* lugar onde este encontro com a arte pode se dar” (BERGALA, 2008, p. 32). Assim, conclui que a escola deve sim desempenhar tal função, apesar de conhecer suas dificuldades e limitações para tal. Por meio desta exposição, o autor está defendendo a utilização da arte, materializada no cinema, como instrumento para que os indivíduos possam colocar-se no lugar do outro, alargando sua percepção de mundo, na escola.

Esta lógica da arte, via cinema, capaz de gerar em seus espectadores reflexão, ao se verem representados, seja via a própria experiência, seja conduzindo ao compartilhamento de experiências que “sem ele, permaneceriam estranhas” (BERGALA, 2008, p. 38), conduz a uma concepção de obra de arte, como impulsionadora de transformações, já que de acordo com o autor, a arte “deve ocupar o lugar da exceção” (BERGALA, 2008, p. 30), pois constitui-se naquilo que não se conforma, já que insere-se no terreno da ressalva, do desvio, pois a exceção “é a arte” (BERGALA, 2008, p.29) e assim deve constitui-se como “fermento de anarquia, de escândalo, de desordem” (BERGALA, 2008, p. 30).

Para que seja possível a utilização deste “fermento”, há por certo a necessidade de tornar tais construções artísticas amplamente acessíveis, e não as relegar à condição de elemento com acesso circunscrito a pequenos e restritos círculos. Neste sentido, Walter Benjamin ao tratar da obra de arte e de sua reprodutibilidade técnica, argumenta que a arte contemporânea será tanto mais eficaz quanto mais se orientar em função da reprodutibilidade e, portanto, quanto menos colocar em seu centro a obra original (1975). O autor está aqui discorrendo sobre a destituição da aura de raridade da obra de arte, que faz com que aquele elemento que fora produzido de

certo modo envolto por uma “magia”, passe a servir a uma função mais politizadora. Há uma passagem do “valor de culto” para o “valor de exibição” da obra de arte (1975, p. 17-18).

Comentando do texto de Benjamin, Klammer *et al* (2006, p. 4), argumentam que a “reprodutibilidade da obra de arte pode vir a ser justamente um elemento de politização já que esta passa a ser então de livre acesso a todos”. Quanto mais se expuser, quanto mais for acessível, alcançável, mais a arte atingirá seu propósito de criação do novo, de inconformismo, de ruptura. Trata-se do cinema, enquanto obra de arte enfaticamente tratado por Benjamin neste texto, servindo a propósitos libertadores, ou a possibilidade de politização dos indivíduos por meio do acesso à arte, à cultura e ao entretenimento também, proporcionado pelo cinema.

A este respeito (arte e entretenimento), Benjamin (1975) argumenta que especialmente no caso do cinema, apreciação artística e entretenimento podem andar juntos já que

As técnicas de reprodução aplicadas à obra de arte modificam a atitude da massa com relação à arte. Muito retrógrada face a um Picasso, essa massa torna-se bastante progressista diante de um Chaplin, por exemplo [...] Na medida em que diminui a significação social de uma arte, assiste-se, no público, a um divórcio crescente entre o espírito crítico e o sentimento de fruição[...] No cinema, o público não separa a crítica da fruição [...] (BENJAMIN, 1975, p. 27).

Aproximando arte, entretenimento e educação, Bergala (2008) argumenta que a escola é um dos únicos locais capazes de proporcionar a muitos dos indivíduos que nela estão o encontro com a arte, visto que “tudo o que a sociedade civil propõe a maioria das crianças são mercadorias culturais rapidamente consumidas, rapidamente perecíveis e socialmente ‘obrigatórias’” (BERGALA, 2008, p. 32). Dessa maneira, no sentido em que propõem Klammer *et al* (2006) é preciso encarar a reprodutibilidade de modo que se reflita sobre as obras artísticas, já que enquanto elementos de politização, as obras, aqui o cinema, vem geralmente carregadas de ideologias, ideologias estas que precisam “ser filtradas antes de incorporadas simplesmente”. (KLAMMER *et al.*, 2006, p.4). Adicionalmente, Klammer *et al* (2006), defendem que enquanto elemento amplamente difundido na vida dos cidadãos, mais especificamente dos jovens, o cinema não pode ser apartado do sistema educativo, até porque tem potencial para consolidar-se como elemento politizador.

A respeito das ideologias que precisam ser filtradas antes de incorporadas, Azevedo e Teixeira (2010), afirmam que:

Associada à expansão e consolidação das sociedades capitalistas, a própria arte inseriu-se na lógica do mercado e da acumulação capitalista, foi apropriada pela dinâmica mercantil e do consumismo. A indústria cultural, a mídia hegemônica, exerce seu poder nos processos de formação do gosto, dos estilos, dos padrões estéticos e culturais, produzindo subjetividades e comportamentos (AZEVEDO; TEIXEIRA, 2010, p. 19).

Kellner (2001) tratando da ideologia que permeia produtos culturais, apresenta uma reflexão sobre a utilização do cinema (e de outros produtos midiáticos) enquanto capazes de alcançar os indivíduos e incutir determinadas percepções e comportamentos:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam a sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de sexualidade, de “nós” e “eles”. (KELLNER, 2001, p.9)

Desta maneira, a necessidade de filtragem proposta por Benjamin, pressupõe que para que a arte, aqui via cinema, seja politizadora e transformadora, deve escapar da ideologia e das construções midiáticas criticadas por Kellner (2001), nas quais se faz uso do cinema, no seu sentido canônico “como vetor de sentido e de ideologia (reiteração do já dito e do já conhecido)” (BERGALA, 2008, p.34) e não no seu sentido artístico como “criação do novo” (BERGALA, 2008, p.34). Constitui-se aqui como função especial do cinema, enquanto instrumento educativo, proporcionar condições para que se torne possível escapar a esta lógica.

Pensando no uso do cinema como instrumento educativo, Xavier (2008), em entrevista concedida à revista *Educação e Realidade*, afirma que “um cinema que ‘educa’ é um cinema que (nos) faz pensar” (XAVIER, 2008, p. 13). Na entrevista, que tem como título o excerto acima transcrito, o autor ressalta a “dimensão formadora do cinema como arte e entretenimento” (2008, p. 15), dimensão que não deve calcar-se em utilizações estereotipadas das imagens cinematográficas. O autor relembra que

desde o cinema mudo manifesta-se o interesse pela análise da dimensão educativa do cinema. Entretanto, ao autor pondera que é imperioso que não se faça um uso simplificado das imagens, como capazes de incitar a simples imitação a assimilação de modelos, já que qualquer análise dos efeitos gerados pelas imagens é complexa e requer ampla e detalhada reflexão, que trate da relação entre a estruturação das imagens e das narrativas e seus processos de recepção (sociais, psicológicos, culturais, muito ancorados nas circunstâncias). Xavier (2008) esclarece ainda que a dimensão educativa do cinema, entendida no sentido formação (valores, visão de mundo, conhecimento, ampliação de repertório) “permeia toda a experiência do cinema” (XAVIER, 2008, p. 15). O autor manifesta-se nesse sentido dizendo que:

Para mim o cinema que “educa” é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é “passar conteúdos”, mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável. (XAVIER, 2008, p.15)

Por meio de tal reflexão, Xavier (2008), retrata a relevância da arte cinematográfica para o campo educacional e contrapõe-se a visões estereotipadas e simplificadoras do uso do cinema, como imagem a ser simplesmente mimetizada, e defende que a reflexão, o questionamento, não só do cinema, ou do audiovisual que se estaria exibindo, mas também de outras questões postas em foco por meio da exibição, são essenciais e próprias do fazer cinematográfico.

Historicamente no Brasil, conforme Nascimento (2008), o cinema foi defendido como recurso didático por indivíduos como Anísio Teixeira e Edgard Roquete Pinto. Neste sentido, Duarte e Alegria (2005), tecendo considerações sobre a origem das relações entre cinema e educação no Brasil, descrevem projetos idealizados e executados na década de 20 em que instituições como o Liceu de Artes e Ofícios e a Obra Social Católica, ambas de Salvador, inauguraram salas de cinema com o propósito de ampliar a instrução oferecida às classes trabalhadoras. Narra-se que após a década de 30, os dirigentes do Estado brasileiro buscaram aproximar-se da produção cinematográfica nacional, de maneira a incorporar tal política a um projeto político, fato ilustrado pelos autores por meio da menção a um pronunciamento feito por Getúlio Vargas em que o então presidente classificou o cinema como um dos mais úteis fatores de instrução do Estado Moderno, visto ter ele o poder de influir

diretamente sobre o raciocínio e a imaginação dos espectadores de qualquer classe social (VARGAS *apud* ALEGRIA; DUARTE, 2015).

Ao colocar-se esse componente da criação do novo, da transgressão, da arte e do cinema como fermento para o novo (Bergala), do cinema com função politizadora (Benjamin), que faz pensar (Xavier) problematiza-se a utilização que de modo geral é feita do cinema como recurso educativo, já que se opta na maioria das vezes por um uso superficial do cinema, como ilustração, que sirva à exemplificação de conteúdo, ou como puro entretenimento.

Pensando no cinema na contemporaneidade e versando sobre as concepções estereotipadas sobre o uso do material cinematográfico, em que se faz este tipo de uso da obra cinematográfica como entretenimento ou como ilustração, Motta e Fusaro (2014), apresentam o cinema como importante veículo de formação educativa e filosófica frente a todos os oferecimentos tecnológicos do século XXI, afirmando que:

Em tempos de grandes produções cinematográficas hollywoodianas em 3D e de uma sociedade cada vez mais imersa no uso das redes sociais, dos livros digitais e de todo o aparato tecnológico disponível neste século XXI, parece-nos pertinente o apontamento de algumas reflexões sobre o cinema como poderoso instrumento educativo [...] O primeiro tópico importante a destacar é a necessidade do uso do filme em sala de aula não como mero entretenimento, mas sobretudo como instrumento de educação sensória, óptica e sonora portadoras de um libertador levar a pensar. Arte que faz pensar. (p.41-42)

As autoras afirmam ainda, sobre a utilização do cinema que o uso dos dispositivos não verbais de um filme, pode ser libertador para o aluno, por conseguinte para os indivíduos, já que se configura como “exercício de sensibilização sensória, óptica e auditiva que ele poderá estender à própria vida, tornando-se mais sensível aos fatos da percepção e de sua própria interação neste processo” (MOTTA; FUSARO, 2014, p. 40).

Neste mesmo sentido, ao tratar das possibilidades abertas pelo uso do cinema no campo educacional, Freitas e Coutinho (2013), introduzem seu texto com uma tentativa de responder à questão *O que pode o cinema?*, na qual de imediato afirmam que, de maneira geral, é feito um uso - ao qual os autores se opõem - que é superficial, utilitarista e clichê do cinema, que se emprega como ferramenta pedagógica que serve para “memorizar, repetir, explicitar, explicar, tornar claro, enfatizar [...] indo até um uso predominantemente disciplinador e normalizador” (FREITAS; COUTINHO, 2013, p.

478). Os autores, demonstrando o histórico da utilização do cinema no campo educacional, remetem ao Barroco a gênese da utilização da imagem visual para instruir, fazer recordar, ensinar. Os autores passam pela concepção da imagem que vale mais do que mil palavras, pelo livro didático que traz em si a imagem que não só complementa o texto, mas que se torna protagonista enquanto representante do mundo, e chegam, de acordo com suas próprias palavras, a “quase quatrocentos anos depois”, na atualidade, em que permanece o uso da imagem como normalizadora de condutas e/ou adestradora. (FREITAS; COTINHO, 2013, p. 483-484).

À tal concepção do cinema utilizado em sala de aula opõe-se um uso do cinema como “problematizador da vida contemporânea” (FREITAS; COUTINHO, 2013, p. 489), no qual é conferido ao cinema o poder de “presentificar e exibir as formas e os modos de ser e de viver contemporâneos, o que, por se encontrarem identificados à própria existência dos sujeitos viventes, passam despercebidos ou são imperceptíveis” (FREITAS; COUTINHO, 2013, p. 489).

Assim, o cinema surge como alternativa, inserida no campo educacional, para cumprir o papel de suscitador de questionamentos e não somente de ilustrador de situações. Mais detalhadamente, os autores, Freitas e Coutinho, 2013, baseados em autores como Deleuze, Guattari e Artaud, propõem três usos para o cinema, que fogem da utilização estereotipada, generalizada e generalizante, a saber: uso transgressor do cinema, para fazer “bem” pensar; uso visionário do cinema, que faz devir o pensamento; e uso do cinema como problematizador da vida contemporânea. Trata-se, segundo Almeida (2015, p. 126) de um uso do cinema “como meio de estar no mundo e pensar sobre ele”.

Na direção de explanar e defender o estabelecimento de uma conexão entre cinema e formação, ou cinema e educação, Duarte (2002), comparando a relevância do cinema, enquanto obra de arte, a materiais que geralmente se acessa com mais frequência no processo educacional, arrazoá: “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (2002, p. 17). No entanto, em que pese a relevância do cinema como instrumento pedagógico, a autora explana que o cinema ainda é visto apenas como recurso secundário, complemento de atividades que são tidas como “verdadeiramente educativas, como a leitura de textos” (p. 20), pois “enquanto os livros são assumidos por autoridades e educadores

como bens fundamentais para a educação das pessoas, os filmes ainda aparecem como coadjuvantes nas propostas de política educacional” (p. 20). Está aqui reforçada a problematização da posição que se relega ao cinema no processo educativo atual, inclusive questionando o acesso ao cinema e defendendo que este acesso seja mais democrático:

Defendemos o direito de acesso amplo e universal ao conhecimento, mas não defendemos o direito de acesso ao cinema – o Brasil é um dos países em que o ingresso de cinema está entre os mais caros do mundo. Até quando ignoraremos o fato de que cinema é conhecimento? (DUARTE, 2002, p. 20).

Ainda cotejando a linguagem audiovisual e a linguagem escrita, numa tentativa de desfazer a espécie de distanciamento ou contraposição que se criou entre estes instrumentos pedagógicos ou linguagens, Duarte questiona:

Afinal, educação não tem mesmo nada a ver com cinema? Atividades pedagógicas e imagens fílmicas são necessariamente incompatíveis? Por que se resiste tanto em reconhecer nos filmes de ficção a dignidade e a legitimidade culturais concedidas, há séculos, a ficção literária? (DUARTE, 2002, p. 20).

Com o intuito de buscar respostas a tais questionamentos, Duarte afirma que existe uma crença “mais ou menos comum” (p. 20), que vê como negativa a relação dos indivíduos com produtos audiovisuais, como a televisão e o cinema. Negativa, pois acaba por contribuir para o desinteresse pelas atividades pedagógicas calcadas em linguagem escrita. Isto é, reforça-se uma espécie de contraposição entre audiovisual e escrita. Esclarecendo que na verdade as duas linguagens na verdade devem ser utilizadas de modo complementar, Duarte novamente questiona: “Mas, depois de mais de um século da criação do cinema, como podemos acreditar que existam fronteiras intransponíveis entre linguagem escrita e linguagem audiovisual?” (2002, p. 21-22).

Há dois fatores possíveis de se relacionar a esta noção de contraposição entre linguagem escrita e linguagem audiovisual: a ampla difusão do cinema de entretenimento e também o preparo dos docentes para lidar com os recursos audiovisuais, especificamente o cinema, preparação esta que passa também pela seleção do material a ser utilizado com finalidade educacional.

Sobre o preparo oferecido aos docentes para o trato com a arte cinematográfica, retoma-se aqui a fala de Duarte que manifesta inquietações quanto à educação no geral ofertada:

Seria bom se todas as universidades e escolas tivessem espaços e equipamentos adequados para a exibição regular de filmes [...] Seria bom que os professores tivessem noções básicas de cinema e audiovisual em sua formação [...] Mas se queremos uma educação de qualidade para todos, em todos os níveis, não podemos nos contentar com o mínimo. (DUARTE, 2002, p. 95-96)

A argumentação da autora além de elucidar certa crítica com relação à formação oferecida no país, seja aos discentes, seja aos docentes, que não obtém orientação sobre o audiovisual ao longo de sua formação, elucida também o fato de que a formação mais abrangente, que articule diferentes linguagens, a exemplo da escrita e da audiovisual, deve se dar em todos os níveis de ensino, já que há expressa referência a todos os níveis, além de haver a explícita menção às universidades, que oferecem a formação superior, e às escolas, que dão conta dos níveis que vão do infantil ao médio. Depreende-se daí, ao tratar especificamente do ensino superior, que a articulação com a arte cinematográfica deve ocorrer nos mais distintos cursos oferecidos, sejam eles bacharelados, licenciaturas ou tecnológicos, os CSTs.

Considerando-se a propositura de formação articulada à prática cultural nos CSTs, apresentam-se no capítulo seguinte informações/considerações a respeito de tais cursos.

2 FORMAÇÃO SUPERIOR TECNOLÓGICA, EXTENSÃO E CULTURA

Os CSTs constituem-se como alternativa de formação superior no Brasil desde o final dos anos 1960. Conforme dados do último Censo da Educação Superior, datado de 2016 e que destaca as principais tendências da educação superior da última década (2006-2016), há, desde 2006, ampla adesão a tais cursos, inseridos no âmbito da educação profissional. O Decreto número 5154 de julho de 2004, que trata especificamente da educação profissional, estabelece que esta modalidade de educação se organiza de modo que contempla o nível de graduação superior, por meio da oferta de cursos e programas de educação profissional e tecnológica:

Art. 1º A educação profissional, prevista no art. 39 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), observadas as diretrizes curriculares nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação, será desenvolvida por meio de cursos e programas de:

- I - Qualificação profissional, inclusive formação inicial e continuada de trabalhadores;
- II - Educação profissional técnica de nível médio; e
- III - **Educação profissional tecnológica de graduação** e de pós-graduação (DECRETO 5154, grifos nossos).

Ao referir-se ao termo “educação profissional”, Christophe (2005) afirma que se trata de expressão genérica e que inclui diferentes “processos educativos, de formação e de treinamento em instituições e modalidades variadas” (CHRISTOPHE, 2005, p. 2). A autora, reforçando a abrangência já anunciada da expressão, esclarece que termos diferentes, tais como educação profissional, ensino técnico, ensino profissionalizante, formação profissional, capacitação profissional e qualificação profissional, “costumam ser utilizados indistintamente na literatura e na prática”. Há, de acordo com a autora uma profusão de instituições, públicas e regulares, privadas, patronais, como o sistema S, que oferecem cursos, também os mais diversos, com distintos objetivos e natureza, que se situam no âmbito da educação profissional.

Inseridos nesta vasta gama de formações denominadas educação profissional, estão os CSTs, que se configuram como cursos regulares de graduação.

Os dados do Censo da Educação Superior de 2016 demonstram crescimento ao longo dos últimos dez anos tanto na quantidade de CSTs oferecidos quanto na soma de matrículas realizadas em CSTs. Esta edição do censo traz dados estatísticos sobre o ensino superior nos últimos dez anos. Assim, apresenta-se neste recorte temporal (2006-2016) a variação na oferta de CSTs e também a variação nas matrículas realizadas em CSTs.

Desde o ano de 2006, verifica-se que houve um crescimento na quantidade de CSTs ofertados. Comparativamente, ainda que a maior parte das matrículas ocorra no bacharelado e na licenciatura, percebe-se uma variação no decênio 2006-2016 em que mais que se dobra a oferta de CSTs (de 3.037 para 6.216 matrículas, uma variação de 104%, ao passo que nos bacharelados a variação foi de 11.435 para 19.975, 74%, e nas licenciaturas de 6.436 para 6.693, ou cerca de 4%).

No tocante às matrículas realizadas, por meio da análise dos dados estatísticos trazidos pelo censo, constata-se que além do aumento na oferta, houve também um crescimento no número de matrículas em CSTs. No decênio 2006-2016 houve uma variação de quase 200% (de 325.901 matrículas para 946.229 matrículas).

Constatado papel de destaque dos CSTs na formação superior na atualidade, é imperativo conhecer as origens dos CSTs, além de conhecer qual a concepção de formação que se oferta nestes cursos.

2.1 Gênese legal e concepção da formação nos CSTs

No que diz respeito a sua origem, referenciada à LDB de 1961 (Lei Federal 4.024 de 1961, hoje revogada, com exceção dos artigos 6º ao 9º, pela atual LDB de 1996), os CSTs carregam, desde sua criação, a noção de serem cursos superiores que, primeiramente funcionam em caráter experimental, com características próprias, e que além disso, visam de imediato (por conta da menor duração e da adequação de seus programas) atender a necessidades de mão-de-obra, isto é, atender às exigências do mercado de trabalho.

Art. 104. Será permitida a organização de **cursos ou escolas experimentais, com currículos, métodos e períodos escolares próprios**, dependendo o seu funcionamento para fins de validade legal da autorização do Conselho Estadual de Educação, quando se

tratar de cursos primários e médios, e do Conselho Federal de Educação, quando de cursos superiores ou de estabelecimentos de ensino primário e médio sob a jurisdição do Governo Federal. (Lei 4.024/1961, grifos nossos)

Tal entendimento foi juridicamente reforçado, à época, quando da edição da Lei Federal nº 5.540/1968, conhecida como Lei da Reforma Universitária, (também revogada, com exceção do artigo 16, pela atual LDB, de 1996), na qual se estabelecem as bases para a criação de cursos com o objetivo de atender às demandas do mercado de trabalho. Além disso, categorizam-se os CSTs como cursos de formação intermediária, percepção que subsiste até os dias atuais:

Art. 18 – Além dos cursos correspondentes a profissões reguladas em lei, as universidades e os estabelecimentos isolados poderão organizar **outros para atender às realidades diversas do mercado de trabalho.**

Art. 23 – Os cursos profissionais poderão, segundo a área abrangida, apresentar modalidades quanto ao número e à duração, **a fim de corresponder às condições do mercado de trabalho.**

§1º - Serão organizados cursos profissionais de curta duração, **habilitações intermediárias** de grau superior.

§2º - Os estatutos e regimentos disciplinarão o aproveitamento dos estudos dos ciclos básicos e profissionais, inclusive os de curta duração, entre si e em outros cursos. (Lei 5.540/1968, grifos nossos)

Está reforçada neste dispositivo legal a concepção, superficial, da orientação da formação oferecida nos CSTs ter como objetivo único o atendimento a demandas do mercado de trabalho. Conforme histórico da educação profissional constante do Parecer 29/2002 do Conselho Nacional de Educação, os CSTs, desde suas origens, foram criados à luz desse clima de preconceito em relação à educação profissional. A percepção de que os CSTs proporcionam formação intermediária entre o ensino médio e o ensino superior justifica-se, segundo o grupo de trabalho que elaborou o anteprojeto da Lei da Reforma Universitária, pelo fato de o objetivo da criação destes cursos, centrar-se em “cobrir áreas de formação profissional hoje inteiramente destinadas ou atendidas por graduados em cursos longos e dispendiosos”, áreas profissionais que não precisavam necessariamente ser atendidas por bacharéis (PARECER 29, 2002).

Machado (2008), ao nos oferecer um panorama diacrônico sobre a formação tecnológica, que a reforça a concepção dos CSTs como cursos direcionados à formação para o trabalho, discorre:

Vistos como estratégia mais eficiente e de racionalização modernizadora dos investimentos na educação superior, a expectativa do governo militar era a de que esses cursos curtos satisfizessem diversas demandas: de formação de uma força de trabalho de nível superior que estaria sendo reclamada pelo modelo de desenvolvimento praticado no país; do próprio Estado, carente de quadros técnicos administrativos mais ajustados às exigências da tecnocracia; e de setores médios da população na sua pressão reivindicatória por mais vagas nas instituições universitárias públicas (MACHADO, 2008, p.3-4).

Por meio deste trecho, a autora demonstra a vivacidade da proposta ou do “destino” preparado para os sujeitos que se dedicassem a completar um curso superior de tecnologia: a inserção no mercado de trabalho. Tal afirmação é corroborada por Ramos e Ciavatta, quando discorrendo sobre educação profissional e ensino médio, argumentam que se estava ali diante de uma função formativa “subsumida ao caráter economicista da educação, que se tornou hegemônico na modernidade” (2011, p. 31), afirmação possível de estender à formação tecnológica.

Fatores como a menor duração dos cursos, geralmente dois ou três anos, o imediato interesse em atender o mercado de trabalho, o distanciamento dos estudos científicos em sentido estrito e até mesmo o perfil socioeconômico dos estudantes tecnólogos são fatores citados por Machado, ainda versando sobre a gênese dos CSTs, como relevantes para que perdure uma confusão entre ensino superior tecnológico e ensino técnico (MACHADO, 2008). Ademais, tais fatores reforçam a concepção de formação não centrada nos sujeitos que se formam, mas sim centrada nas demandas de um “mercado” de trabalho constantemente mais exigente.

Frequentemente, estudantes e egressos de CSTs são confundidos com estudantes e egressos de cursos técnicos. A este respeito, distinção entre CSTs e cursos técnicos, Cortelazzo (2012, p. 22) arrazoia que os cursos técnicos podem ser cursados de modo concomitante, integrado ou posterior ao ensino médio, e proporcionam formação com habilidades técnicas para o mundo do trabalho, em oposição ao ensino médio tradicional, propedêutico. Por sua vez, os CSTs, ou o ensino superior tecnológico, têm como requisito a conclusão do ensino médio e

obrigatoriamente, segundo o autor, devem desenvolver conhecimento novo, tecnologia a partir do conhecimento preexistente ou de nova descoberta.

Tal necessidade de distinguir os CSTs dos cursos técnicos remete à discussão a respeito dos papéis desempenhados pelos tecnólogos, os egressos dos CSTs, no mercado de trabalho. Há alguns trechos-chave no texto de Machado (2008) que evidenciam estes papéis:

Em contraste com os bacharelados encarregados de formar para o trabalho de concepção, a graduação tecnológica visava formar para o trabalho de operação e gestão [...] O tecnólogo continuava, assim, a ser identificado, simplesmente, como técnico de nível superior. Também era tomado como de pouca capacidade de autonomia (2008, p.7).

Desdobra-se, devido ao histórico de criação dos CSTs, até os dias atuais uma noção, bastante difundida e que é necessário superar, de que estes são cursos em que o mote é simplesmente dotar os alunos de conhecimentos a respeito das técnicas mais adequadas para o mercado de trabalho. Desta maneira, outros aspectos da formação, como a formação cultural, humanística precisam estar integrados ao que se entende como formação profissional e tecnológica. Neste sentido, Machado (2008, p. 15) afirma que “o predomínio de uma concepção tecnicista insiste em considerar que educação profissional e tecnológica se faz com um mínimo de conteúdos culturais e científicos”.

Adorno (2010), versando sobre o processo de formação e a semiformação, tratando da questão da apropriação e do diálogo de saberes, aborda esta orientação estritamente mercadológica da formação, e associa a este tipo de formação ao lugar em que “nada existe de muito elevado e caro”:

Por inúmeros canais, fornecem-se às massas bens de formação cultural. Neutralizados e petrificados, no entanto, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado e caro. Isso se consegue ao ajustar-se o conteúdo da formação, pelos mecanismos de mercado, à consciência dos que foram excluídos do privilégio da cultura [...] A estrutura social e sua dinâmica impedem a estes neófitos os bens culturais que oferecem ao lhes negar o processo real da formação, que necessariamente requer condições para uma apropriação viva desses bens. (ADORNO, 2010, p. 16).

A este respeito, Batista (2012) reforçando a concepção de que os CSTs devem ser organizados de modo a proporcionar formação mais abrangente, e não somente atender a demandas mercadológicas, afirma que:

Contrariando os preconceitos de uma cultura do bacharelado que opõe formação tecnológica e universitária, os cursos para formação de tecnólogos têm priorizado a democratização do acesso e a empregabilidade, a parceria com o setor produtivo, sem descuidar da qualidade e de um aprofundamento na discussão sobre a dimensão social da tecnologia, que não diz respeito apenas às habilidades de manuseio de equipamentos. A separação entre uma formação humanística, enquanto formação teórica e básica, como se ela fosse incompatível com uma formação tecnológica, essencialmente prática, carece de fundamentação epistemológica e comprovação empírica (BATISTA, 2012, p. 35).

Está apresentada neste trecho a proposta de uma formação que supere a concepção que relega os CSTs à condição de cursos tecnicistas, que fornecem formação superficial e apenas útil ao atendimento das demandas do mercado de trabalho. Conforme apresentado por Batista (2012), os CSTs dispõem de bases para proporcionar a seus egressos e estudantes formação que supera a contraposição entre bacharelados, considerados como cursos mais densos, e tecnológicos, vistos erroneamente como formação aligeirada e de certo modo superficial, esvaziados de conteúdos mais teóricos. Ressalte-se ainda que, conforme a autora, a oposição entre uma formação abrangente e uma formação capaz de dotar os indivíduos de qualificações técnicas não encontra fundamentação, visto que elas não se excluem, mas sim se complementam. A autora defende ainda que não cabe, quando se pretende formar um cidadão trabalhador no qual se acumulem competências operacionais e estratégicas, uma formação meramente tecnicista.

Ainda que se pense em uma formação que vise estritamente atender aos interesses mercadológicos, há certa “penalização do mercado” se forem formados indivíduos centrados na execução de tarefas ou na aplicação de técnicas com maestria. Freire (2015, p. 32), enquanto docente da graduação e da pós-graduação do CPS, e tratando da formação oferecida pelas Fatecs, aborda este ponto de vista enunciando:

Mesmo o mercado de trabalho, via empresas, para quem nossos cursos são prioritariamente voltados, poderia compreender que essas não são palavras retóricas, que sua exigência e pressão pela inserção de mais e mais disciplinas técnicas em detrimento de contemplar tais

habilidades, na verdade volta-se contra ele mesmo quando buscam profissionais mais inventivos para alimentar seu desejado processo de inovação tecnológica para gerar mais valor. Deixar essas habilidades de lado é muitas vezes tirar o centro da possibilidade da invenção e se contentar com pequenas inovações incrementais, pensamento de curto prazo, não estratégico. (FREIRE, 2015, p. 32).

As habilidades a que o autor se refere são a intuição, a criatividade e a sensibilidade, que são colocadas como centrais para alimentar a invenção, da qual decorre a inovação, valorizada e buscada na contemporaneidade. Se a orientação é proporcionar uma formação direcionada, de maneira simplificada e estereotipada para o mercado de trabalho, as disciplinas, as atividades e as orientações tidas como mais humanísticas, voltadas para cultura geral, atreladas à discussão a respeito da situação social na atualidade serão, provável e pouco estrategicamente, colocadas em segundo plano. Não é abordagem presente nas diretrizes curriculares mais recentes.

No que tange à densidade teórica/epistemológica da formação profissional, Linsingen (2015, p. 302) expõe que as práticas destinadas a estas formações (profissionais ou tecnológicas) habitualmente se restringem “à apresentação de conteúdos das ciências ditas básicas numa fase de formação e mais adiante os conteúdos técnicos nas disciplinas aplicadas, sem levar em conta as culturas e os saberes locais, a simetria que deveria haver, o diálogo de saberes”. Segundo o autor, não basta instrumentalizar os estudantes por meio de uma difusão prévia de teoria, seguida da simples inserção de disciplinas técnicas, sem que se proponha reflexão sobre as inter-relações entre estas e aquelas. Delineia-se, deste modo, uma problematização “em termos dos processos de elaboração e de inserção de currículos e das limitações do processo de formação profissional, incluídas as [formações] de professores das áreas técnicas e a formação para a cidadania” (LINSINGEN, 2015, p. 302).

Colocadas tais considerações acerca das concepções de formação nos CSTs, adiante se apresentam as diretrizes curriculares atuais, ou marcos legais, que tratam da educação superior tecnológica.

2.2 As diretrizes curriculares atuais para a formação nos CSTs

O Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia (CNCST), criado a partir de 2006 e revisado periodicamente, é o documento que descreve os CSTs ofertados no país, bem como os eixos tecnológicos que estruturam a organização dos CSTs, o perfil profissional que traz as ações que o egresso do CST é capaz de realizar, e outras informações tais como carga horária e infraestrutura mínima para os CSTs. Neste documento, o tecnólogo como o profissional:

[...] cada vez mais apto a desenvolver, de forma plena e inovadora, as atividades próprias de cada curso tecnológico, com capacidade para utilizar, desenvolver ou adaptar tecnologias com a compreensão crítica das implicações daí decorrentes e das suas relações com o processo produtivo, o ser humano, o ambiente e a sociedade (CNCST, 2016, p.8).

Ao observar tal descrição, suscita-se, de imediato, a dúvida quanto à possibilidade, mesmo se restringindo à proposta de atender a necessidades mercadológicas, de excluir dos programas de cursos tecnológicos, as temáticas, atividades e disciplinas voltadas para uma formação mais abrangente e que inclua atividades mais conectadas, por exemplo, com arte e com a cultura. Como formar tecnólogos autônomos, com capacidade de decisão, de crítica, de inovação, sem inserir nesta formação práticas que estimulam a criticidade, a reflexão, o questionamento sistemático de seu entorno? Se o programa do curso superior de tecnologia privilegia o ensino de disciplinas técnicas, serão formados técnicos de nível superior, aptos para executar tarefas com muita eficiência, porém incapazes de reorganizar e repensar estratégica e criticamente estas tarefas (MACHADO, 2008).

Demonstrando que ainda há alguma incompreensão quanto a esse tipo de curso, no próprio CNCST de 2016 há a seguinte formulação para responder à pergunta “O que é um Curso Superior de Tecnologia?”

Trata-se de um curso de graduação, que abrange métodos e teorias orientadas a investigações, avaliações e aperfeiçoamentos tecnológicos com foco nas aplicações dos conhecimentos a processos, produtos e serviços. Desenvolve competências profissionais, fundamentadas na ciência, na tecnologia, **na cultura** e na ética, tendo em vista o desempenho profissional responsável, consciente, criativo e crítico. (CNCST, 2016, p.181)

Nesta definição reafirma-se a importância da dimensão cultural para a formação do tecnólogo, integrada às dimensões tecnológica e científica. Outrossim, evidencia-se a orientação de, nos CSTs, atentar-se para formar indivíduos conscientes de sua realidade e capazes de pensá-la criticamente.

O Parecer 436/2001 do MEC e que versa especificamente sobre os CSTs prevê, como um dos objetivos dos CSTs, a realização de pesquisa aplicada, estimulando o desenvolvimento de soluções tecnológicas, de forma criativa, e estendendo seus benefícios à comunidade (p.4).

Outrossim, a Resolução nº 3/2002 do Conselho Nacional de Educação, que institui as diretrizes gerais para a organização e o funcionamento dos CSTs, prevê, no inciso IV do artigo 2º, que estes cursos deverão, dentre outras obrigações “propiciar a compreensão e a avaliação dos impactos sociais, econômicos e ambientais resultantes da produção, gestão e incorporação de novas tecnologias. (p. 162). Além disso, “o atendimento às demandas dos cidadãos, do mercado de trabalho e da sociedade”, aparece por meio do inciso I, do artigo 3º, que define os critérios para a organização e o planejamento dos CSTs. (p.162)

A mesma resolução, em seu artigo 6º, defende que a organização curricular dos CSTs deverá contemplar o desenvolvimento de competências profissionais e será formulada em consonância com o perfil profissional do curso. É o delineamento do perfil da formação que definirá sua identidade e que revelará o compromisso ético da instituição com seus alunos e também com a sociedade. A citada resolução prevê que a organização curricular do curso ofertado deverá incluir fundamentos científicos e humanísticos necessários ao graduado no CST. (p.163)

2.2.1 As diretrizes para os CSTs e as Faculdades de Tecnologia (Fatecs)

Desde a criação do CPS, em 1969, as Faculdades de Tecnologia (Fatecs), que juntamente com as Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) são administradas pelo CPS, constituem-se importantes centros de oferecimento de ensino superior tecnológico. No mês de novembro do ano de 2017, o CPS contabilizava 68 unidades das Fatecs,

em 60 municípios do estado de São Paulo, sendo oferecidos 73 CSTs em diferentes áreas do conhecimento.¹

Manfredi (2002, p. 167) ao tratar da educação profissional de nível superior tecnológico, afirma que “Este nível de educação profissional é ministrado nas Faculdades de Tecnologia – Fatecs”. Mais adiante, a autora faz novamente referência ao CPS e às Fatecs ao tratar da ampliação da educação profissional no estado de São Paulo.

Dada a representatividade das Fatecs para o ensino superior tecnológico, apresenta-se trecho de seu Regimento Unificado (Regimento Unificado das Faculdades de Tecnologia do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza), como maneira de elucidar os princípios que orientam a formação superior tecnológica na instituição:

Artigo 3º - As Fatecs têm por objetivos:

- I – Ministrar cursos superiores de graduação tecnológica, bem como de pós-graduação, podendo ser oferecidos nas formas presencial, à distância ou híbrida, mediante aprovação do Conselho Deliberativo;
- II – Formar pessoal docente destinado ao ensino técnico e superior;
- III – Formar pessoal capacitado para atuar junto ao mundo do trabalho;
- IV – Desenvolver e promover a cultura, a ciência, a tecnologia e a inovação, por meio do ensino e da pesquisa aplicada;
- V – Promover atividades de extensão e de articulação com a comunidade, bem como oferecer serviços que esteja em consonância com suas atividades de ensino e pesquisas (REGIMENTO, 2016, p.2).

Observe-se que o Regimento Unificado das Fatecs, que baliza a atuação de todas as unidades no Estado de São Paulo, aborda não somente sobre o oferecimento de cursos de formação profissional, mas também o desenvolvimento e a promoção da cultura, por meio do ensino e da pesquisa, como objetivos da instituição. Tal colocação alinha-se àquela definição de CST proposta pelo CNCST de 2016. Coloca-se também no Regimento a extensão e a articulação com a comunidade como objetivos a serem perseguidos pelas Fatecs. Percebe-se que há, por meio das diretrizes educacionais, a partir dos anos 2000, a perspectiva de que a cultura é inerente à formação. Isso está mencionado tanto no Regimento Unificado das Fatecs quanto no CNCST de 2016.

¹ Informação retirada de: <http://www.cps.sp.gov.br/cursos/fatec/>

Ainda observando o Regimento, verifica-se que em sua versão mais recente, o documento prevê, em seu capítulo III a instituição da Câmara de ensino, pesquisa e extensão, à qual compete se pronunciar sobre “as atividades didático-pedagógicas, de pesquisa e de extensão da Unidade, visando a garantia de sua qualidade e de seu desenvolvimento contínuo” (REGIMENTO, 2016, p.6). Dentre as funções próprias da câmara estão previstas, entre outras, funções como a emissão de pareceres sobre a criação, a modificação, a suspensão e a extinção de cursos de extensão universitária e atividades culturais em geral, bem como a supervisão dos trabalhos de pesquisa e de extensão de serviços à comunidade, propostos pelos Chefes de Departamentos ou Coordenadores de Cursos.

Todavia, note-se que, apesar de constarem no Regimento Unificado das Fatecs, ensino, pesquisa e extensão, tanto no que tange aos objetivos das Fatecs, quanto no que diz respeito à organização da instituição, tais institutos são vistos de modo segregado, segregação esta que se reflete até mesmo no tratamento jurídico conferido ao tema, visto que ensino e pesquisa aparecem explicitamente no inciso IV, ao passo que a extensão consta em um inciso separado, o inciso V. Este tipo de tratamento conferido à articulação entre ensino, pesquisa e extensão, na verdade acaba por desarticular a relação entre as três funções do ensino superior, de modo a tratar a extensão como o “algo a mais” oferecido pela IES, e não como função do ensino superior prevista na Constituição Federal.

Voltando-se novamente para os marcos legais que orientam a formação e o funcionamento dos CSTS, a já citada Resolução nº 3/2002 aponta para uma formação nos CSTs que não esteja exclusivamente orientada à qualificação de mão-de obra para inserção no mercado de trabalho. Há marcadamente referências a uma formação mais geral e à interação com a comunidade que circunda a instituição de ensino, como previsto no inciso I, do artigo 3º, que trata dos critérios para o planejamento e para a organização dos CSTs:

Art. 3º São critérios para o planejamento e a organização dos cursos superiores de tecnologia:

I - o atendimento às demandas dos cidadãos, do mercado de trabalho e da sociedade; (RESOLUÇÃO, p.162).

Para atender a tais demandas, apresenta-se a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, sendo que a extensão tem função decisiva neste atendimento,

já que é por meio dela que se alcança maior proximidade com a comunidade e que se criam condições de entender quais são tais demandas de maneira a atendê-las de modo adequado. De modo a melhor compreendê-la, apresentam-se na sequência considerações sobre suas orientações legais, seu histórico e seu alcance.

2.3 A Extensão

A Constituição da República Federativa do Brasil (1988) prevê, em seu artigo 207, que no âmbito da educação superior, o ensino, a pesquisa e a extensão devem articular-se de modo indissociável. Além da Constituição Federal de 1988, a LDB de 1996, ao tratar da educação superior, reforça essa concepção de tripé sobre o qual deve organizar-se o ensino superior, o tripé da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Em que pese a relevância atribuída, até mesmo nos dispositivos legais, à extensão universitária, vista como ferramenta capaz de proporcionar à universidade uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental e na defesa da diversidade social (SANTOS, 2011). As noções do que são o ensino e a pesquisa não suscitam na comunidade, seja ela acadêmica ou não, tantas dúvidas quanto a definição do que é a extensão (ALMEIDA, 2010).

De acordo com Sousa (2000, p. 13) o termo extensão apareceu pela primeira vez em 1931, no Decreto Federal 19.851, primeiro Estatuto da Universidade Brasileira. Conforme Carbonari e Pereira (2007, p. 23), este decreto delineou como atividade extensão “não só a realização de cursos e conferências objetivando a difusão de conhecimentos úteis à vida individual e coletiva, mas também a apresentação de soluções para os compromissos sociais e a propagação de ideias e princípios de interesse nacional”. Tal fato, de acordo com as autoras, representou um incremento na concepção de atividade extensionista, visto que as primeiras experiências de extensão no país, ocorridas entre 1911 e 1917 na Universidade Livre de São Paulo, não estavam focadas nos problemas sociais e econômicos da comunidade (CARBONARI; PEREIRA, 2007).

Segundo Sousa (2000), nas décadas seguintes, décadas de 50 e de 60, o Movimento Estudantil Brasileiro organizou-se de modo comprometido com a situação

social contemporânea. No entanto, tal atuação foi pouco expressiva para a caracterização e para a institucionalização da extensão universitária.

Ainda na década de 60, de acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária (2012), uma vez instalada a ditadura militar, foram criados os Centros Rurais de Treinamento e Ação Comunitária – CRUTACs – e o Projeto Rondon, que apesar de subordinados à política de segurança nacional e imbuídos de aspirações políticas, proporcionaram ao universitário brasileiro importantes experiências junto às comunidades/populações rurais.

Em 1987, após a abertura política, foi criado o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão, hoje Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino (FORPROEX), e que proporcionou condições para definir a extensão universitária (POLÍTICA, 2012). A partir daí passa a existir de fato um debate sobre a extensão universitária no país, bem como se estabelecem documentos como o Plano Nacional de Extensão Universitária e a Política Nacional de Extensão Universitária. Além disso, cria-se o Programa de Fomento à Extensão Universitária (PROEXTE), que colaborou para que se discutisse o financiamento das ações de extensão, bem como suas diretrizes.

A partir de um amplo debate, o FORPROEX apresenta o conceito de extensão universitária, qual seja:

A extensão universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012, p.28).

Daqui pode-se depreender a necessidade de conjugar as práticas de extensão às práticas de ensino, conforme se verifica na LDB de 1996, na Constituição Federal de 1988, e em outros textos legais, que inserem a extensão como uma das finalidades da educação superior (BRASIL, 1996). Define-se aqui a relevância da extensão como aquela que possibilita a conexão entre as instituições de ensino superior e as comunidades que as circundam, de maneira que as práticas, as descobertas, os benefícios trazidos pelo ensino e pela pesquisa circulem não somente dentro das instituições de ensino, mas por toda a sociedade, atendendo às suas demandas.

No Plano Nacional de Extensão Universitária (2001) refina-se a concepção de extensão e defende-se que a extensão universitária deve ir além da compreensão tradicional de disseminação de conhecimentos (cursos, conferências, seminários), prestação de serviços (assistências, assessorias e consultorias) e difusão cultural (realização de eventos ou produtos artísticos e culturais) e orientar-se para um modo de atuação que em que a relação com a população seja tida como oxigenação necessária à vida acadêmica (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2001, p. 2).

Orientando-se de acordo com tal atuação, a produção do conhecimento proporcionada pela extensão universitária ocorreria por meio de uma troca de saberes acadêmico e popular, tendo como consequência “a democratização do conhecimento, a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade e uma produção resultante do confronto com a realidade” (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2001, p. 2).

De acordo com Correa (2000) é necessário descolar-se da concepção de uma extensão universitária de caráter filantrópico, assistencialista, que coloca a extensão universitária como uma simples validação social da universidade. O autor afirma ainda que é bastante problemática a visão da extensão como captadora de recursos extras para as instituições de ensino, por meio da venda de cursos. Tais concepções (filantropia e captação de recursos extras) conflitam com a concepção do autor, e também do Plano Nacional de Extensão Universitária, que defende uma extensão universitária compromissada com a solução dos problemas sociais existentes. Ainda de acordo com Correa (2000) há quatro perspectivas segundo as quais as ações de extensão devem ser orientadas, sendo elas:

- A relação social de impacto entre universidade e outros setores da sociedade deve ser transformadora, deve promover mudanças no sentido de melhorar a qualidade de vida da população, aliada à busca pela superação de desigualdades e de exclusão;

- A bilateralidade deve reger as relações com outros setores da sociedade, deve ocorrer uma troca de saberes – popular e acadêmico – não cabendo chance a “hegemonia” da universidade;

- A interdisciplinaridade ou interação de modelos e conceitos complementares e que conduzirá a interprofissionalidade e à interinstitucionalidade;

- A indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão que reafirma a extensão como processo acadêmico e que aponta para uma concepção em que nenhuma ação de extensão pode estar desvinculada do processo de formação e de geração do conhecimento.

Ao reafirmar o compromisso social da universidade como forma de inserção nas ações de promoção e garantia dos valores democráticos, de igualdade e desenvolvimento social, a extensão se coloca como prática acadêmica que objetiva interligar a universidade, em suas atividades de ensino e pesquisa, com as demandas da sociedade (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2001, p. 2).

Neste sentido, Almeida (2010, p. 13) afirma que a extensão “dever ser necessária para o processo formativo da comunidade acadêmica e também deve contribuir para viabilizar as transformações necessárias da sociedade”.

No Plano Nacional de Extensão Universitária (2001) reforça-se tal concepção de extensão universitária, além de reiterar-se a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão.

A conceituação de extensão universitária assumida pelos Pró-Reitores de Extensão do país expressa uma postura importante da universidade diante da sociedade em que se insere. Sua função básica de produção e de socialização do conhecimento, visando a intervenção, na realidade possibilita acordos e ação coletiva entre universidades e população. Por outro lado, retira o caráter de terceira função da extensão, para dimensioná-la como filosofia, ação vinculada, política, estratégia democratizante, metodologia, sinalizando para uma universidade voltada para os problemas sociais com o objetivo de encontrar soluções através da pesquisa básica e aplicada, visando realimentar o processo ensino-aprendizagem como um todo e intervindo na realidade concreta (p.3).

Correa (2000) e Almeida (2010) ponderam, no entanto, que a intervenção do projeto extensionista na realidade da população não deve levar a universidade a substituir funções de responsabilidade do Estado. Conforme consta no Plano Nacional de Extensão Universitária (2001), é preciso produzir saberes, científicos, tecnológicos, artísticos e filosóficos e torná-los acessíveis à população. Isto é, a compreensão da natureza pública da universidade se confirma na proporção em que diferentes setores

da população brasileira usufruam os resultados produzidos pela atividade acadêmica, o que não significa ter que, necessariamente, frequentar seus cursos regulares.

Adicionalmente, Scachetti, Sigrist e Oliveira-Monteiro (2018), ao tratar da definição e do papel desempenhado pela extensão na atualidade, abordam a extensão sob três pontos de vista, a saber: a extensão voltada ao assistencialismo, a extensão baseada no relacionamento com movimentos sociais e com o objetivo de promover a transformação social, e por fim, a extensão como captadora de recursos por meio da prestação de serviços da IES para a sociedade. Após retomar autores que defendem estas distintas concepções sobre a extensão, Scachetti, Sigrist e Oliveira-Monteiro (2018) propõem um posicionamento que pense menos nas posições normativas acerca da definição de extensão e mais na maneira efetiva como a extensão pode “apresentar-se diferentemente a partir de algo que possa liga-la às outras dimensões consagradas da educação” ou “se mesclar ao ensino, à pesquisa e à gestão” (SCACHETTI, SIGRIST; OLIVEIRA-MONTEIRO, p. 103).

Pensando a extensão desta maneira, articulada, os autores trazem o texto da estratégia 12.7, que compõe a Meta 12 do Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014-2024, que versa sobre a proposta de se exigirem ao menos 10% (dez por cento) dos créditos curriculares dos cursos de graduação em programas e projetos de extensão, projetos e programas cuja atuação deverá ser direcionada para áreas de grande relevância social. Está apresentada pelos autores a proposta de curricularização da extensão, isto é, proposta de inserção das ações de cunho extensionista nos currículos ou nas matrizes curriculares dos cursos de graduação. Os autores apresentam os riscos de se pensar a extensão deste modo, tais como a possibilidade da simples creditação deste quantitativo de atividades extensionistas nos certificados ou diplomas, além da própria quantificação do espaço da extensão, limitado a 10% (dez por cento), quando, por outro lado, a previsão legal articula, e não divide (ou prescreve percentuais) ensino, pesquisa e extensão de modo indissociável. É somente sob tal perspectiva, a da indissociabilidade, que os autores argumentam que pode ser positiva a curricularização da extensão, que se constitui em “uma grande oportunidade” (p. 105) para que este componente do tripé que rege o ensino superior, demonstre sua força de intervenção social, ainda que tenha que ser diluída no currículo. Trata-se de pensar uma extensão universitária tão integrada aos demais

componentes do tripé, tão positivamente inserida no currículo de ensino e na agenda de pesquisa, que pode até mesmo, no limite, deixar de existir.

2.4 Extensão universitária e formação superior tecnológica

Voltando-se as atenções para o CPS e para as Fatecs, observa-se a declaração da missão da instituição de ensino como sendo: “Promover a educação profissional pública dentro de referenciais de excelência, visando o desenvolvimento tecnológico, econômico e social do Estado de São Paulo”. No delineamento de tal missão, é possível verificar que o desenvolvimento das três esferas (tecnológica, econômica e social) deve pautar a formação, para que seja de qualidade.

Ademais, valores, objetivos estratégicos e diretrizes do CPS, por conseguinte das Fatecs, reforçam a relevância da dimensão social associada à dimensão do ensino superior tecnológico, tais como: “Valorização e desenvolvimento humano; Respeito à diversidade e à pluralidade; Responsabilidade e sustentabilidade; Criatividade e inovação” (Valores), “Atender às demandas sociais e do mercado de trabalho; Obter a satisfação dos públicos que se relacionam com o Centro Paula Souza” (Objetivos estratégicos) e “Promover aplicação da tecnologia e estimular a criatividade para o desenvolvimento de competências humanas e organizacionais” (Diretrizes estratégicas).

Segundo Martino, Prados e Machado (2016, p. 123) - que à época da produção do artigo eram funcionários ligados à Administração Central do CPS, e que visavam, com a produção do texto, sistematizar ações de extensão realizadas no âmbito das Fatecs -, a prática extensionista é essencial para o alinhamento entre as instituições de ensino e a sociedade (resposta a demandas/necessidades sociais). Os autores seguem afirmando que

[...] a prática da extensão no âmbito do ensino superior tecnológico faz-se pertinente e oportuna, porque à medida em que as tecnologias de ponta apresentam uma estreita conexão com o conhecimento científico, o papel do tecnólogo se torna, cada vez mais estratégico, pois é de quem se espera aptidão à aplicação da tecnologia associada à capacidade de contribuir à pesquisa, bem como à inovação tecnológica e social.

O trecho recortado do artigo de Martino, Prados e Machado (2016) elucida a importância das práticas de extensão para os CSTs. A descrição de tecnólogo extraída do CNCST de 2016, aqui retomada, pede um profissional que desenvolva as atividades de seu curso e que, além disso, seja capaz de compreender criticamente as implicações do uso, do desenvolvimento e da aplicação de tecnologias na sociedade. (CNCST, p. 8). A extensão aparece então, articulada ao ensino e à pesquisa, como facilitadora dessa compreensão crítica.

Neste sentido, o Plano Nacional de Extensão Universitária (2001) propõe que é essencial à formação do profissional cidadão “sua efetiva interação com a sociedade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente e/ou para referenciar sua formação técnica com os problemas que um dia terá de enfrentar” (2001, p.5). Ainda de acordo com o citado plano, é a extensão, enquanto prática acadêmica, que interliga a universidade, nas suas atividades de ensino e de pesquisa com as demandas da maioria da população. Assim possibilita-se uma formação cidadã de seus estudantes, e se credencia a instituição de ensino, perante a sociedade, como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes.

A partir dessas premissas é que se considera a atividade de extensão, pelo potencial da comunidade universitária (professores, alunos, técnicos), um instrumento de mudança nas próprias instituições nas quais se desenvolve e também nas sociedades/comunidades em que essas instituições estiverem inseridas (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2001, p.5).

2.5 Extensão e cultura

Enquanto instituto capaz de gerar transformações sociais, por meio da articulação entre a academia e a comunidade, a extensão universitária, ainda que não vise substituir as funções do poder público, mas sim “somar-se aos seus esforços e subsidiá-los, de forma crítica e autônoma”, tem potencial para “contribuir para o enfrentamento da exclusão e vulnerabilidade sociais e combate a todas as formas de desigualdade e discriminação (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012, p. 43-44).

Desta maneira, de modo a nortear a atuação das instituições de ensino perante a comunidade, estão previstas oito áreas correspondentes a grandes focos de política social, isto é, de atuação das ações de extensão. A Política Nacional de Extensão Universitária (2012) prevê como ações de extensão aquelas relacionadas à Comunicação, à Cultura, aos direitos humanos e Justiça, ao meio ambiente, à saúde, à tecnologia e produção e ao trabalho.

Mais detalhadamente, a Política Nacional de Extensão Universitária prevê que dentre as áreas de atuação prioritárias, na articulação da extensão universitária com as políticas públicas está a “Promoção do desenvolvimento cultural, em especial a produção e preservação de bens simbólicos e o ensino das artes” (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012, p. 46).

Abranches (2014) descreve possíveis parâmetros para a organização das atividades de extensão. Segundo a autora, as ações de extensão organizam-se em três grandes grupos: cursos e seminários, oficinas e workshops a atividades culturais e de lazer, sendo estas últimas as que se enfocam neste trabalho, visto envolverem propriamente as “manifestações culturais” (ABRANCHES, 2014, p.53), como o cinema.

Neste sentido da articulação entre a extensão e a cultura, o Plano Nacional de Extensão Universitária (2001, p. 6) prevê, dentre seus objetivos “Considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais”.

Adicionalmente, o citado Plano propõe, enquanto meta de articulação com sociedade a “Promoção do desenvolvimento cultural, estimulando as atividades voltadas para o incentivo à leitura, turismo regional, folclore e cultura popular, em até dois anos” (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2001, p.8)

2.5.1 Cinema e educação: relações entre extensão e cultura na graduação tecnológica

Está colocada nos marcos legais, que orientam e descrevem as ações de extensão no Brasil, a relevância da área da cultura com uma das áreas que devem ser atendidas pelos projetos de extensão.

A cultura, para Chauí (2008) é capaz de proporcionar:

[...] mudanças em nossas experiências imediatas, abre o tempo com o novo, faz emergir o que ainda não foi feito, pensado e dito. Captar a cultura como trabalho significa, enfim, compreender que o resultado cultural (a obra) se oferece aos outros sujeitos sociais, se expõe a eles, como algo a ser recebido por eles para fazer parte de sua inteligência, sensibilidade e imaginação e ser retrabalhada pelos receptores, seja por que a interpretam, seja por que uma obra suscita a criação de outras. A exposição das obras culturais lhes é essencial, existem para serem dadas à sensibilidade, percepção, inteligência, reflexão e imaginação dos outros (p.65).

Está defendida em Chauí a noção de que a cultura deve ser algo corrente e recorrente na vida cotidiana dos indivíduos. A partir daí, é possível depreender-se que deve ser recorrente também na formação dos cidadãos, incluindo-se a formação nos CSTs. Além disso, coloca-se na argumentação da autora, a proposição de que a exposição aos produtos culturais estimula habilidades como a criatividade, a inteligência, a percepção e a sensibilidade para demandas sociais, culturais e ambientais, itens previstos nas diretrizes curriculares mais recentes que orientam a formação nestes cursos.

Ao discorrer sobre sua prática como docente de um CST buscando enfatizar a relevância da experiência cultural como intrínseca à formação profissional, Freire (2015) explana a relevância da utilização de material cinematográfico, especificamente nas salas de aula destes cursos, de modo a proporcionar aos indivíduos uma formação aderente às diretrizes curriculares mais recentes e que, além disso, proporcione a percepção e a reflexão sobre as imbricações entre a tecnologia (visto estar-se falando sobre CSTs), a cultura (aqui materializada na arte cinematográfica) e sociedade (já que se trata de seres humanos e sociais):

Parte-se do princípio que as expressões artísticas, mais especificamente centradas na produção imagética do cinema, são formas legítimas para se pensar e agir no mundo e que, por via da percepção e da sensação, contribuem efetivamente para a formação tanto pessoal quanto profissional dos alunos (FREIRE, 2015, p. 31).

Neste sentido de utilizar obras cinematográficas para proporcionar formação mais abrangente nos CSTs, Freire (2015) propõe a utilização de tais materiais de um modo que, conforme exposto por Duarte fuja do “uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis” (2002, p. 87). Assim, deve-

se ultrapassar as fronteiras do já habitual, do uso utilitário, clichê do cinema, para que deste modo seja possível alcançar a formação que propicie, conforme diz o próprio autor adiante “sensibilidade para questões humanísticas, sociais e ambientais” (FREIRE, 2015, p. 31), pois,

Trata-se de fazer um exercício de percepção audiovisual para além do já dado, para além das interpretações temáticas pré-concebidas e habituais dadas em sinopses, buscando desenvolver habilidades que vão além das técnicas necessárias aprendidas durante o curso, habilidades estas que não deveriam ser encaradas simplesmente como complementares, subalternas no conjunto da formação tecnológica, como se vem observando nos últimos anos (p. 30).

O autor esclarece que é a exposição a obras artísticas, como o cinema, que impulsiona uma formação que ultrapassa as fronteiras do oferecimento de cursos eminentemente técnicos, sobre os quais há uma concepção superficial, generalizada e que vai contra as diretrizes curriculares nacionais, que vê como facultativas ou dispensáveis aos indivíduos habilidades a como a intuição, a percepção e a sensibilidade.

Somam-se às capacidades citadas (intuição, a percepção e a sensibilidade), a reflexão e a imaginação (CHAUÍ, 2008, p.65), que contribuem para a consecução da “compreensão crítica da tecnologia nos processos de produção atual e na sociedade como um todo” (CNCST, 2016, p.8). Retorna-se neste ponto à exposição de Chauí que dá ao cinema a capacidade de fazer com que os indivíduos pensem sua realidade, de modo a transformá-la (1997), por meio do exercício e do desenvolvimento da sensibilidade, da percepção, da inteligência, da reflexão e da imaginação.

Neste sentido, refletindo sobre a relação entre o cinema e a educação, ou uso educativo do cinema, Rezende (2012), afirma que se trata de uma relação que faz pensar sob diversos ângulos a realidade cotidiana, assim deve ser pensada uma “educação que é maior do que aquilo que acontece na sala de aula e um cinema maior do que o que se passa na tela” (p. 61).

Desta maneira, considerando-se o despertar da sensibilidade para questões humanísticas, sociais e ambientais (FREIRE, 2015), o despertar para a transformação da realidade (CHAUÍ, 1997), e uma concepção de educação que transcende a sala de aula (REZENDE, 2012), é imperioso pensar em ações que envolvam tais âmbitos. Quando aproximados, estes pontos podem conduzir a realização de projetos ou

ações, como as de extensão, que se constituem como um modo de a instituição de ensino aproximar-se e colocar-se no lugar da comunidade em que se insere. Neste sentido, abre-se a possibilidade de realização de ações, por parte de instituições educativas, utilizando-se o cinema, em comunidades em que o acesso aos bens culturais seja restrito.

Seguindo esta lógica, no capítulo seguinte apresenta-se a trajetória do *Fatec Paradiso*, exibição de cinema a céu aberto realizada no município de Cotia, que se constitui como projeto de extensão que visa propiciar o acesso ao cinema à população de Cotia. Ainda que não se trate de uma utilização concreta do cinema dentro da sala de aula, isto é, *in loco*, o *Fatec Paradiso*, é uma ação de extensão que nela reverbera, realizada por uma IES tecnológico, em uma experiência abrangente de aproximação entre cinema e educação.

3 FATEC PARADISO ENQUANTO PROJETO DE EXTENSÃO SOB A ÓTICA DE SEUS ORGANIZADORES E SEU PÚBLICO

Considerando-se a conceituação de extensão universitária constante nos marcos legais aqui abordados, bem como a cultura enquanto área de atuação da extensão, e o cinema como manifestação cultural, vislumbra-se o *Fatec Paradiso*, atividade organizada por alunos e professores do CST em Gestão Empresarial da Fatec Cotia, que tem como objetivo exibir filmes nacionais em uma praça pública do município de Cotia, no estado de São Paulo, como atividade de extensão cultural. Sabendo-se que o *Fatec Paradiso* envolveu atores como discentes, docentes e comunidade (público das sessões), apresentam-se neste capítulo os registros que são resultados de nossa pesquisa empírica junto a estes atores envolvidos no *Fatec Paradiso* tratando a respeito da construção e da execução da ação, bem como da reflexão sobre o projeto como ação de extensão.

3.1 O cenário da pesquisa

Cotia é um município do estado de São Paulo. A cidade localiza-se entre a capital e o interior, sendo considerada uma área de expansão da região metropolitana de São Paulo. De acordo com informações constantes do site da prefeitura da cidade, o fato de o município de Cotia estar próximo capital do estado faz com que o município seja bastante procurado para a instalação de novos negócios, para moradia com qualidade de vida e para passeios de um dia e de final de semana (PREFEITURA MUNICIPAL DE COTIA, 2018).

Segundo dados da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A (EMPLASA), Cotia ocupa uma área de 323,99 quilômetros quadrados e configura-se como o município que possui o maior PIB (Produto Interno Bruto) da porção sudoeste da região metropolitana, na qual está inserida juntamente com os municípios de Embu das Artes, Embu-Guaçu, Itapeverica da Serra, Juquitiba, São Lourenço da Serra, Taboão da Serra e Vargem Grande, conforme se verifica na Figura 1.

sua população, que em alguns casos retroagem a 1992 e em outros se projetam até 2030. Buscou-se localizar em tal documento dados relativos a programas, ações ou atividades relacionadas às artes e à cultura. No entanto, não há no documento qualquer indicação da realização de atividades nesta área (PREFEITURA MUNICIPAL DE COTIA, 2018).

Além da busca nas bases de dados do município, foi realizada uma pesquisa em websites que reúnem indicadores sobre o Estado de São Paulo (website da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), no qual é possível realizar uma seleção dos dados por município. Assim como nas bases municipais, não foram localizados indicativos de projetos, ações ou atividades da área cultural, fato que é sintomático ao se pensar que talvez não se perceba tal área como relevante, tanto que não há esforços no sentido de reunir dados relativos a ela.

Voltando agora a contextualização para a IES em que se organizou o *Fatec Paradiso*, esclarece-se que a Fatec Cotia é uma instituição estadual, inaugurada no ano de 2014 e que se configura como a única IES gratuita do município. Desde sua inauguração, são oferecidos dois cursos pela instituição: o CST em Gestão Empresarial e o CST em Gestão da Produção Industrial. Ambos os cursos têm duração de 6 semestres e é no âmbito de um deles, o CST em Gestão Empresarial, que se propõe e organiza o *Fatec Paradiso* desde 2015.

No que diz respeito à compreensão da percepção sobre as três edições do *Fatec Paradiso*, foram realizadas entrevistas com discentes que conduziram a organização do evento, assim como foram também realizadas entrevistas com participantes, ou público do evento.

Inicialmente realizamos uma descrição do *Fatec Paradiso*, em suas três edições, com base na atuação dos docentes envolvidos na realização da ação e em documentos produzidos pelos discentes após a concretização da exibição. Além disso, são transcritos trechos de entrevistas realizadas pela pesquisadora com dois grupos de alunos envolvidos na organização da ação (grupos da segunda e da terceira edições, por serem as mais recentes). São também inseridos trechos de entrevistas realizadas com o público do evento, pessoas que assistiram à exibição da terceira edição do *Fatec Paradiso*, também por ser a exibição mais recente ocorrida em 2017.

3.2 As exposições realizadas

Na sequência são descritas, uma a uma, as exposições do *Fatec Paradiso*. A partir do ano de 2015 até o mês de maio do ano de 2018 foram realizadas três exposições ou edições do *Fatec Paradiso*, uma em cada ano (2015, 2016 e 2017), pois após a terceira edição a IES decidiu suspender as atividades de cunho extensionista por tempo indeterminado. Conforme se verá com mais detalhes nas descrições adiante, as duas primeiras foram realizadas em um local, a Praça da Matriz, localizada no centro do município de Cotia, e a terceira (e última, por ora) na Praça dos Romeiros, localizada em Caucaia do Alto, bairro da cidade de Cotia. Todas as exposições foram realizadas por meio de trabalho conjunto de discentes e docentes e estavam atreladas a disciplinas do CST em Gestão Empresarial.

3.2.1 Primeira edição do *Fatec Paradiso*

Após alguns meses de trabalho (de agosto a novembro de 2015) alcançou-se o resultado da fotografia abaixo (Figura 2): a primeira exposição do *Fatec Paradiso*. Ainda que se trate de uma fotografia amadora, retratada utilizando-se um equipamento amador, um celular, a imagem ilustra a concretização do planejamento de quase um semestre letivo inteiro. Este é o registro do momento em que se exibiu na Praça da Matriz, no município de Cotia, o filme *Lisbela e o prisioneiro*, na noite do dia 21 de novembro de 2015.

Depois de optarem pela realização do “projeto do cinema”, conforme consta em relatório sobre o projeto entregue aos professores das disciplinas nas quais se realizou o *Fatec Paradiso*, o grupo responsável pela organização da exposição instituiu como objetivo da ação:

proporcionar aos participantes uma programação de filmes que permitirá uma experiência para a criação de novas políticas culturais. Levar cultura a população, proporcionando lazer e entretenimento, de forma diferenciada com filmes projetados em telões ao ar livre, incentivando a produção cinematográfica e a valorização do patrimônio cultural. A intenção do projeto é transformar um local que é hostil à convivência em um espaço em que as pessoas possam ocupar com arte e cultura.²

² Trecho extraído de trabalho entregue pelos alunos ao final da disciplina de AACC (2º Sem. 2015)

Figura 2 – Público assiste ao filme *Lisbela e o prisioneiro* na primeira edição do *Fatec Paradiso*



Fonte: Fatec Cotia (2015)

Perseguindo tais objetivos, o grupo, que semanalmente durante a aula de AACCC dedicava-se à construção da ação, apoiados pelos docentes, passou a pensar aspectos de sua realização, tais como o local para exibição, as autorizações necessárias, a infraestrutura demandada (cadeiras, telão, projetor, caixas de som, tendas, entre outros), atrações disponíveis, modos de divulgação da exibição, riscos envolvidos na execução do projeto, parceiros necessários à consecução da exibição e escolha do filme. A partir do entendimento de tais necessidades, criaram-se cronogramas, matrizes de risco, *status reports*, estruturas analíticas de projetos e outros documentos com o objetivo de subsidiar a organização do evento (documentos permeados pelo PMI, que era uma exigência da disciplina de AACCC). O grupo definiu que haveria, além do filme, uma banda antes da exibição do filme e um sarau depois.

No que diz respeito especificamente à escolha do filme exibido (*Lisbela e o prisioneiro*), de acordo com relatos do grupo, o filme foi escolhido, após sugestão do corpo docente envolvido na organização do projeto, por razões como o roteiro (cômico e romântico), que acreditava-se ser capaz de manter o público até o final da exibição, a classificação etária livre e os direitos de exibição livres também. O filme é do ano de 2003, baseou-se em um livro com o mesmo título, do escritor brasileiro Osman Lins e foi dirigido por Miguel Arraes de Alencar Filho. A obra conta a história de *Lisbela*, uma jovem admiradora do cinema que, conforme se desenvolve o enredo, nos narra o que se passa em sua vida como se fosse um filme, isto é, de modo cinematográfico, pois

ao longo da exibição do filme há inúmeras cenas em que os atores ou estão em uma sala de cinema ou contam suas histórias e situações fazendo paralelos com o mundo cinematográfico. Ao longo da trama, *Lisbela*, apesar de “prometida” a um “bom rapaz”, envolve-se amorosamente com *Leleu*, jovem que se envolve em inúmeros conflitos ao longo da película. A história se passa na cidade de Vitória de Santo Antão, mesma cidade em que nasceu o autor do livro que deu origem ao filme.

No que tange ao local da exibição, o grupo definiu que o local ideal seria a Praça da Matriz, praça próxima ao comércio local de Cotia, no centro da cidade, já que a possibilidade de realizar a exibição no estacionamento da Fatec Cotia fora descartada devido a questões relativas ao custo de locação dos equipamentos, mais caros no caso da exibição realizada no estacionamento da Fatec Cotia. Havia outra praça no centro da cidade cotada para utilização, no entanto, outros projetos da Fatec Cotia já haviam sido realizados nesta outra praça. Assim, com a intenção de usar um espaço público não explorado ainda, e também por conta da existência de um palco, coberto que comportaria os equipamentos, decidiu-se pela Praça da Matriz. De frente para a praça escolhida está a Igreja da Matriz de Cotia. O fato de a igreja estar tão próxima impactou no trabalho do grupo, visto que tiveram que enfrentar, além da falta de recursos para custear a infraestrutura necessária, a resistência do padre responsável pela citada igreja, o que causou atrasos na liberação para o uso da praça.

Após incontáveis dificuldades e alguns desentendimentos, que quase causaram a desistência do projeto e que ocorreram na maioria das vezes devido à escassez de recursos e também à distribuição das tarefas relacionadas ao desenvolvimento da ação, definiu-se que a data de exibição do filme seria dia 21 de novembro de 2015, às 19h, e que de fato haveria três momentos no dia da exibição: a apresentação da banda, a exibição do filme e a realização de um sarau após o filme. O sarau, após a busca de apoio inclusive em outras Fatecs, foi cancelado, por conta de compromissos pessoais da pessoa indicada como responsável pela atividade, e se mantiveram a banda e a exibição do filme.

Além do público presente no dia da exibição, outros foram os agentes externos que contribuíram (em diferentes graus e que por isso podem ser chamados de patrocinadores ou apoiadores) para a concretização do *Fatec Paradiso*, tais como a Prefeitura Municipal de Cotia, empresas da região. Até mesmo os próprios alunos

atuaram, de certo modo, como patrocinadores do evento, já que por meio da venda de rifas arrecadaram a quantia necessária ao custeio do projeto.

No dia marcado para a primeira edição do *Fatec Paradise*, a montagem de toda estrutura necessária começou bem cedo. Por volta das 12h já estavam na praça os fornecedores dos equipamentos de som e de imagem, além dos locatários das cadeiras. A montagem ocorreu de modo tranquilo, até que por volta das 18h comessem a se concentrar algumas pessoas na praça.

A Praça da Matriz é uma praça bastante movimentada de Cotia. Diariamente moradores de rua, transeuntes, consumidores das lojas ao redor, guardas civis e fiéis da igreja católica que há em frente, circulam pela praça. No dia da exibição não foi diferente: distintos “públicos” conviviam na praça, com adição do alunado da Fatec Cotia e dos fornecedores dos equipamentos. Muitos demonstravam curiosidade, e chegavam inclusive a perguntar o que aconteceria ali e reagiam com algum espanto quando se dizia: vai passar um filme, vai ter banda, filme e pipoca também.

Nessa primeira edição os organizadores contrataram grades para cercar o lugar em que se localizavam as cadeiras destinadas a abrigar o público da sessão. Ainda que a intenção ao inserir as grades fosse de alguma maneira criar um espaço próprio para aqueles que participariam da sessão, o efeito, aparentemente, foi outro: acabou, de certo modo, intimidando algumas pessoas, que ao invés de adentrar o espaço cercado pelas grades ficaram encostadas nelas.

Por volta das 18h ligou-se a música, em volume baixo, por conta da missa que se passava na igreja da matriz. Depois do som ligado, e da passagem de som da banda *Emblues Beer Band*, o foco era esperar o término da missa para que a banda comesse a se apresentar de fato, o que aconteceu por volta das 19h (com atraso, já que durante a divulgação do projeto se havia marcado o início da exibição do filme para as 19h)

Durante a apresentação da banda, a princípio as pessoas estavam tímidas, não se aventuraram a se mover ou dançar. Mas, depois que um grupo de professores e alunos da Fatec Cotia tomou a iniciativa e começou a aproveitar a música, “contagiando” os demais que estavam presentes. A música era bastante dançante, o repertório da banda era composto por releituras de músicas clássicas às quais o grupo deu um toque “folk” animado.

Depois da apresentação da banda, começou a exibição do filme. Como muitos estavam cansados do recente exercício (a dança), as cadeiras ficaram lotadas. Neste momento havia na Praça da Matriz alunos e professores da Fatec Cotia, tanto aqueles que haviam organizado quanto outros que eram espectadores ali, moradores de rua que vivem nas imediações e pessoas que passavam pelo local, algumas pararam e ficaram até o final do filme, outras pararam, assistiram a um trecho e foram embora. Alguns chamavam mais atenção que outros, a exemplo do senhor que ao telefone dizia a sua esposa que estava na Praça vendo filme, e de um jovem que fez muitas perguntas sobre o que estava ali acontecendo (Quem organizou? Tem Fatec em Cotia? Como fizeram? Deveria ter mais vezes).

Como não poderia deixar de ser, visto estar o *Fatec Paradiso* se passando em um espaço público e aberto, o público durante o evento era flutuante, pessoas chegavam e saíam o tempo todo, cada um atribuindo o seu próprio significado à ação e perguntando-se sobre o porquê daquilo.

Logo no início da sessão a fila pela distribuição da pipoca se formou, mas se dissipou logo depois. A pipoca, a princípio um dos chamarizes para o público, ao longo da sessão foi sendo deixada de lado.

Como estratégias de divulgação, o grupo responsável pela primeira edição utilizou a rede social *Facebook*, além de panfletos distribuídos dias antes do evento. Chegou-se inclusive a fazer um vídeo com os integrantes do grupo para postar nas redes sociais. Internamente (na Fatec Cotia) foi afixado um *banner* sobre o evento, além de terem os discentes organizadores avisado a todas as salas de aula pessoalmente. Houve a criação de um logo, uma imagem que servisse para a divulgação do evento. O grupo de alunos então desenvolveu o logotipo demonstrado na Figura 3, que foi utilizado nas redes sociais e nos panfletos distribuídos.

Após o término da exibição do filme, os alunos verbalizavam a sensação de estarem cansados, aliviados e orgulhosos do trabalho realizado. Uma representante do grupo discente e a docente realizaram o encerramento do evento, agradecendo a todos os presentes e reforçando que se tratava de atividade proposta pela Fatec Cotia, que fazia parte da formação ofertada aos alunos e que havia o objetivo de tornar aquele tipo de atividade permanente. Já não havia a mesma quantidade de pessoas que havia no início do filme. Talvez se houvesse alguma outra atividade, como o sarau, o quantitativo fosse maior.

Figura 3 – Logotipo de divulgação da primeira edição do *Fatec Paradiso*



Fonte: Fonte: Fatec Cotia (2015)

3.2.2 Segunda edição do *Fatec Paradiso*

De maneira similar à primeira edição, a segunda edição do *Fatec Paradiso* demandou alguns meses do semestre letivo para sua realização. Foi proposta a ação em fevereiro de 2016, para que concretizasse até junho do mesmo ano. A fotografia na sequência (Figura 4), também retirada por um fotógrafo amador (integrante do grupo de alunos organizadores) e utilizando-se de equipamento amador (aparelho de celular) e retrata o momento da exibição do filme. Os moldes para a realização da segunda edição do *Fatec Paradiso* foram muito similares à primeira. A ação foi desenvolvida também no âmbito da disciplina de AACC, mas dessa vez com participação nossa mais efetiva no suporte.

Figura 4 – Público assiste ao filme *Cine Holliúdy* na segunda edição do *Fatec Paradiso*



Fonte: Fatec Cotia (2016)

Novamente, foi sugerido ao corpo discente o desenvolvimento de uma ação de cinema a céu aberto, em espaço público. Após a sugestão ser aceita por um grupo discente, o próprio grupo definiu como objetivo e justificativa do projeto o seguinte:

O Fatec-Paradiso, tem como objetivo trazer cultura, entretenimento para a cidade, promovendo a integração da população, por meio de um cinema ao ar livre. Deixando um marco cultural para Cotia. O projeto do cinema ao ar livre, visa levar a população de cotia a cultura brasileira por meio de um cinema.³

A data definida conjuntamente por discentes e docentes para a realização da segunda edição do *Fatec Paradiso* foi 11 de junho de 2016. Assim como na primeira edição, muitas foram as etapas para que se chegasse ao resultado.

Na segunda edição, pensou-se a princípio em também proporcionar a apresentação de uma banda antes da exibição do filme. No entanto, conforme o projeto foi se desenrolando, por questões de tempo e de recursos financeiros, a apresentação da banda foi colocada em segundo plano.

Nesta edição buscou-se conhecer modelos de exibição de cinema a céu aberto que pudessem inspirar o *Fatec Paradiso*. Por essa razão, integrantes do grupo, acompanhadas por um dos docentes envolvidos, visitou uma exibição de cinema chamada Cine Solar, organizada pelo grupo Brazucah e que se passou no município de São Roque. A intenção ao conhecer outras iniciativas era conhecer outros modelos, checar o tipo de filme exibido, o quantitativo de público, a estrutura disponibilizada, e além de tudo verificar a possibilidade de realização de uma parceria para solucionar as demandas de equipamento do *Fatec Paradiso* (item mais custoso do projeto).

Além do Brazucah, o grupo de discentes e docentes procurou pelo Sesc (Serviço Social do Comércio) unidade de Osasco, para verificar a possibilidade da realização de parcerias. Ao procurar o Sesc houve claro interesse na viabilização da parceria, visto que no município de Cotia não há unidade Sesc e esta seria uma maneira de a instituição se fazer presente neste município. No entanto, por questões de prazo (inserção nas normas do Sesc) não foi possível a concretização (visto que o

³ Trecho extraído de trabalho entregue pelos alunos ao final da disciplina de AACC ao término do 1º semestre de 2016.

Fatec Paradiso foi criado no âmbito de uma disciplina e tinha um prazo para ser cumprido).

Ainda que sem as parcerias, seguiu-se o plano para a realização do *Fatec Paradiso*. Alunos e professores prosseguiram na busca de parceiros e/ou fontes de recursos para a execução do projeto. Preparou-se uma apresentação direcionada a potenciais patrocinadores, enviada a diversas empresas da região. Com a ajuda de professores da Fatec Cotia conseguiu-se uma empresa patrocinadora que cobriu os custos com a locação dos equipamentos.

Sobre a escolha do filme, manteve-se a orientação de exibir filmes nacionais. Após sugestões dos professores, foram cotados os filmes *Narradores de Javé* e *Cine Holliúdy*. Por fim, foi escolhido pelo grupo de alunos o *Cine Holliúdy*, devido ao fato de trazer em sua temática o cinema. *Cine Holliúdy* é um filme cearense do ano de 2013, produzido e dirigido por Halder Gomes, sendo uma versão em longa-metragem do curta *Cine Holliúdy–O Astista Contra o Caba do Mal*, também produzido e dirigido por Halder Gomes no ano de 2004. Conforme Martins (2016, p. 1), *Cine Holliúdy* foi “visto em 80 festivais de 20 países, ganhou 42 prêmios [...]” e seu roteiro “foi o primeiro colocado no edital de longas-metragens de baixo orçamento do Ministério da Cultura do Brasil em 2009”. Ademais, argumenta a autora que o filme foi sucesso de bilheteria, constituindo-se um fenômeno do cinema brasileiro, tendo ultrapassado a bilheteria de filmes como o clássico *Titanic* no Ceará (MARTINS, 2016). *Cine Holliúdy* se passa no nordeste brasileiro, em uma cidade no interior do Ceará, e narra a trajetória de Francigleydisson, um admirador do cinema que luta (fazendo inclusive referência a uma outra paixão da personagem: as artes marciais) para manter viva na população a admiração pelo cinema diante da chegada e da popularidade das televisões. Francigleydisson ao longo da trama lida com muitos entraves para conseguir manter o seu próprio cinema o, *Cine Holiúdy*. Após enfrentar dificuldades burocráticas impostas pelo prefeito da cidade, Francigleydisson encanta os espectadores de seu cinema exibindo filmes sobre artes marciais e mais ainda, demonstrando uma grande habilidade em contar histórias.

Voltando-se a noite da exibição, após a solução das questões burocráticas, agendou-se a segunda exibição para a noite do dia 11 de junho de 2016, uma noite bastante fria na cidade de Cotia, também na Praça da Matriz. Assim como na edição anterior, os preparativos para a exibição começaram por volta do meio-dia. Montagem

do palco contendo projetor, telão e equipamentos de som, organização das cadeiras, distribuição das pipocas.

Ressalte-se que sem a apresentação da banda, a negociação com o padre para a utilização do espaço da praça foi mais simples, visto que o tempo de exibição do filme caberia perfeitamente no horário após o término da missa.

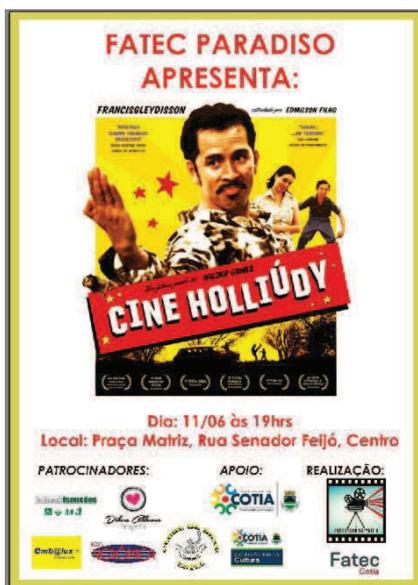
Em que pese o clima ruim, com vento, chuva e temperatura próxima do zero, a exibição de *Cine Hollíúdy* começou por volta das 19h. Assim como na edição de número um, o público presente na praça era bastante diverso, composto por alunos e professores da Fatec Cotia, moradores da praça, pessoas que visitavam o comércio da região e um público inusitado composto por um grupo de jovens “skatistas” que se manteve até o final do filme na praça.

A divulgação desta edição do evento foi também realizada via rede social, assim como por meio da distribuição de panfletos e cartazes nas imediações da praça, além da afixação de banner nas instalações da Fatec Cotia e divulgação nas salas de aula.

Há que se ressaltar que apesar de o grupo organizador da primeira edição ter criado uma página na rede social Facebook para divulgação do evento, bem como ter elaborado um logotipo para o *Fatec Paradiso*, o grupo responsável pela organização da segunda edição optou por criar uma nova página e também um novo logotipo. Tais opções demonstram a noção de descontinuidade que estava presente ainda na realização do *Fatec Paradiso*.

Demonstra-se na Figura 5 a imagem utilizada para divulgação nos canais de comunicação aqui listados, um cartaz elaborado pelo próprio grupo discente, que optou por utilizar uma imagem do próprio filme, combinada ao novo logotipo criado para o evento, bem como aos logotipos de apoiadores (Prefeitura Municipal de Cotia e Secretaria de Cultura de Cotia) e patrocinadores (distintas empresas da região) do *Fatec Paradiso*. Apresenta-se também, na sequência, uma imagem (Figura 6) de duas alunas que compunham o grupo discente responsável pela organização da segunda edição do *Fatec Paradiso* enquanto colavam cartazes na área comercial nas adjacências da Praça da Matriz (local de realização do evento).

Figura 5 – Cartaz de divulgação da segunda edição do *Fatec Paradiso*



Fonte: Fatec Cotia (2016)

Figura 6 – Discentes realizando divulgação da segunda edição do *Fatec Paradiso*



Fonte: Fatec Cotia (2016)

Depois do encerramento da exibição do filme, discentes e docentes agradeceram pela presença de todos e pessoas que ainda estavam na praça fizeram alguns comentários sobre o filme, a exemplo de “nossa, como eles falam diferente, é difícil de entender”, “o cara é o maior contador de histórias”, “essas lutas são muito legais”, “queria que estivesse calor aqui como estava no filme”. Novamente ficou clara

a necessidade de uma atividade pós-filme, para aproveitar as reflexões e experiências proporcionadas pela exibição.

3.2.3 Terceira edição do Fatec Paradiso

Novamente por meio de uma imagem amadora capturada utilizando-se de um dispositivo também amador inicia-se o relato sobre a terceira edição do *Fatec Paradiso* (Figura 7). Nesta imagem, o público está assistindo ao filme *O menino e o mundo*, exibido durante a terceira edição do *Fatec Paradiso*, realizado, pela primeira vez, no bairro de Caucaia do Alto, no município de Cotia. Assim como nas edições anteriores, os esforços para a concretização do evento são da ordem de quase um semestre letivo, tendo, nesta edição, começado no mês de março de 2017 e terminado no mês de junho do mesmo ano.

Figura 7 – Público assiste ao filme *O menino e o mundo* na terceira edição do *Fatec Paradiso*



Fonte: Fatec Cotia (2017)

Mais uma vez no contexto da disciplina de AACC, foi ofertada aos alunos a possibilidade de realizar distintos projetos culturais, esportivos, ambientais ou sociais. Dentre os projetos disponíveis, um grupo discente optou pela organização da terceira edição do *Fatec Paradiso*. Novamente três docentes (os mesmos da segunda edição) estavam envolvidos na realização do projeto, oferecendo maior suporte ao grupo de alunas.

Nas palavras do próprio grupo, o *Fatec Paradiso* define-se como:

[...] projeto sem fins lucrativos que consiste no estímulo e na fomentação de cultura de forma democrática e gratuita para a população. O local escolhido foi a praça dos Romeiros que fica em Caucaia do Alto um distrito de Cotia cidade da grande São Paulo que necessita de eventos que venham estimular a cultura e facilitar o acesso da população local”.⁴

Uma vez definido que o grupo trabalharia com o cinema, passaram a ser realizadas reuniões com o objetivo de bem delinear o projeto. Distintas reuniões foram marcadas, foi definido o escopo, mensurados os riscos da execução. Além disso, para ter uma noção apurada de um trabalho realizado com o cinema, integrantes do grupo discente, acompanhadas por docentes, foram ao evento denominado Cine Debate realizado no Museu de Arte Sacra de São Paulo. Por meio da participação em tal ocasião, propiciou-se aos alunos o contato com o filme *O menino e o mundo*, escolhido pelo grupo de alunos para ser exibido no dia do evento, e também com uma pesquisadora/palestrante de temas relacionados ao filme e à infância, que colaboraria com alguns comentários após a exibição do filme.

A escolha do filme, como de praxe deixada a cargo dos alunos, se deu por fatores vários, como o fato de parte do grupo já tê-lo assistido e participado de debate a respeito dele, pelo fato de tratar-se de filme nacional (um dos objetivos do *Fatec Paradiso*), aliás não só nacional, como premiado, de maneira que seria o *Fatec Paradiso* uma ótima chance para propagar a qualidade do cinema nacional e também para ofertar à população a oportunidade de contato com produção de tal alcance, pelo fato de o filme ser uma animação, nunca antes exibida no âmbito do *Fatec Paradiso*. O filme em questão é uma animação de 2013, dirigida por Alê Abreu e traz a história de um menino que vive com sua família em um espaço que remete ao campo, ao mundo rural, e que se depara com a partida do pai, que sai em busca de trabalho, deslocando-se para um espaço representado como urbano. Assim, o menino deixa sua residência e vai em busca do reencontro com seu pai. Ao longo de sua busca o menino se depara com um mundo marcado pela desigualdade social, pela pobreza, pela exploração dos trabalhadores, pela opressão às manifestações populares e pelo consumismo. Em contraposição, o menino encontra também amizade e solidariedade. As personagens do filme não têm falas verbais, de maneira que se sobressaem as

⁴ Trecho extraído de trabalho entregue pelos alunos ao final da disciplina de AACC, entregue ao final do 1º semestre de 2017.

cores e os sons (não verbais) utilizados. *O menino e o mundo* foi indicado ao Oscar no ano de 2016, mas não venceu o prêmio (que foi direcionado ao filme *Divertidamente*). Ainda que não tenha recebido este prêmio, o filme foi indicado a outros ao redor do mundo, tendo recebido um total de 44 premiações.

Diferentemente das edições anteriores, realizadas na Praça da Matriz no centro do município, a terceira edição foi organizada na Praça dos Romeiros, em um dos bairros mais afastados do centro de Cotia, Caucaia do Alto. A opção por realizar a exibição neste novo local foi feita pelo grupo discente, considerando-se que no geral existem poucas ações de cultura em Cotia, no caso de Caucaia do Alto as ações são mais restritas ainda.

Dentro do bairro de Caucaia do Alto, que já faz divisa com a cidade de Vargem Grande Paulista, a Praça dos Romeiros localiza-se em uma área tida como central do bairro, até pelo comércio desenvolvido em torno dela que impulsiona a circulação de pessoas.

Pela terceira vez os alunos do grupo tiveram que lidar com as questões relativas aos recursos para a realização do projeto, o que já denota a necessidade de torná-lo perene de modo, inclusive, a manter seus recursos para que edições futuras sejam realizadas. Assim, para cobrir os custos de realização do *Fatec Paradiso*, foram realizadas parcerias com empresas da região, foram coletadas doações, foram realizadas rifas e diversas, além da venda de alimentos, como bolos e tortas, no dia do evento.

No dia escolhido para a exibição, da sessão a montagem começou por volta das 14h. Assim como na primeira edição, propôs-se nesta a apresentação de uma banda, composta majoritariamente por alunos de uma outra Fatec, seguida da exibição do filme e, por fim, uma conversa sobre o filme, conduzida por uma estudiosa que já havia exposto o tema em outra ocasião vivenciada por parte do grupo discente quando da visita ao Museu de Arte Sacra.

Por estar em um ponto com bastante comércio ao redor, muitas pessoas se perguntaram o que aconteceria ali. Durante a apresentação da banda muitas pessoas cantaram e dançaram. Durante a exibição do filme o público, diverso, contendo alunos, professores e considerável quantidade de pessoas, familiares, curiosos,

moradores da praça, comerciantes, flutuou. Apesar do horário e do clima que não era dos mais quentes, viam-se adultos e crianças.

Demonstra-se na sequência uma imagem do cartaz utilizado para divulgação da terceira edição do *Fatec Paradiso* (Figura 8), que assim como o cartaz utilizado pelo grupo anterior, continha imagens do filme a ser exibido. Nesta edição, mais uma vez a rede social *Facebook* foi utilizada para a divulgação do evento. Além disso, como de praxe foi feita divulgação via banner e via recados nas salas, na Fatec Cotia. Para divulgação junto à comunidade, foram utilizados os panfletos, cartazes no comércio local, apresentações em escolas estaduais da região, e a afixação de faixa na praça que sediou o evento, dias antes de sua ocorrência.

Figura 8 – Cartaz de divulgação da terceira edição do *Fatec Paradiso*



Fonte: Fatec Cotia (2017)

Abaixo apresenta-se a imagem do grupo discente durante a divulgação da ação em uma escola estadual do município de Cotia (Figura 9). Ressalte-se que a divulgação nas escolas foi feita pela primeira vez nesta edição.

Figura 9 – Discentes durante divulgação da terceira edição do *Fatec Paradiso* em escola estadual de Cotia



Fonte: Fatec Cotia (2017)

Ressalte-se que o grupo organizador desta edição, optou por dar continuidade à página na rede social criada pelo grupo organizador da segunda edição. O grupo na verdade buscou unificar as páginas, padronizando as postagens nas duas páginas existentes e tentando fazer com que os visitantes e as “curtidas” da página anterior (criada pelo grupo da primeira edição) fossem superados pelos visitantes e pelas “curtidas” da página criada pelo grupo responsável pela segunda edição e que foi a escolhida pelo grupo da terceira edição para dar continuidade à divulgação. Com relação ao logotipo, o grupo optou também pela continuidade, utilizando o modelo empregado na divulgação da primeira edição do evento. Essas opções denotam que já há havia alguma preocupação com a manutenção de unidade e continuidade do projeto, já que o grupo poderia optar por criar página nova e logotipo novo também.

Em termos de distribuição das atividades no dia agendado para a exibição, por volta das 18h a banda começou a tocar; por volta das 19h o filme começou a ser exibido; e, por último, por volta das 21h começou a conversa com a pesquisadora/palestrante a respeito do filme.

A adição dos comentários da pesquisadora ao final do filme enriqueceu a atividade, no sentido de impactar no aproveitamento do conteúdo do filme para reflexão e também na dispersão do público, visto que o fato de saber que haverá comentários ou discussões após o filme acaba por aguçar a curiosidade, e até a

sensibilidade dos participantes. Outra novidade trazida nesta edição, que ampliaria a experiência do contato com expressões culturais, foi a realização de sorteio de brindes, como livros doados por docentes da Fatec Cotia e ingressos para redes de cinema das adjacências (rede de cinemas com salas em Cotia e rede cinemas com salas em Itapevi e Jandira, municípios vizinhos à Cotia)

Ainda que não houvesse a mesma quantidade de pessoas no começo e no final da exibição, a terceira edição do *Fatec Paradiso* foi a mais movimentada, inclusive entre os alunos da instituição. Depois dos comentários sobre o filme, quando o grupo organizador já começava a se preparar para a desmontagem de toda a estrutura necessária, outras pessoas que estavam na praça, alunos e não alunos da Fatec, juntaram-se de modo a contribuir para a atividade. Um momento realmente muito bonito de se ver, demonstrando o “poder do coletivo”.

É preciso ressaltar aqui o fato de a terceira edição do *Fatec Paradiso* ser a mais recente exibição realizada até o momento de redação deste trabalho. Conforme exposto no capítulo que trata da gênese da ação, as atividades realizadas pela Fatec Cotia envolvendo a comunidade de seu entorno foram suspensas por tempo indeterminado. A decisão de suspender este tipo de atividades revela a descontinuidade com que a extensão foi tratada tanto localmente pela instituição de ensino Fatec Cotia, quanto para o CPS, administrador das Fatecs no estado de São Paulo, sendo que nem uma e nem outra instância possui programa institucionalizado de extensão ou oferta de bolsas para discentes e docentes interessados a trabalhar neste tipo de projeto.

3.3 Entrevistas com os envolvidos no Projeto

Neste item são apresentados trechos de entrevistas realizadas com organizadores e com o público do *Fatec Paradiso*.

Apresentam-se na sequência as respostas às questões-guia propostas durante as entrevistas. Chama-se aqui de questões-guia, pois não se tratava de seguir a um roteiro fixo durante a conversa com os entrevistados, mas apenas garantir que os aspectos de interesse da pesquisa ali colocados não fossem esquecidos. É necessário ressaltar que antes da gravação das entrevistas, o presente roteiro de questões foi submetido à avaliação do Comitê de Ética do Programa de Mestrado

Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, sendo aprovado. Por sua vez, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), cujo modelo encontra-se no Anexo B. Transcrevem-se na sequência as questões feitas aos discentes organizadores do *Fatec Paradiso*:

- ✓ Questão 1: Por que vocês escolheram o *Fatec Paradiso* em relação aos outros projetos de AACC?
- ✓ Questão 2: Como foi o processo de escolha do filme exibido?
- ✓ Questão 3: De que forma foi a organização da sessão na praça? Quais os aprendizados e dificuldades enfrentados na elaboração do evento e na interação com a comunidade/público presente?
- ✓ Questão 4: Quais os aspectos do filme e da discussão que foram mais marcantes para você no dia da exibição?
- ✓ Questão 5: Como vocês sentiram a experiência do *Fatec Paradiso* no contexto da disciplina de AACC?

Por sua vez, ao público do evento foram endereçadas as seguintes questões:

- ✓ Questão 1: Como você ficou sabendo do *Fatec Paradiso*?
- ✓ Questão 2: Você sabe quem organizou o evento e por quê?
- ✓ Questão 3: Como foi a sua experiência quando participou da exibição ao assistir ao filme?
- ✓ Questão 4: Quais sugestões você daria para novas edições?

É de extrema relevância ressaltar que as entrevistas foram feitas em um momento posterior às exibições, de maneira que foi necessário contar com a capacidade de memória dos entrevistados, visto que a edição mais recente foi realizada em junho de 2017. O fato de terem sido feitas em momento posterior à realização das exibições também impactou na escolha, ou no acesso, aos entrevistados. As entrevistas foram todas gravadas em áudio e suas transcrições encontram-se como apêndice no final deste trabalho (Apêndice A).

No quadro 1 apresentam-se algumas características dos entrevistados, além da descrição do meio utilizado para contatá-los para a realização das entrevistas.

Quadro 1 - Entrevistados

Tipo de entrevistado/grupo	Caracterização	Meio utilizado
Grupo de discentes 1	Formado por alunos que realizaram a segunda edição do <i>Fatec Paradiso</i> .	Contatados via e-mail e aplicativo de mensagens e agendado um dia para a realização da entrevista na própria Fatec Cotia.
Grupo de discentes 2	Formado por alunos que realizaram a terceira edição do <i>Fatec Paradiso</i> . Também são discentes ainda matriculados na Fatec Cotia	Contatados via e-mail e aplicativo de mensagens e agendado um dia para a realização da entrevista na própria Fatec Cotia.
Entrevistado 1	Professor e coordenador de curso na Fatec Cotia (CST em Gestão da Produção Industrial).	Agendado um dia para a realização da entrevista na Fatec Cotia por meio do uso de aplicativo de mensagens eletrônicas.
Entrevistado 2	Docente ativo na Fatec Cotia, morador de município vizinho à Cotia.	Entrevistado no mesmo dia que o entrevistado 1, também na Fatec Cotia. Agendamento feito por aplicativo de mensagens.
Entrevistado 3	Ex-funcionária da Fatec Cotia, à época das exposições, a primeira em 2015, e a terceira no ano de 2017, era funcionária. Moradora das adjacências do município.	Devido ao fato de não ser mais funcionária da IES, foi necessário agendar, via aplicativo de mensagens, um encontro em data e local oportunos para a gravação da entrevista.
Entrevistado 4	Convidado por aluna da Fatec Cotia para assistir à exposição. Aluna que o convidou não era organizadora do <i>Fatec Paradiso</i> e foi quem informou o contato do entrevistado, que é morador das adjacências.	Também foi necessário agendar um dia e data e local oportunos para a gravação.
Entrevistado 5	Morador do bairro de Caucaia do Alto no Município de Cotia, soube do evento por meio da rede social.	Contados fornecidos pelo entrevistado 4. Por questões de data, tanto a entrevista, quanto o contato com o entrevistado, foram realizados por telefone.

Entrevistado 6	Docente ativo na Fatec Cotia, morador de município vizinho à Cotia.	Contatado pessoalmente. Entrevista realizada pessoalmente.
Entrevistado 7	Moradora de município vizinho à Cotia. Familiar de docente da Fatec Cotia.	Contatado pessoalmente. Entrevista realizada pessoalmente.

Fonte: elaborado pela autora, 2018

Por fim, é necessário esclarecer que nas análises que se realizam, seguem-se às perguntas os objetivos centrais de cada uma delas, além do que se perseguia descobrir ao realizar cada uma das questões. Após os registros das falas é feita uma análise buscando responder ao problema e aos objetivos específicos deste estudo.

3.3.1. Entrevistas com os discentes organizadores

A primeira questão (Por que vocês escolheram o *Fatec Paradiso* em relação aos outros projetos de AACCC?) buscava, obviamente, verificar o porquê da escolha do *Fatec Paradiso*, por que escolher no cinema e não um dos outros projetos propostos pelos docentes; quais os sentidos atribuídos ao cinema pelos discentes; por que percebem como relevante um projeto de cinema realizado por universitários.

A esse questionamento, os entrevistados do grupo 1 assim se expressaram:

Discente 1: todo mundo pensava em projetos como, por exemplo, paraquedas, que era umas coisas meio mirabolantes, e quando a gente ouviu o cinema, foi, acho que uma sensação que tocou o coração, e uma forma de a gente ter uma interação com outras pessoas ao levar uma cultura, e não simplesmente uma experiência que eu teria que pagar R\$ 200 para ir, não, seria algo diferente não só para a gente como para comunidade.

Discente 2: até porque atingiria o público, pois estes projetos maiores, eu tenho que pagar e tem aquele custo e tal e o *Paradiso* foi uma oportunidade de a gente, assim, interagir com a comunidade sem que eles precisem pagar, sem que eles tenham que ter este valor para ter esse tipo de cultura uma coisa diferente.

Quanto aos entrevistados do grupo 2, a seguir registram-se as falas:

Discente 3: eu optei né, já no primeiro dia de aula, quando o professor passou os projetos anteriores, falando para toda a sala, e isso eu já brilhei os olhos, e eu acho que uma coisa muito necessária, principalmente para uma comunidade carente que está em torno da faculdade, e também porque ia desafiar bastante a gente como aluno

né. Porque íamos pegar do zero e ia colocar o filme pra rodar naquela data né [...] a primeira opção foi o *Paradiso* logo. Porque não é um projeto tão difícil de se fazer é não exige muito valor monetário envolvido [...] Então tem aquela questão de levar para comunidade aquele projeto cultural, e também não tem o custo do projeto, como os outros projetos [...] e não foi só o filme né, foi o agregado também né, além do filme que a gente sorteou, a gente sorteou ingresso para um cinema "convencional" [...] a gente proporcionou um momento de alegria para aquelas pessoas [...] A gente escolheu né, um local bem afastado de Cotia para fazer mesmo, edições anteriores fizeram aqui no centro, por que não em Caucaia? Nunca teve nada...

Discente 4: [...] Tem pais que tinham umas crianças carentes em uma praça, brincando, de repente um filme. Vamos deixar de pagar um cinema para assistir aqui um filme [...]

Aparecem aqui reflexões relacionadas à democratização de acesso aos produtos da IES, quando se contrapõe o *Fatec Paradiso* a outras ações da IES que requeriam que seus participantes desembolsassem um valor para participar, o que denota uma percepção de que o *Fatec Paradiso* acabava sendo escolhido por ser diferente de outros projetos, tidos pelos discentes que aí estão como “mirabolantes”, especificamente o discente 1. As falas dos discentes denotam a concepção de que o *Fatec Paradiso* se constituía como projeto com viés mais inclusivo por oferecer o acesso a bens culturais de uma maneira ampla, seja pela exibição realizada ali mesmo, seja pelo que o discente número 3 chama de “agregado”, se referindo a ingressos para uma rede cinematográfica de Cotia e também para uma rede cinematográfica presente em municípios vizinhos, que foram sorteados para o público presente na exibição.

A referência ao público, à comunidade, quando se referem a “outras pessoas”, no caso do discente 1 e “aquelas pessoas”, no caso do discente 3, suscita a percepção de que existe um outro que está além da IES, o que é possível aproximar da concepção de alteridade proposta por Bergala (2008), já que se marca aí um movimento de compartilhamento da experiência do outro. No que tange à extensão, ainda que não apareça o termo explicitamente e que a indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, prevista legalmente, não esteja percebida como função inerente à IES pelos discentes entrevistados, as funções de atendimento e de entendimento das demandas da comunidade estão colocadas nas falas dos discentes por meio da utilização dos termos já citados (aquelas pessoas, outras pessoas) e também de outros, tal como o termo “comunidade” usado pelos discentes 1 e 3.

Há que se ressaltar ainda a referência que os discentes fazem à ausência de ações culturais no município, ausência esta que seria de certo modo amenizada pelo *Fatec Paradiso*. Tal concepção está marcada em falas do discente 3, como a utilização do adjetivo “carente” para se referir à comunidade e também quando o mesmo discente relata “nunca teve nada” ao se referir ao bairro em que foi realizada a terceira edição do *Fatec Paradiso*. Pode-se dizer que há certa generalização e romantização no uso do termo carente, ao se referir à comunidade e às crianças especificamente, já que não há registros ou investigações como vistas a averiguação de tal fato. No entanto, é preciso ponderar que se estava ali realmente diante de uma comunidade em que pouco se realizam ações de cunho cultural, além do fato de essa percepção da carência caracterizar-se como um modo de perceber o outro.

A segunda questão (Como foi o processo de escolha do filme exibido?) referiu-se aos objetivos que permearam a escolha do filme, se exclusivamente devido às sugestões dos docentes, se por conta de experiências pessoais, se houve algum movimento no sentido de espelhar a realidade da comunidade, da faculdade e/ou da própria experiência dos alunos. Devido ao fato de os próprios discentes serem também espectadores do filme ao selecioná-lo para exibição, as respostas a esta questão acabaram por mesclar-se às respostas relativas à questão 4 (Quais os aspectos do filme e da discussão que foram mais marcantes para você no dia da exibição?), quem tem como proposta trazer à discussão a reflexão dos discentes sobre a película que estavam ali exibindo.

Os entrevistados do grupo 1 assim se manifestaram:

Discente 1: [...] a gente conversou bastante com a professora ... e ela nos indicou alguns filmes. Aí um dia a gente pesquisando a gente achou esse filme, e no trailer a gente achou muito legal trazer o cinema brasileiro, trazer essa essência do cinema brasileiro. E justamente o filme foi isso mesmo, ele levando o cinema pras cidades né [...] acho que o filme encaixou perfeitamente com o projeto, e com o que a gente queria apresentar. E aí a gente mostrou pra Sandra e pra vocês e todo mundo em comum acordo. (Referindo-se à questão 2)

Discente 1: acho que mais isso do filme tentar passar a mesma coisa que a gente mesmo. De inserir o cinema naquela região é no propósito dele né. Acho que é o que a gente estava passando, e a comunidade ali, nem todos tem acesso ao cinema né. Mesmo assim, Cotia, centro, não tem acesso. O cinema mais próximo é ali na Granja. Muita gente não tem a disponibilidade de ir até lá para assistir um filme. E acho que isso que a gente queria passar. Que a comunidade pode ter ali um cinema, uma coisa cultural. Através do cinema, gratuitamente para eles. E tem nosso esforço, o patrocínio. Acho que o filme retratou exatamente o que a gente queria, que a gente pode levar a cultura

através do cinema para as comunidades mais carentes, que não tem a condição de ir ao shopping e pagar um absurdo no ingresso, por exemplo. (Referindo-se à questão 4)

Discente 2: era meio o que a gente queria fazer né. (Referindo-se à questão 2)

A este respeito, os discentes do grupo 2 responderam:

Discente 3: foi sugestão da professora, e quando a gente passou a pesquisar o filme, a gente achou o filme excelente, e a temática do filme não era só para crianças, no caso, na verdade não é para criança né? Mas a gente pensou porque não né? Um jeito de levar né, uma animação né, que chama o público infantil, mas que chama o público para uma coisa séria, que é o que o filme traz... [...] e a gente achou bacana né, porque foi um filme que concorreu ao Oscar, e tudo mais né? [...] Eu assisti antes de ser exibido, e vi que realmente poderia acontecer o que aconteceu, a maioria do pessoal, viu que não era muito infantil, acabou saindo de lado após a metade do filme. Mas de forma geral... (Referindo-se à questão 2)

Discente 3: acho que aquela essência, do consumismo, que hoje é muito forte né, então se você vai assistir com esse olhar de crítica, você consegue perceber que não é bem assim né, você para pra pensar que não é bem assim que tem que funcionar. Então você passa a pensar em mudar isso, esse hábito do consumismo [...] e o olhar da criança né, no filme acaba destoando de tudo né. Acho muito interessante. (Referindo-se à questão 4)

Discente 4: mas se a gente for prestar atenção, a partir do filme apresentado, a gente percebe que a população não está preparada para este tipo de cultura [...] é um filme que você precisa prestar muita atenção para entender o todo dele. Mas quando as pessoas não começam a entender porque o filme não tem nenhuma palavra se quer, e você vê a cara das pessoas de paisagem, e aí você vê que as pessoas não estão preparadas para continuar. Tinha que ser um filme mais Light... (Referindo-se à questão 2)

Discente 4: outro ponto bastante interessante, foi como o jeito que eles olham a cidade no dia a dia. Além de eu só consumir para trabalhar, a forma como as pessoas interagem. Tanto que no filme você não vê tanto a amizade. É um olhando a TV, o outro correndo pro trabalho, não tem aquela coisa do ser humano. (Referindo-se à questão 4)

Percebe-se por meio da fala dos discentes do grupo 1, que houve uma identificação, durante a escolha do filme, com a proposta do próprio projeto, ainda que a princípio se tenha partido de um filme sugerido pelo corpo docente do curso. Tal identificação está marcada em falas do discente 1, como “o filme encaixou perfeitamente com o projeto, e com o que a gente queria apresentar”. Ocorreu um movimento de usar o filme como espelho do que se gostaria de fazer ali no município,

a proposta de estabelecer um cinema, que em meio a outras distrações, se sobressaísse aos olhos da comunidade. Neste sentido de fazer o que estava proposto no filme, destaca-se o aspecto de possibilitar a uma comunidade carente, uma parte do município em que não há aparato cinematográfico, o acesso a tais bens culturais de forma gratuita. Tal concepção remete à percepção de que o *Fatec Paradiso* era um projeto inclusivo, já registrada nas falas que responderam à questão número 1 e aqui aparece em respostas do discente 1 “nem todos tem acesso ao cinema né. Mesmo assim, Cotia, centro, não tem acesso”, “muita gente não tem a disponibilidade de ir até lá para assistir um filme”, “a comunidade pode ter ali um cinema, uma coisa cultural”.

No que diz respeito ao grupo 2, nota-se que apesar de o grupo também ter partido de uma sugestão do corpo docente, ele se deu conta da complexidade do filme que haviam escolhido exibir (o que se confirma nas falas do público adiante), mas que também denota que se tratou de uma escolha consciente, pois já se imaginavam as dificuldades de entendimento da película. Este aspecto é registrado em falas do discente 3, como “Eu assisti antes de ser exibido, e vi que realmente poderia acontecer o que aconteceu, a maioria do pessoal, viu que não era muito infantil, acabou saindo de lado após a metade do filme” e do discente 4, em “Tinha que ser um filme mais Light...”.

Enquanto espectadores do filme, os entrevistados demonstram identificação com algumas questões apresentadas no filme. Isto é, conseguem à luz de suas experiências e percepções, dar um sentido e pensar sobre o que se passava na tela, o que se constitui como um dos objetivos da utilização do cinema enquanto ferramenta pedagógica, como o “cinema que faz pensar”, preconizado por Xavier, 208, p.15). Essas reflexões aparecem em falas como “[...] assistir com esse olhar de crítica, você consegue perceber que não é bem assim né, você para pra pensar que não é bem assim que tem que funcionar. Então você passa a pensar em mudar isso, esse hábito do consumismo”, do discente 3.

Por sua vez, na questão 3 (De que forma foi a organização da sessão na praça? Quais os aprendizados e dificuldades enfrentados na elaboração do evento e na interação com a comunidade/público presente?) propunha-se observar a percepção dos discentes sobre sua relação com a comunidade, como perceberam o contato com ela, se julgaram positivo ou negativo, se gostariam de dar continuidade ao trabalho, se registraram na relação com os munícipes alguma indisposição ou atrito. Ademais,

esta questão visa demonstrar os principais desafios percebidos pelos discentes durante a organização da exibição.

As respostas do grupo 1 a tal questionamento foram:

Discente 1: acho que foi tudo muito inesperado né, a gente tava lá na emoção e na expectativa, mas não tínhamos certeza do que iria acontecer, se ia ter público, se ia chover de repente, se ia dar certo, se ia dar errado, e a gente estava com muito medo no dia, tanto é que a gente chegou bem cedo lá, chegamos lá ainda 12h e passamos o dia lá, até a noite. E como é uma coisa meio nova, só havia tido uma primeira edição, o pessoal não tinha muita confiança assim.... Ah vai ter um cinema aqui, vamos assistir, vai ter que pagar não vai. Por mais que tenha a informação como é uma coisa nova ninguém fica assim, Ah... vou lá... Tanto que a gente tentava conversar e atrair o público [...] o que achamos interessante foi que a gente fez a reunião com o padre, que a princípio não queria deixar a gente fazer, e a gente nunca imaginou que ele iria autorizar. Tanto que quando a gente foi passar nas salas, as pessoas perguntaram, como que vocês conseguiram a autorização do padre? Porque ele não queria que tivesse barulho, como foi numa edição anterior. Foi muito legal, a gente fez a reunião com ele, e ele até fez uma cartinha de autorização [...] é muito legal. É além do projeto, a gente aprendeu muito a lidar com as pessoas, e nos mesmos como grupo a gente se uniu muito depois daquele projeto, e a gente sabe cada detalhe de cada pessoa, se vai chorar se vai sorrir, a gente conhece.

Discente 2: acho que cada etapa foi uma conquista pra gente né. Teve o caso do padre, as cadeiras que eram caras, mas o fornecedor acabou doando. O fornecedor da iluminação, o patrocinador, que foi muito iluminado né. A gente já estava tirando o dinheiro do nosso bolso né, e ele conseguiu nos ajudar muito, e salvou bastante a gente.

Quanto ao grupo 2, transcrevem-se abaixo as respostas ao questionamento:

Discente 3: [...] a gente até sentiu essa receptividade daquelas pessoas, que estavam presentes, e eles disseram, nossa nunca tem nada aqui em Caucaia do Alto. A gente escolheu né, um local bem afastado de Cotia para fazer mesmo, edições anteriores fizeram aqui no centro, por que não em Caucaia? Nunca teve nada [...] Sem o apoio dos políticos né, também é muito difícil, porque para entrar em qualquer instituição ali do entorno, você acaba tendo uma certa dificuldade. No começo são rosas, porque você diz que é da Fatec e tudo mais. Nós como alunos, ficamos com certa dificuldade de acessar certos lugares. Por isso que eu acho que a divulgação não foi tão forte [...] no geral foi interessante né, conversar e explicar para as pessoas o projeto, e também o que seria o evento é os olhos das pessoas brilharam, e foi muito prazeroso sentir isso [...] eu nunca tinha ido em Caucaia, e quando eu tive contato com a comunidade eu vi que eles têm um espaço bacana... aquela praça é gigantesca né, e da para fazer muitas coisas ali. E as pessoas precisam disso, porque lá é distante do centro né, então as pessoas precisam olhar para essa comunidade. Quando eu digo as pessoas que eu digo, são os políticos da região, de Caucaia, que acabam esquecendo dessa parte da cidade [...] o filme rodando, e as pessoas assistindo aquilo, é uma

sensação de dever cumprido. Muito bom.

Discente 4: [...] Eu amei fazer [...] E por incrível que pareça, muitos pensavam que era coisa de vereador, e a gente até estava contando com um, mas infelizmente no final tivemos que arcar com tudo, alunos, que pegaram e fizeram [...] Foi muito gratificante [...] no dia mesmo, que a gente estava falando com as pessoas, algumas pessoas falavam, é de graça né? É gente sim, pode vir [...] tanto que a quantidade superou nossas expectativas né. A gente estava esperando umas 60, 70 pessoas, acho que foram bem mais, porque além das pessoas que estavam sentadas, ainda tinham as pessoas no entorno. Eu amei. E o clima também, estava frio, e fiquei muito surpresa com isso [...] eu até achei fácil no começo, por exemplo a gente até chegou mais cedo, as pessoas prestavam atenção no que a gente falava um com outro, e elas chegavam perguntando o que vai ter aí, vai ser um show, vai ser o que? E quando a gente explicava, algumas falavam, ah a gente volta, e de repente elas voltaram com outras pessoas da família [...] sabe o que eu achei muito interessante, que pensei que iria encher de gente por conta da pipoca e do algodão doce, que a gente colocou isso de forma a chamar as pessoas, mas não, as pessoas ficaram empolgadas com o filme, a gente pediu para eles irem comer. Me surpreendi.

Na conversa com o grupo 1 não são trazidas narrativas de experiências concretas que tenham ocorrido no dia do evento, no momento da exibição especificamente. Apenas fica marcada a apreensão do grupo com relação à execução conforme trazido pela fala do discente 1 “estava com muito medo no dia [...] chegamos lá ainda 12h é passamos o dia lá, até a noite”.

Em contrapartida, o grupo 2, talvez por ter feito a exibição mais recentemente, traz algumas recordações, especialmente no que diz respeito ao período de montagem da infraestrutura para o evento, alguns momentos de positiva interação com a comunidade. Tais recordações aparecem em falas como: “a gente até sentiu essa receptividade daquelas pessoas, que estavam presentes” e “o filme rodando, e as pessoas assistindo aquilo, é uma sensação de dever cumprido. Muito bom”, do discente 3; e em falas como “[...] no dia mesmo, que a gente estava falando com as pessoas, algumas pessoas falavam, é de graça né? É gente sim, pode vir”, “a quantidade superou nossas expectativas né” e “as pessoas prestavam atenção no que a gente falava um com outro”, do discente 4.

Na fala de ambos os grupos, verifica-se uma percepção de satisfação com a concretização do projeto, por meio, por exemplo da fala do discente 4, que diz “amei fazer”, e do discente 1 “é muito legal”.

Constata-se também, mais no primeiro grupo do que no segundo, certa

apreensão com relação à presença da comunidade, que apesar de ter sido de certo modo avisada sobre o evento, poderia não comparecer, fato marcado nas falas do discente 1: “não tínhamos certeza do que iria acontecer, se ia ter público, se ia chover de repente, se ia dar certo, se ia dar errado”, “o pessoal não tinha muita confiança assim.... Ah vai ter um cinema aqui, vamos assistir, vai ter que pagar não vai”. Há, certamente, que se considerar as questões de divulgação, além das questões climáticas e de segurança pública que aparecem nas falas, mas a preocupação do grupo também remete à questão de uma comunidade, já que estes discentes também fazem parte da comunidade, juntamente com as suas famílias e amigos, que desconhece as funções que deveriam ser cumpridas pela IES, a Fatec Cotia, que ali está.

Outro ponto, no caso do grupo 1, que demonstra tal desconhecimento é o relato da resistência do padre, responsável pela igreja que fica em frente à praça onde ocorreu a exibição, para concordar com a liberação do espaço. Resistência que aparece, por exemplo, na fala do discente 2: “Teve o caso do padre, as cadeiras que eram caras, mas o fornecedor acabou doando. O fornecedor da iluminação, o patrocinador [...] ele conseguiu nos ajudar muito, e salvou bastante a gente”. A resistência do padre é um modo de representar as outras resistências enfrentadas pelo grupo (algumas delas também marcadas na fala da discente 2), como a dificuldade de patrocínio, burocracia para conseguir a liberação dos espaços públicos e até mesmo da própria IES, que apesar de realizar sistematicamente ações em que se colocava em contato com a comunidade, não tinha a princípio em seu discurso e em sua atuação a dimensão da prática extensionista, o que aqui é elucidado pela inexistência de aparatos que possam ser utilizados continuamente nesse tipo de ação.

No caso do grupo 2, persiste a inexistência de aparatos da IES que tornem a realização de ações de extensão mais fácil, fato que é percebido por meio de registros como “no final tivemos que arcar com tudo, alunos, que pegaram e fizeram”, do discente 4. Entretanto, talvez pela mudança no local da exibição, não se vê tão marcada quanto no grupo 1, a preocupação com o comparecimento da comunidade. A mudança de lugar parece até mesmo ter alterado a relação da comunidade com os alunos durante o período em que se organizava a exibição: no caso do grupo 1 apenas há uma menção genérica de contato com a comunidade, que aparece na fala do discente 1 “Tanto que a gente tentava conversar e atrair o público”. No caso deste grupo discente está elucidada de modo mais contundente a tensão dos momentos

que antecederam a exibição, como por exemplo, por meio da menção do horário em que se iniciou a montagem da infraestrutura. Por sua vez, no caso do grupo 2, percebe-se uma interação que foi ocorrendo ao longo do dia.

É importante ressaltar dois aspectos que permeiam as falas de ambos os grupos: a percepção de que *Fatec Paradiso* constituía-se como projeto inclusivo, que aparece também nas respostas à questão número 1. Os grupos demonstram acreditar que estavam ali cumprindo uma função importante de oferecimento de atividade cultural para a população de Cotia. É preciso ressaltar também o fato de nenhum dos grupos, apesar estarem desempenhando este papel, ter nomeado o processo todo como extensão. Havia consciência da prática, mas não de todo o aparato legal por trás dela. Os grupos colocam a exibição como algo positivo, já que proporciona a democratização do acesso a produtos culturais, como o cinema, visto estar-se ali em uma comunidade que não tem acesso a estes produtos tão facilmente, por que requer deslocamento físico e também o desembolso de valores financeiros.

Por fim, por meio da questão 5 (Como vocês sentiram a experiência do *Fatec Paradiso* no contexto da disciplina de AACC?), buscava-se verificar qual a percepção dos discentes sobre a organização do *Fatec Paradiso*, enquanto ação voltada para o exterior da IES, em contraposição ao fato de tal ação ter se dado no âmbito de disciplinas da graduação. Isto é, pretende-se por meio desta questão verificar se os docentes se dão conta da interlocução com a prática extensionista, e além disso, se concebem tal interlocução como positiva, se acreditam que enriquece sua formação.

O primeiro grupo respondeu à citada questão da seguinte maneira:

Discente 1: eu gostei muito de fazer este projeto, o que me trouxe de experiência, foi incrível. Porque tanto na parte teórica de montar o EAP, como na hora de montar algumas coisas técnicas, e também os valores que a gente teve, e ver o projeto ser realizado foi uma sensação incrível. Depois no dia, achando que não iria dar, e ver que deu tudo certo [...] acho que no começo é muito difícil, porque é uma disciplina de primeiro semestre, então a gente não tem ideia de nada e a maioria das pessoas nem sabem o que querem na verdade. Principalmente quem vem do ensino médio, porque você sai e da de cara com "Vamos fazer um projeto". Como eu vou fazer isso? Como viu fazer um cinema. Mas acho que ver ele pronto, e ele acontecendo é a sensação mais incrível da vida assim. Nossa, a gente se sente capaz é todo mundo lembra [...] é eu acho que o objetivo principal da matéria, são projetos para fora, e traz mais visibilidade para Fatec, porque ainda tem muita gente que não conhece a faculdade e tudo mais.

Discente 2: acho que é muito importante, porque alguns projetos como esse são pra fora, diferente de outros que só focam nos próprios

alunos. E acho que deveria existir mais projetos para o público lá fora. Tem o do surf, e outros que só foram para alunos.

No tocante ao grupo 2, as falas são as seguintes:

Discente 3: [...] você acaba mexendo em todo o contexto né, você tem que avaliar patrocinadores, você tem que ter um portfólio para apresentar o seu produto para os patrocinadores, para tentar que ele aceite a desembolsar um dinheiro para o seu projeto, porque para ele é cultural né [...] essa persuasão que a gente precisou bastante [...] tem relação direta com o curso isso né [...] se você ficar só naquela questão das materiais, você acaba ficando engessado né, você expande seu conhecimento, e faz com que o seu projeto se torne realidade né. Você é desafiado a cada momento.

Discente 4: eu acabei crescendo um pouco, porque a gente aprendeu a trabalhar em equipe, a respeitar mais tipos de personalidades, como se fosse um projeto mesmo de um grande evento, de uma empresa. Porque acho que esse é o sentido mesmo da disciplina. Quando a gente começa a trabalhar, a gente vê a falha de um, a gente deixa de criticar e passa ajudar, para que o projeto possa sair do papel. E também uma coisa que aprendi a trabalhar em grupo, uma coisa de correr atrás, uma coisa que a gente pensou que nunca ia conseguir, no último instante as coisas começaram a fluir. Uma coisa que senti falta, foi quando a gente falava: Ah o projeto da Fatec, as pessoas respondiam, o que é Fatec? Falta de divulgação não só do projeto, mas da faculdade em si, da instituição. E quando você começa a explicar, e falava que era em Cotia, as pessoas até se assustavam... É gratuito?

Fica marcada nas falas dos grupos a experiência percebida como positiva durante a realização, que aparece em respostas como “eu gostei muito de fazer este projeto, o que me trouxe de experiência, foi incrível”, do discente 1.

Por certo aparecem elementos, como EAP (Estrutura Analítica de Projeto), presente na fala do discente 1 que dizem respeito muito mais à documentação de todo o trabalho, vinculado a uma disciplina ministrada de acordo com esta lógica. Porém, é necessário destacar que também surge a percepção da conexão entre a disciplina e a interação com a comunidade, vista de modo positivo, já que é sugerido pelo grupo que se realizem mais ações deste tipo, e que até mesmo se cristalice a concepção de que este tipo de prática deve estar no centro da disciplina. Esta inserção de tais práticas, que se configuram como ações de extensão, é capaz de proporcionar maior visibilidade à instituição de ensino, visibilidade que se retroalimenta, pois uma vez que se trata de uma IES conhecida amplamente por sua comunidade, imagina-se que vá haver uma diminuição da preocupação com o público presente nas ações e uma

ampliação da disponibilização de apoio para a realização dos eventos. Tais concepções estão presentes em respostas como: “acho que é muito importante, porque alguns projetos como esse são pra fora, diferente de outros que só focam nos próprios alunos” do discente 2, ou “acho que o objetivo principal da matéria, são projetos para fora, e traz mais visibilidade para Fatec, porque ainda tem muita gente que não conhece a faculdade” do discente 1, e “acabei crescendo um pouco [...] como se fosse um projeto mesmo de um grande evento, de uma empresa [...] acho que esse é o sentido mesmo da disciplina”, do discente 4.

Ademais, os grupos fazem referência ao aperfeiçoamento de habilidades que não são objeto das disciplinas da matriz curricular do curso, inclusive o discente 3 usa o termo “engessado” para se referir a um currículo que não aborde questões outras que não as questões técnicas, ao que o discente 4 adiciona o comentário “a gente aprendeu a trabalhar em equipe, a respeitar mais tipos de personalidades”. Assim, os grupos tratam do fortalecimento da capacidade para lidar com outro, da criatividade para solucionar problemas e, certamente, da sensibilidade para lidar com as questões da comunidade em que se insere a IES, o que está alinhado a uma perspectiva mais abrangente da formação nos CSTs, conforme proposto pelas diretrizes curriculares nacionais e por autores como Machado (2008) Freire (2015) e Batista (2012).

Por fim, há menção a um aspecto da realização de tais ações que é o fato de elas ocorrerem no primeiro semestre do curso, conforme se manifesta a discente 1: “acho que no começo é muito difícil, porque é uma disciplina de primeiro semestre, então a gente não tem ideia de nada e a maioria das pessoas nem sabem o que querem na verdade”. A manifestação da discente leva a pensar sobre a maturidade do corpo de alunos para a propositura de tais ações e também sobre a continuidade delas, pois se sempre são realizadas ações com alunos do primeiro semestre, a cada semestre haverá alunos novos, de modo que a experiência acumulada ao longo da execução do projeto será muito pouco aproveitada na edição seguinte.

3.3.2 Entrevistas com o público do evento

Na primeira questão (Como você ficou sabendo do *Fatec Paradiso*?) buscou-se verificar os canais de divulgação por meio dos quais o público soube do *Fatec Paradiso*. As respostas à tal questão trazem considerações sobre a maneira como a IES se expõe para a comunidade, sobre como (e se) seus discentes e

docentes falam dela, como a expõem para a comunidade.

Seguem-se as falas dos entrevistados a respeito de tal questão:

Entrevistado 1: pela divulgação que ocorreu dentro da Fatec.

Entrevistado 2: pela divulgação que houve na faculdade.

Entrevistado 3: já faz um tempo né, minha memória é um pouco falha, mas eu me lembro que fiquei sabendo porque eu precisava buscar uma moça, a Camila, que falaria sobre o filme no final, e porque eu trabalhava na Fatec [...] Já era o segundo *Fatec Paradiso* que eu fui, teve o de Lisbela e Prisioneiro que eu também participei, acho que teve um antes não tenho certeza. Foi uma ideia de uma professora ... você sabe que aconteceu eu não me lembro de tudo certo, mas era do porquê eu me lembro né, aí eu fui busquei minha amiga e fui pra lá.

Entrevistado 4: então eu fiquei sabendo né do *Fatec Paradiso*.... Fiquei sabendo do projeto através de uma aluna da Fatec que me convidou e explicou brevemente o projeto né.

Entrevistado 5: fiquei sabendo pelo Facebook, e por grupo de pessoas que conversaram comigo.

Entrevistado 6: eu como docente da Fatec fiquei sabendo que era o resultado de um projeto, e para mim foi interessante porque eu nunca tinha participado de uma ação assim, com esse intuito de pertencer à comunidade.

Entrevistado 7: eu fui convidada por ele, que é docente da Fatec e que estava bem animado para participar dessa ação... vou chamar de cultural-social.

As falas relativas à divulgação do *Fatec Paradiso* demonstram diversidade do alcance dos canais de divulgação utilizados. Constam das falas três origens de convites para o evento: a divulgação interna (entrevistados 1, 2, 3, 6 e 7), os alunos divulgadores (entrevistado 4), e também a rede social Facebook (entrevistado 5). Há que se ponderar que o grupo de entrevistados é diverso, contém professores, funcionário e público externo à Fatec, o que de algum modo justifica a diversidade de canais. É preciso ressaltar a adesão à divulgação interna, presente nas falas dos entrevistados 1, 2, 3, e e 7, e que leva a crer que o próprio público interno da Fatec Cotia, ou pelo menos parte dele, habitualmente dá atenção aos comunicados distribuídos e que valoriza as ações desempenhadas pela IES. Por fim, também é necessário destacar a divulgação por parte de uma aluna que convidou o entrevistado 4, que é possível interpretar como uma espécie de crença no trabalho dos colegas e da IES.

Na questão número 2 (Você sabe quem organizou o evento e por quê?)

intencionou-se observar a noção da comunidade sobre a realização do *Fatec Paradiso*. Existe uma noção exata de que foram alunos da Fatec Cotia que o organizaram? Além disso, há o conhecimento de que organizaram este evento no âmbito de disciplinas de um CST, e que por de trás de tal organização há uma proposta de oferecer à comunidade o acesso a momentos que geralmente não são proporcionados? As respostas a esta questão revelam também se a comunidade sabe da existência da instituição e se espera dela uma atuação que não se restrinja à formação por meio da oferta dos CSTs.

Entrevistado 1: foram os professores e o coordenador, e a ideia era dentro dos objetivos, trabalhar junto com os alunos, gerenciamento de projetos, este era um dos objetivos, de como trabalhar em equipe, como gerenciar o tempo, conflitos, e ao mesmo tempo abordar essa questão cultural pros alunos, e também fazer alguma coisa diferente pra comunidade, pra cidade, pois não tem tantas coisas interessantes que acontecem por aqui. Interessantes e que agreguem valor.

Entrevistado 2: vários professores e alunos orientados, pelos professores acho que o coordenador do curso também... e alguns alunos, que não vou lembrar o nome [...] é uma atividade, que entre as atividades da Fatec Cotia, que pegaram uma certa tradição em ... em propor projetos aos alunos com caráter diversos, caráter ou cultural, esportivo... ou caráter didático mesmo, caráter, né, técnico, didático... para que os alunos possa, é, além das atividades normais didáticas da unidade, eles terem contato, experiências e iniciativas, de propor outros, outras... ampliar o conjunto de conhecimentos, formação e treinamento... eu vejo o *Fatec Paradiso* como mais uma iniciativa dessa área.

Entrevistado 3: eu entendo que é a necessidade de você levar a cultura para o pessoal que não tá tão adaptado eu não me lembro qual foi o fundamento específico utilizado projeto mas creio que seja esse uma ideia de levar algo como O menino é mundo, que não é um filme tão comum, acho que era um curta se eu não me engano [...] para apresentar para pessoas que não tem tanto oportunidade para conseguir fazer com que essa cultura chega todo mundo e que todo mundo tenha acesso [...] Eu acho que a proposta estar na praça é muito boa. Porque as pessoas acabam chegando, sentando é se interessando em saber que está acontecendo ali na hora. Ainda que seja divulgado, as pessoas só vão saber efetivamente o que vai acontecer passando é vendo algo diferente ali na hora indo entender [...]

Entrevistado 4: essa aluna da Fatec que me convidou falou que era alguma coisa a ver com uma disciplina [...] não me recordo dela ter citado o nome [...] *Fatec Paradiso*, mas eu sabia que era um trabalho de uma disciplina né do curso de Gestão [...] quem organizou especificamente eu sabia que eram alunos da Fatec alunos que estavam cursando essa disciplina que justamente propõe uma organização de um projeto, de um evento né [...] então eu mais ou menos sabia né sobre o que se tratava qual que era o propósito né do

projeto... saber que era um projeto extensão da Fatec.

Entrevistado 5: sei que foi a Fatec, os alunos da Fatec... Mas... não sei os detalhes assim...

Entrevistado 6: bom o conhecimento do projeto veio pelas duas professoras que organizaram [...] Além desse intuito cultural, tinha também o objetivo de apresentar a Fatec para a cidade, por que ninguém conhecia, era uma faculdade nova, com uma atividade nova.

Entrevistado 7: o que eu tive dimensão é que era um projeto com intuito de aproximar a comunidade, por isso que era num lugar aberto, com contato com a comunidade no sentido dos órgãos diretivos, mas o objetivo maior era aproximar a comunidade acadêmica da comunidade onde a escola está inserida.

No que tange à percepção sobre quem organizou o evento, as respostas dos entrevistados indicam que existe certa consistência sobre o fato de saberem que se trata de uma ação da IES Fatec Cotia, realizada por seus docentes e discentes. No entanto, a relação da execução com a concepção de extensão aparece em número reduzido das falas, demonstrando, mais uma vez (assim como aparece nas falas dos discentes) certo desconhecimento sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Os entrevistados 1, 2, 4, 6 e 7 demonstram maior conhecimento sobre os organizadores, e, principalmente, sobre os motivos da organização, a intenção de proporcionar uma formação mais abrangente, chegando até mesmo a verbalizar o termo “extensão”, no caso do entrevistado 4. Pode-se conjecturar que talvez estes entrevistados tenham mais detalhes da ação devido aos canais de divulgação por meio dos quais souberam do *Fatec Paradiso* (divulgação interna e aluna).

Os entrevistados 1 e 6 verbalizam, sobre os organizadores que “foram os professores e o coordenador”, ou “pelas duas professoras” e sobre o porquê da organização afirmam que “trabalhar junto com os alunos como trabalhar em equipe, como gerenciar [...] conflitos”, “abordar essa questão cultural”, “fazer alguma coisa diferente pra comunidade, pra cidade, pois não tem tantas coisas interessantes que acontecem por aqui [...]”.

No caso do entrevistado 2, verbaliza-se, no que diz respeito aos organizadores que foram “vários professores e alunos orientados, pelos professores acho que o coordenador do curso também”, sobre o porquê da organização acredita que ela se deu com o intuito de “propor projetos aos alunos com caráter diversos, caráter ou

cultural, esportivo”, “para que os alunos possa [...] ampliar o conjunto de conhecimentos, formação e treinamento”. O entrevistado 4, por sua vez, a respeito do porquê da organização, afirmou que “essa aluna da Fatec que me convidou falou que era alguma coisa a ver com uma disciplina”, “eu sabia que era um trabalho de uma disciplina né do curso de Gestão [...]”, “quem organizou especificamente [...] alunos da Fatec, que estavam cursando essa disciplina”, “saber que era um projeto extensão da Fatec”

O entrevistado 3 não explicita quem foram os organizadores, mas manifesta-se sobre o propósito da organização do *Fatec Paradiso*, “eu entendo que é a necessidade de você levar a cultura para o pessoal que não tá tão adaptado”, “fazer com que essa cultura chegue a todo mundo”.

O entrevistado 5 afirma não ter noção exata de quem foram os organizadores e nem do porquê da organização: “sei que foi a Fatec, os alunos da Fatec... mas... não sei os detalhes assim...”.

Por meio da questão de número 3 (Como foi a sua experiência quando participou da exibição ao assistir ao filme?) investigou-se a experiência do público com a exibição do filme. Analisou-se se o fato de assistir à exibição impactou as pessoas, se (e o que) que elas se lembram das exibições, se houve o movimento de se espelhar no filme e pensar a sua própria existência, e a alteridade, cristalizando assim o uso do cinema como ferramenta pedagógica e que gera transformação, conscientização:

Entrevistado 1: não é o tipo de animação que eu costumo assistir, então eu achei bem diferente, e tudo que é muito diferente, inicialmente tem um certo impacto, até a gente acostumar e entender. Claro que a proposta da animação era você pensar em algumas questões [...] ele não tinha fala né? Então confesso que me deu um pouco de sono [...] lembro que era um menininho que estava perdido, e mostrava cenas bem diferentes e estranhas. Não lembro se ele tava sonhando. Achei meio louco assim [...]

Entrevistado 2: eu gostei muito porque... realmente... até o nome, inspirado no filme Cine Paradiso... um filme italiano... ou brasileiro... eu já vi um filme nacional onde tinha exibição de filme em praça... acho que... inclusive foi no primeiro filme né? O do cara do karatê né? [...] parece que eu já vi algo de parecido... quando eu era criança, eu lembro que tinha a praça quando eu era pequeno, e tinha TVs nas praças, a prefeitura colocava TV nas praças... antes mesmo da TVs na casa das pessoas, depois todo mundo tinha acesso, ficou fácil pra todo mundo né? Então eu lembro disso... mas antes as pessoas ficavam na praça assistindo TV, é tipo o Paradiso. E isso é legal, porque, é... a minha experiência com isso... porque nós estamos na grande São Paulo né? Acabou muito disso né? O que tem de experiência de público em praça, ou eventos muito bem elaborados,

tipo ah... o, eventos de prefeitura, como é que chama o negócio aqui, o... rodeio né? Ou às vezes igrejas fazem uma quermesse né? Mas faculdade eu não tinha visto mesmo, entendeu? [...] é um evento que é na, num local público, que os alunos se sentem bem né? Que participaram e se sentiram bem [...]

Entrevistado 2 (sobre a terceira edição): é o desenho... desenho animado... do carinha que ia trabalhar... acho que era o pai dele...e era um filme com uma temática diferente do que se vê no geral, não está no circuito comercial [...] ele dá espaço para outras opções de acesso cultural [...]é um filme que [...] mostra de forma alegórica as emoções e os sentimentos de uma criança em relação às dificuldades do mundo, que ele vai enfrentar [...] essa é a poesia né? Você faz uma alegoria, para ser atrativo né, para ser lúdico, e mostra essa ideia né [...]

Entrevistado 3: [...] era um filme diferente com uma visão sobre o menino que eu esqueci o nome agora [...] lembro vagamente do que acontecia no filme de fato, porque é um filme mais complexo [...] Creio que se tivesse um pouco mais de divulgação e fosse um pouco mais acessível, o *Lisbela e o prisioneiro* [da primeira edição] é um exemplo, *O menino e o mundo*, tinha uma outra proposta, era um filme mais complexo [...] Lembro que tinham umas cenas que eu particularmente achei fortes, e faz mais de um ano né? Lembro que minha amiga conversamos bastante, e até com um outro amigo... lembro de ser um filme denso. Eu lembro da minha avaliação do filme, mas não do filme em sua totalidade. Um filme denso, que nem todo mundo que sentou ali entendeu a proposta do filme [...] Eu lembro de achá-lo forte. Não é um filme que você senta para assistir e lava a louça ao mesmo tempo né. É um filme forte de fato [...]

Entrevistado 4: e sobre o filme eu achei o filme né, muito bem escolhido eu já tinha ouvido sobre o filme... alguns amigos tinham comentado né, se não me engano quando ele, quando ele foi apresentado né na praça pelo projeto ele era recente né, ele não é um filme muito antigo e aí só que eu não tinha assistido então também um filme me instigou aí também na praça e participar do evento [...] sobre a questão de alguma cena, algum aspecto do filme que me remete a uma experiência pessoal, com certeza porque a história e o enredo do filme gira em torno na do menino que sai da sua aldeia né, da sua cidadezinha e vai para o mundo né, vai descobrir o mundo e se depara com a pobreza né, se depara aí com várias desigualdades né, descobre a sociedade tal como ela é né [...] isso me remete sim na verdade à dinâmica da minha vida, mais especificamente a uma viagem que eu fiz para Bolívia, onde eu fiquei quase uns 20 dias na Bolívia [...] foi uma experiência nesse sentido né, descobrindo um país né, que até então nunca tinha ido, e vendo também a realidade deles, marcada por aspectos culturais muito legais mas também pela pobreza, pela dificuldade né, da vida cotidiana... Enfim ...então... essa viagem, mas também a minha vida como um todo... Acho que a vida de todo o mundo é um explorar o mundo, e nesse explorar o mundo você conhece a sociedade tal como ela é inclusive com todas as suas injustiças né [...]

Entrevistado 5: relata que não viu o filme.

Entrevistado 6: [...] a primeira coisa: foi a primeira vez que eu vi um filme numa praça, é a sensação de ver o filme na praça que fala sobre ver um filme numa praça... É totalmente diferente. Na verdade, você tem dentro de você algumas lembranças de filmes que falam de ver filme na praça

Entrevistado 7: em termos de comunicação, eu fiquei um pouco frustrada, mas em termos de movimento cultural eu achei bem interessante. [...] não sei até se pelo horário, pelo clima, não tinha tanta gente [...] eu acho que a escolha foi muito legal, em termos, vou falar da experiência nossa. No caso dos meninos, eles foram com muita má vontade. Mas depois que sentaram, se envolveram completamente, aquele menino não piscava. Então acho que houve uma interação com o tema, com a proposta. Eu diria que um dos pontos altos foi a escolha do filme. Acho que é bem interessante, porque é um filme nacional, então acho que essa proposta é bacana, é uma obra boa, nacional. Então quem já vai esperando alguma coisa, sei lá, um Indiana Jones, vai ver que tem coisas legais aqui. Eu achei que foi bem interessante neste sentido, a proposta foi boa. Eu percebi que quem estava lá assistindo, estava lá, de fato se envolveu com o filme. Você percebia o interesse das pessoas, o estar olhando, algumas reações.

Chamam a atenção os relatos dos entrevistados 1 e 3, que por meio de falas como as que seguem, ressaltam a densidade e a complexidade do filme exibido durante a terceira edição do *Fatec Paradiso*. No caso do entrevistado 1, “não é o tipo de animação que eu costumo assistir, então eu achei bem diferente”, “lembro que era um menininho que estava perdido, e mostrava cenas bem diferentes e estranhas”, “Achei meio louco assim [...]”. No caso do entrevistado 3 “era um filme diferente com uma visão sobre o menino que eu esqueci o nome agora”, “é um filme mais complexo”, “tinham umas cenas que eu particularmente achei fortes, e faz mais de um ano né?”, “minha amiga conversamos bastante, e até com um outro amigo”, “lembro de ser um filme denso”, “lembro da minha avaliação do filme, mas não do filme em sua totalidade”.

Relembre-se que tal densidade e tal complexidade foram previstas e relatadas também pelos organizadores da exibição do filme *O menino e o mundo*. É importante comentar que justamente no caso dos dois entrevistados que relataram tal densidade, não há em suas falas, lembranças de cenas exibidas, há a lembrança sobre a sensação provocada pela exibição, que no caso do entrevistado 1 remete, primeiramente ao sono e depois à memória de uma outra animação, sugerida na questão 4. No caso do entrevistado 3, as lembranças apontam para diálogos estabelecidos com outras pessoas sobre a complexidade da exibição, conforme destacado nas falas. As colocações destes entrevistados apontam para o fato de que

ainda que não tenha a memória clara sobre o conteúdo do filme, de suas cenas e falas, há reflexão sobre o que foi exibido, ainda que não tenha gerado ação ou mudança.

No caso do entrevistado 2 é interessante a reflexão que se faz com relação à edição do *Fatec Paradiso*, que logo aparece, via o filme *Cine Holliudy*, na memória do entrevistado como o filme em que se fala de cinema na praça. Logo na sequência, o entrevistado relata associações entre o conteúdo deste filme e sua experiência pessoal da infância, o que aparece em respostas como “quando eu era criança, eu lembro que tinha a praça quando eu era pequeno [...] Então eu lembro disso... mas antes as pessoas ficavam na praça assistindo TV, é tipo o Paradiso [...] E isso é legal, porque, é... a minha experiência com isso...”.

No mesmo sentido de associação da experiência cinematográfica com suas experiências pessoais, estão as falas dos entrevistados 4 e 6. O primeiro, tendo participado da 3ª edição do *Fatec Paradiso*, refere-se a uma viagem, em que se deparou com diferenças sociais, com a questão da exploração de uma realidade que a princípio não é a sua, e que é manifestado em “isso me remete sim na verdade à dinâmica da minha vida, mais especificamente a uma viagem que eu fiz para Bolívia”. Por sua vez, o entrevistado 6 relata que era a primeira vez em que participava de uma atividade deste tipo, e faz ainda reflexões que apontam para a construção de relações entre o filme e a sua própria experiência “foi a primeira vez que eu vi um filme numa praça, é a sensação de ver o filme na praça que fala sobre ver um filme numa praça”.

Sobre a exibição do filme da terceira edição, *O menino e o mundo*, não há associações, por parte do entrevistado 2, a relatos da experiência, mas há uma reflexão no sentido de pensar a alegoria apresentada pelo filme com o intuito de mostrar as dificuldades enfrentadas por aqueles que decidem conhecer o mundo.

Por último, na questão 4 (Quais sugestões você daria para novas edições?) solicitaram-se sugestões do público. Será que os entrevistados, após participarem da exibição, pensaram sobre ela, será que acreditam que ela tem potencial para ocorrer novamente? Há algum aspecto que gostariam de refinar?

Entrevistado 1: eu sou muito ruim de memória. Mas de bate pronto, não tenho. Tem um filme, uma animação japonesa, que estreou amo passado no Netflix, e chama-se Your Name. Conta a história de duas pessoas que se conhecem de alguma maneira, mas elas estão separadas pelo tempo e pela região. Mas tem história de drama com romance, mas te faz refletir bastante. Eu achei muito legal [...] sobre valores, amizade, companheirismo, cidadania, persistência, sobre

você vencer os obstáculos, mesmo que todos digam o contrário, digam que não vai dar certo, que você está louco. Acho que é um filme que te motiva a você correr atrás dos seus sonhos. Embora eu tenha falado do filme apresentado, não que eu esteja desmerecendo, mas eu acho muito diferente. E ainda sem fala. Também eu acho que o contribui para distrair ou diminuir a força de vontade de ficar assistindo, é que estava frio. Não é o tipo de desenho que, como eu te falei, não que eu não assista, mas sem fala você tem que prestar muita atenção, mas não desmerecendo. Você não pode piscar, e prestar atenção.

Entrevistado 2: [...] verificar as vantagens e desvantagens que teve nos eventos anteriores, por exemplo lá em Caucaia que teve mais gente... talvez lá então seja o local mais propício para continuar. Fazer tipo assim, três edições lá e uma aqui... ou pensar... não aqui tá precisando incentivar as pessoas mais que lá né? Ou fazer duas... pode fazer uma lá e outra aqui... tem que pensar, entendeu... né? [...] mais patrocínio, tentar mais apoio [...] o projeto para mim tem que ter continuidade, mas talvez aí mais parcerias né, que aí sim você pode colocar, talvez chamar um palestrante de uma área cultural [...] fazer perto de um local onde tenha uma faculdade ou um centro cultural e possa ter mais atividades em conjunto [...] acho que tem duas coisas: conseguir parcerias, e [...] unir as Fatecs [...] garimpar a parceria entre as Fatecs... porque o CPS é gigantesco, então se a gente conseguir fazer isso, a gente está dando um exemplo para as outras, para todas as instituições, aliás né? Para que todas as instituições consigam se unir para fazer um projeto em conjunto para o bem da faculdade e da comunidade.

Entrevistado 3: acho que ele deve se tornar uma rotina, um filme mais simples [...] fazer com que as pessoas se interessem por estar ali. Não dá para apresentar um filme mais denso logo, que as pessoas não vão entender nada do que está acontecendo aqui, o que que é isso? [...] algo nessa linha, algo que seja mais simples e que fomente uma conversa depois, que deixe a pessoa ir para casa pensando a respeito. E aí ela vai com essa sementinha plantada né? [...] até chegar o momento que essa pessoa tenha o hábito de ir para lá, assim como a gente tem hábito de ir ao cinema. É um hábito, ah "x" dias tem isso, e isso tem aquilo de comentar e levar outras pessoas, e assim, a gente vai conseguir elaborar uma boa discussão mais calorosa. Uma boa ideia.

Entrevistado 4: sobre as sugestões [...] eu acredito assim que seria positivo que seria bacana, mas é claro que isso depende de verba né [...] as apresentações de filme na praça acontecerem mais sistematicamente, com mais regularidade né, que acontecesse mais, porque aí você, eu acho que, eu acredito que, você traz, daí é esse hábito né, para as pessoas não é isso vira um evento programado, que você já tem algumas datas definidas para realização do evento, e isso desenvolve né, uma cultura nas pessoas de irem na praça, olha vai ter o filme né ... então eu acho que em termos de organização achei muito bacana sabe ... estava agradável, um dia bem frio mas as pessoas estavam presentes né, tanto alunos quanto crianças né, quanto pessoas que estavam passando por ali. Eu mesmo eu sou professor e eu encontrei um ex-aluno meu lá na praça né, que mora perto de Caucaia, eu reencontrei ele ... então eu acho que se esse evento

pudesse acontecer né, com mais frequência seria... sabe seria muito bacana, ele te traria contribuições né, traria uma sociabilidade na praça ali né, com as pessoas da cidade, que que como eu disse anteriormente é fundamental, acho que em termos de convivência né, de harmonia, de solidariedade... eu não acredito muito que as pessoas vão ser solidárias né, e nem mesmo né, vão se organizar para lutar por direitos se elas não se encontram né, pessoalmente, em momentos agradáveis. E também como eu disse, eu acho que, a escolha do filme né, ela também pode ser democratizada, a escolha do filme né... se isso acontece mais sistematicamente, pode ser coletado opiniões e sugestões das pessoas que frequentam a praça ... é claro que mantendo uma ideia de filmes mais alternativos né, que não são comerciais, eu acho que a gente poderia ter eventos que também fomentam né, como eu disse, a reflexão. Então acho que a minha sugestão principal seriam mais eventos, eventos com mais frequência.

Entrevistado 5: eu acho que poderia ter tido uma melhor divulgação.

Entrevistado 6: [...] considero que o cinema vai ser a ferramenta para a população ocupar a cidade, na praça.[...] O que a cidade quer assistir naquele dia? Se for um filme comercial, que seja, mas pelo menos eles vão ocupar a cidade [...] talvez com instrumento de redes, ou uma votação ou uma escolha comunitária, talvez a gente consiga descobrir outros lugares, ou outros temas de cinema [...] acho que tem concorrência que a gente não está sabendo. Porque o que você tinha de concorrência quando tinha cinema na praça e todo mundo ia numa cidade? Não tinha nem televisão.

Entrevistado 7: [...] me pareceu que a data escolhida, um sábado de noite, lá no centro, não favoreceu, o centro não é um local de grande movimentação, eu acho [...] também a questão dos filmes, serem sempre bem selecionados, essa questão do cinema nacional vale a pena investir [...] uma maneira que as pessoas possam dar a sua sugestão, trazer o que gostariam de assistir [...] se sintam mais participantes né? [...] eu acho que como projeto, a proposta termina ali, quando você fala que quer envolver a escola com a comunidade não pode ser um projetinho que eu fiz hoje [...]

Sobre as sugestões para possíveis próximas edições, os entrevistados 1 e 3, aqueles que relataram a densidade e complexidade do filme da terceira exibição, fazem sugestões neste sentido. O primeiro sugere um filme, outra animação e diz que este seria um bom filme para proporcionar uma reflexão sobre alguns valores, conforme se verifica em “Tem um filme, uma animação japonesa [...] chama-se *Your Name* [...] te faz refletir bastante [...] sobre valores, amizade, companheirismo, cidadania, persistência”. Já o terceiro sugere que a complexidade do filme seja crescente, de modo que se perpetue certa fidelização daqueles que frequentam o *Fatec Paradiso*. Por ter participado de 2 exibições, a primeira e a terceira, o entrevistado 3 faz um contraponto entre a complexidade do filme exibido

primeiramente, e o exibido mais recentemente. Há uma preocupação aqui com o entreter, e não só educar, “Não dá para apresentar um filme mais denso logo, que as pessoas não vão entender nada do que está acontecendo”, “algo que seja mais simples e que fomente uma conversa depois, que deixe a pessoa ir para casa pensando a respeito”, “até chegar o momento que essa pessoa tenha o hábito de ir para lá, assim como a gente tem hábito de ir ao cinema”.

Tais sugestões demonstram que, ainda que a exibição de *O menino e o mundo* não tenha sido agradável para estes entrevistados, há uma crença por parte deles na utilização do cinema em si como instrumento pedagógico.

Os entrevistados 2 e 7 orientam suas sugestões no sentido de pensar questões mais ligadas à administração do *Fatec Paradiso*. Assim, fazem sugestões que dizem respeito à escolha do local de exibição, passando desta maneira a noção de que, em sua concepção, um quantitativo grande de pessoas é relevante para medir o sucesso da ação, além de sugerir a realização de parcerias do *Fatec Paradiso* com instituições diversas, de modo a proporcionar mais recursos materiais e financeiros, bem como ampliar sua área de atuação, por meio da associação com outras instituições, fato que mais uma vez denota a noção de que é preciso ter muita gente para que o projeto seja considerado um sucesso.

Por sua vez, o entrevistado 4, que faz associações entre o filme e sua própria trajetória, faz sugestões no sentido de que se realizem tais exibições com mais frequência, “minha sugestão principal seriam mais eventos, eventos com mais frequência”, reforçando que as exibições ocorram mais frequentemente e em datas programadas, criando “uma cultura nas pessoas de irem na praça”. Ademais, o entrevistado em questão, assim como o entrevistado 6, faz uma sugestão que diz respeito à democratização na organização das exibições, por meio da escolha do filme a ser exibido, “a escolha do filme né, ela também pode ser democratizada, a escolha do filme né”. A democratização solicitada pelo entrevistado está consonância com o previsto para as políticas de extensão, que não devem ser pensadas apenas pelas IES, mas que sim necessitam conhecer e ouvir as comunidades em que se inserem para atender as suas demandas de modo adequado. Estes entrevistados, 4 e 6, ressaltam ainda um aspecto do *Fatec Paradiso* que não é abordado por outros entrevistados, sejam eles discentes ou organizadores, que é a ocupação do espaço público pela população com vistas à articulação e à organização desta população para atender a seus próprios interesses e demandas, conforme se verifica em “eu não

acredito muito que as pessoas vão ser solidárias né, e nem mesmo né, vão se organizar para lutar por direitos se elas não se encontram”

Por fim, o entrevistado 5, sugere apenas que se amplie a divulgação do *Fatec Paradiso*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da legislação pertinente aos CSTs, bem como dos marcos legais relativos à extensão sugerem que, apesar da percepção errônea e superficial que se tem deste tipo de formação, há a imperiosa necessidade de repensá-la. Instrumentos legais como leis, decretos, a Constituição Federal de 1988, a LDB de 1996, Pareceres do MEC dos anos de 2001 e 2002, Resolução do MEC de 2002, o Plano Nacional de Extensão Universitária, de 2001 e também a Política Nacional de Extensão Universitária de 2012, propõem uma formação que não se volte para si mesma, e nem para necessidades de atendimento exclusivo às demandas do mercado de trabalho. Solicita-se sim uma formação capaz de formar egressos que tenham habilidades técnicas, mas que também sejam capazes de refletir, problematizar e transformar o seu entorno.

Neste sentido, considerando-se o cinema como manifestação artística capaz de ser utilizada com fins pedagógicos, de maneira a gerar nos discentes e na comunidade reflexão e transformação, bem como levando-se em consideração a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, levantou-se aqui uma questão que visa proporcionar uma melhor compreensão da articulação entre a formação nos CSTs com práticas culturais, via cinema, oferecendo-se o cinema como projeto de extensão a uma comunidade. As leituras realizadas nos permitiram considerar as relações entre cinema, educação e atividades de extensão como um elemento problematizador da formação cultural e da formação profissional que precisam ser consideradas de maneira articulada.

Além da revisão bibliográfica e documental a articulação entre tais instâncias, buscou-se por meio da realização de entrevistas junto a atores desta relação, discentes e comunidade de Cotia, observar a viabilidade de tal articulação.

Em termos da questão de pesquisa proposta, a respeito da maneira como se articulam a formação superior tecnológica e as práticas de extensão universitária, observa-se que é sim possível tal articulação. Articulação esta que é percebida e valorizada por discentes (ao realizar projetos de extensão, ainda que não tenham cristalizada a concepção da extensão) pela comunidade de Cotia (ao participar do oferecimento de tais ações). A cultura, o acesso a bens culturais é considerado de

especial importância pelos discentes, que em suas falas reforçam isso, bem como o público do *Fatec Paradiso* também.

Sobre o objetivo geral de pesquisa constante deste trabalho, a saber: examinar a inserção de práticas de extensão universitária, de cunho cultural, utilizando-se do cinema, para proporcionar uma formação superior tecnológica condizente com as diretrizes curriculares atuais, além de uma formação superior tecnológica mais abrangente e uma atuação transformadora da instituição de ensino, foi possível observar que apesar de não terem a princípio a noção do conceito de extensão universitária e nem da legislação que a suporta, os discentes que responderam às questões propostas por este estudo valorizam e enfatizam em suas falas o aspecto de interação e de atendimento das demandas da comunidade em que se insere a IES em que estão matriculados. Percebe-se por meio de suas falas o interesse (e de certo modo o orgulho) em atuar como instrumento por meio do qual se viabiliza a disponibilização de aparatos culturais à comunidade de Cotia, via a oferta de exposições cinematográficas. No que diz respeito à organização das ações e dos deveres que ela traz, os discentes demonstram satisfação e evolução em termos do desenvolvimento de habilidades que não estão previstas na matriz curricular do curso. Os discentes verbalizam que a realização dos chamados “projetos” torna o currículo menos “engessado”, o que contribui para a formação no CST. Por outro lado, a comunidade de Cotia demonstra em suas falas que valoriza a oferta de tais ações feitas pela IES, mas não demonstra, de modo geral, conhecimento a respeito do fato de tal oferta constituir-se como função inerente às IES como um todo.

A respeito da reflexão proporcionada pela arte cinematográfica, fica evidente na fala dos discentes a valorização da democratização no acesso ao cinema. No entanto, aparece de modo incipiente a relação entre o cinema enquanto ferramenta pedagógica (para gerar a transformação social) e o cinema de entretenimento. Tal afirmação se confirma ao relembrar falas que relatam a dificuldade de compreensão, por parte do público, da escolha de determinado filme. Assim, delineia-se uma situação na qual se percebe o cinema como positivo, como ferramenta pedagógica válida, mas que por ora está mais próxima do entretenimento. É preciso então que se faça a transição, por meio por exemplo da implementação de mais exposições, nas quais se promovam discussões, debates após os filmes exibidos, para que se cristalize, assim como a concepção de extensão, a percepção do cinema como instrumento de transformação social. Assim, conclui-se que esta concepção mais

ligada ao entretenimento se caracteriza como passível de alteração, por meio da realização de mais edições, conforme sugerido por discentes e público das edições.

Propunham-se nos objetivos específicos do trabalho a conceituação da extensão universitária, apontando os marcos legais e acadêmicos em que se trata do tema; a observação o histórico da extensão universitária no Brasil, e mais especificamente a articulação entre a extensão e a oferta de CSTs; a análise das diretrizes curriculares atuais no que diz respeito a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, especificamente no que tange a área cultural de atuação extensionista à qual se aproxima a formação profissional nos CSTs; tais objetivos foram alcançados por meio de revisão bibliográfica e de pesquisa documental realizadas no capítulo 2 do presente trabalho. Propunha-se também a descrição de uma prática de extensão, realizada na Fatec Cotia, por meio da utilização do cinema e a observação da utilização do cinema como ferramenta educativa alinhada ao tripé ensino, pesquisa e extensão, propostas que foram alcançadas por meio da coleta de entrevistas, analisadas no capítulo 3, subsidiadas pela descrição do *Fatec Paradiso* que se realiza no mesmo capítulo, bem como da revisão bibliográfica que trata de aproximação entre cinema, educação e extensão que se realiza no capítulo 1.

Durante a descrição do *Fatec Paradiso* se esclarece que foram idealizadas e realizadas três edições do projeto: a primeira, na Praça da Matriz, no dia 21 de novembro de 2016, em que se exibiu o filme *Lisbela e o Prisioneiro*; a segunda, também na Praça da Matriz, em 11 de junho de 2016, sendo exibido *Cine Holliúdy*; por fim, no dia 17 de junho de 2017, realizou-se, na Praça dos Romeiros, a terceira edição do *Fatec Paradiso* exibindo-se *O menino e o mundo*. Novamente há que se destacar o fato de ser a terceira edição também a última realizada, devido à decisão da IES de suspender as atividades de cunho extensionista. Ainda que exista todo um arcabouço legal que suporta a realização deste tipo de atividade, tais como a Constituição Federal de 1988, a LDB de 1996 e o próprio Regimento Unificado das Faculdades de Tecnologia do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, de 2012 (que por si só é problemático ao tratar de extensão, distanciando-a já na elaboração dos artigos e incisos que o compõe, visto inserir a cultura, a ciência, a tecnologia e a inovação, o ensino e a pesquisa aplicada e um inciso, e a extensão e a articulação com a comunidade, em outro), decisões como esta que suspendem as atividades envolvendo a comunidade, revelam a descontinuidade e a superficialidade com que é tratada a extensão. Revela-se, ademais, um distanciamento entre o que

está previsto na legislação que rege o ensino superior tecnológico e as ações, a prática, a vivência, a experiência de discentes, docentes e dirigentes das IES. Tais constatações vêm acompanhadas (ou desacompanhadas) da inexistência de programas contínuos e consistentes voltados à extensão enquanto parte indissociável segundo a qual deve se organizar o ensino superior, de modo que não se encontram, nem localmente na Fatec Cotia, nem globalmente na administração do CPS, programas de bolsas para discentes e/ou docentes, ações contínuas ou programas institucionalizados voltados à extensão universitária.

Em contraposição, apesar dessa descontinuidade com que é tratada a extensão, observou-se, por meio do trabalho com o material obtido nas entrevistas, que a função extensionista é percebida como positiva, tanto por discentes como por membros da comunidade, ainda que não a nomeiem como tal (quicá por desconhecimento da previsão legal). Não se deve perder de vista, entretanto, que as entrevistas foram feitas algum tempo depois das exposições, e que, portanto, são bastante dependentes da memória dos entrevistados. Neste sentido, conforme sugerido pelos entrevistados, acredita-se em uma continuidade da ação *Fatec Paradiso*, desde que a IES também retome este tipo de atividade, de modo que se refine a utilização do cinema como instrumento pedagógico que motiva a transformação social (seja por meio da conscientização dos problemas enfrentados pela comunidade, seja pela aproximação comunidade-IES, de forma que esta comunidade se dê conta de que aquele também é seu lugar) e que se amplie e aprofunde nos estudantes a noção de que devem exigir uma formação mais abrangente, que dê conta, ou que ao menos tente, da complexidade que implica viver coletivamente.

Conclui-se que a escola deve sim desempenhar tal função, apesar de conhecer suas dificuldades e limitações para tal. Defende-se, nos limites deste estudo, a arte, materializada no cinema, como instrumento para que os indivíduos possam colocar-se no lugar do outro, alargando sua percepção de mundo, na escola. A arte, incluindo a cinematográfica, deve estar presente não de modo isolado, em uma ou outra disciplina, mas sim permeando o ensino como um todo, conduzindo à reflexão tanto no que tange à representação ou reprodução da realidade em movimento, quanto servindo ao propósito de proporcionar a ampliação ou alargamento da experiência e da percepção dos sujeitos.

O estudo realizado aponta para questões que não foram colocadas nos limites desta pesquisa tais como o necessário apoio financeiro da instituição provendo projetos de extensão com algum tipo de auxílio na infraestrutura e oferta de bolsas aos alunos para que haja a continuidade de ações dessa natureza num contexto amplo de um programa de extensão.

O estudo também se insere, de alguma forma, nas discussões sobre o direito à cidade e à conquista de espaços públicos de lazer e cultura, promovendo a percepção pelos atores não só da importância do trabalho feito pela IES promovendo formação profissional e cidadania, mas da necessidade de articular cultura e política na ocupação dos espaços urbanos.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, M. Política Nacional de Extensão Universitária – 2012: identidade e diretriz para a prática extensionista. In: SILVA, Luciane Duarte; CÂNDISO, João Gremmelmaier (Orgs). **Extensão universitária: conceitos, propostas e provocações**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2014. pp. 39-62.

ADORNO, T. Teoria da semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010.

ALEGRIA, J.; DUARTE, R. **Um sonho, um belo sonho: considerações sobre a gênese das relações entre educação e cinema no Brasil**. Revista Diálogo Educacional, v. 5, n. 15, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/7712>>. Acesso em 20 Fev 2018.

ALMEIDA, A. S. A contribuição da extensão universitária para o desenvolvimento de Tecnologias Sociais. In: REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL – RTS (Brasil) (Org.). **Tecnologia social e desenvolvimento sustentável: contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação**. Brasília – DF: Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010.

ALMEIDA, M. do C. S. **Experiência pedagógica educacional: o cinema nas Licenciaturas**. Comunicação & Educação, v. 20, n. 2, p. 125-134, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/comueduc/article/view/100719>>. Acesso em 24 Fev 2018.

BATISTA, S. S. dos S. Educação profissional e tecnológica: politécnica e emancipação. In: ALMEIDA, I.B.; BATISTA, S. S. dos S. (Orgs). **Educação tecnológica: reflexões, teorias e práticas**. São Paulo: Paco Editorial, 2012. pp. 27-38.

BAZIN, André. **O cinema: ensaios**. Brasiliense, 1991.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. São Paulo: Victor Civita, 1975.

BERGALA, Alain. **A hipótese cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro. Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BRASIL. Lei no. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1961. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 08 Mar 2018.

_____. Lei no. 5.540, de 28 de novembro de 1968. **Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências**. Brasília, 1968. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm. Acesso em 07 Mar 2018.

BRASIL. Lei no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> . Acesso em: 14 nov. 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia**. Brasília. 2016. 3 Ed. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=44501-cncst-2016-3edc-pdf&category_slug=junho-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 20 jul. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES 436/2001**: Cursos Superiores de Tecnologia – Formação de Tecnólogos. Brasília. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0436.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2017.

_____. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP 29/2001**: Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional de Nível Tecnológico. Brasília. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/cp29.pdf>>. Acesso em 08 Mar 2018.

_____. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP 3/2002**: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia. Brasília. 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES032002.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2017.

CARBONARI, M. E. E; PRERIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**. v.10, n.10, p. 23-28, 2007.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia . In: **Crítica y emancipación**: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016

_____, Marilena. O universo das artes. In: **Convite à Filosofia**. Ática, São Paulo. 2001.

CHRISTOPHE, M. **A legislação sobre a educação tecnológica no quadro da educação profissional brasileira**. Instituto de estudos do trabalho e sociedade, 2005. Disponível em: <<http://www.do.ufgd.edu.br/paulolima/arquivo/ept/texto%2003.pdf>>. Acesso em 16 Dez 2017.

CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil: dualidade e fragmentação**. Retratos da Escola, v. 5, n. 8, p. 27-41, 2012. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/45>>. Acesso em 16 Dez 2017.

CORREA, E. J. Extensão universitária, política institucional e inclusão social. **Rev. Bras. Extensão Universitária**. v.1, n.1, p. 12-15, Jul-Dez, 2003.

CORTELAZZO, A. L. Natureza dos Cursos Superiores de Tecnologia. In: ALMEIDA, I. B.; BATISTA, S. S. dos S. (Orgs). **Educação tecnológica: reflexões, teorias e práticas**. São Paulo: Paco Editorial, 2012. pp. 13-26.

DUARTE, R. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EMPRESA PAULISTA DE PLANEJAMENTO METROPOLITANO (EMPLASA S/A). **Região Metropolitana de São Paulo**. Disponível em: <<https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP>> Acesso em 02 mai. 2018

FAVRETTO, J.; MORETTO, C. F. **Os cursos superiores de tecnologia no contexto de expansão da educação superior no Brasil: a retomada da ênfase na educação profissional**. Educação & Sociedade, v. 34, n. 123, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/873/87328002005.pdf>>. Acesso em 16 Dez 2017.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Rio de Janeiro, Forproex, 2001. Disponível em: <<http://www.renex.org.br>>. Acesso em 7 Out. 2017.

_____. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Forproex, 2012. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/renex/documentos>>. Acesso em 7 Out. 2017.

FREIRE, E. Discussões sobre Sociedade, Tecnologia e Cultura: O Cinema na Sala de Aula. In: BATISTA, S. S. dos S.; FREIRE, E. (Orgs). **Educação Profissional e Tecnológica**. Jundiaí: Paco editorial, 2015. p. 27-43.

FREITAS, A. de; COUTINHO, K. D. **Cinema e educação: O que pode O cinema?**. Educação e Filosofia, v. 27, n. 54, p. 477-502, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/14174>>. Acesso em 24 Fev 2018.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. PORTAL DE ESTATÍSTICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Produtos**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/lista-produtos/>> Acesso em 02 mai. 2018.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em 08 Mar 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil/São Paulo/Cotia/Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/cotia>
Acesso em 05 jun 2017.

KLAMMER, C. R. et al. **Cinema e educação**: possibilidades, limites e contradições. Simpósio Nacional de História Cultural, v. 3, p. 872-882, 2006. Disponível em: <
<http://www.fae.ufmg.br/setimaarte/images/pdf/cinema-e-educac3a7c3a3o-possibilidades-limites-e-contradic3a7c3b5es.pdf>>. Acesso em 23 Fev 2018

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

LINSINGEN, I. **Perspectivas curriculares CTS para o ensino de engenharia**: uma proposta de formação universitária. In: Linhas Críticas, Brasília, DF, v.21, n.45, p. 297-317, mai./ago. 2015.

MACHADO, L. R. de S. O Profissional Tecnólogo e sua Formação. In: BUENO, Maria Sylvania Simões; ALVES, Giovanni (Org.). **Trabalho, Educação e Formação Profissional**: perspectivas do capitalismo global. Campinas: Autores Associados, 2008 (no prelo).

MANFREDI, S.M. Educação profissional no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002

MARTINO, M. A.; PRADOS, R. M. N.; MACHADO, M. M. **A educação profissional e tecnológica e a prática extensionista**: algumas reflexões. In Revista Eletrônica de Tecnologia e Cultura, Jundiaí, SP, ed. 19ª, p.120-129, out. 2016. Disponível em: <
<http://201.55.32.167/retc/index.php/RETC/article/view/326>> Acesso em 15 nov. 2016.

MARTINS, N. V. **Cine Holliúdy**: algumas representações acerca da identidade cearense e do cearensês. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 78. 2016.

MOTTA, L. T. da; FUSARO, M.C.F. Cinema e educação: reflexões e interfaces. **Comunicação e educação** (Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP). v.19, n.2, p. 39-49, 2014.

PEREIRA, A. R. M.; FRANCO, M. C. “**Cinema na escola**”: a experiência da inter-relação universidade e educação básica em Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil, no período 2012-2014. Em Extensão, v. 14, n. 2, p. 143-154, 2015. Disponível em: <
<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/viewFile/30384/pdf>>. Acesso em 23 Fev 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE COTIA. **Secretarias**. Disponível em: <
<http://novo.cotia.sp.gov.br/secretarias-municipais-cotia/>> Acesso em: 02 mai. 2018

PREFEITURA MUNICIPAL DE COTIA. **Cotia em números**. Disponível em: <
<http://novo.cotia.sp.gov.br/dados-gerais/>> Acesso em: 02 mai. 2018

REZENDE, L. T. **Cinema & educação**: uma reflexão quanto projeto de extensão. Revista Conexão UEPG, v. 8, n. 1, 2012. Disponível em: <

<http://www.redalyc.org/html/5141/514151727006/>. Acesso em: 22 Fev 2018.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. E. São Paulo: Cortez, 2011.

SÃO PAULO. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. **Regimento Unificado das Faculdades de Tecnologia do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza**. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 17 de janeiro de 2017. Seção 1, p. 41.

SCACHETTI, R. E.; SIGRIST, V. C; OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R. de. E de extensão. In: BATISTA, S. S. dos S.; FREIRE, E.; VERONA, J. A. (Orgs). **Educação Profissional e Tecnológica: extensão e cultura**. Jundiaí: Paco editorial, 2018. p. 101-111.

SOUSA, A. L. L. **A história da extensão universitária**. Campinas: Alínea, 2000.

XAVIER, Ismail. **Um Cinema que “Educa” é um Cinema que (nos) Faz Pensar**. Entrevista com Ismail Xavier. *Educação & Realidade*, v. 33, n. 1, 2008.

APÊNDICES

Apêndice A – Transcrição das entrevistas

Entrevista com grupo organizador da 2ª edição:

PESQUISADORA: por que vocês escolheram o cinema, dentre tantos outros projetos?

DISCENTE 1: todo mundo pensava em projetos como, por exemplo, paraquedas, que era umas coisas meio mirabolantes, e quando a gente ouviu o cinema, foi, acho que uma sensação que tocou o coração, e uma forma de a gente ter uma interação com outras pessoas ao levar uma cultura, e não simplesmente uma experiência que eu teria que pagar 200\$ para ir, não seria algo diferente não só pra gente como para comunidade.

DISCENTE 2: até porque atingiria o público, pois estes projetos maiores, eu tenho que pagar é tem aquele custo é tal e o *Paradiso* foi uma oportunidade de a gente, assim, interagir com a comunidade sem que eles precisem pagar, sem que eles tenham que ter este valor para ter esse tipo de cultura uma coisa diferente.

PESQUISADORA: acabava sendo no final das contas mais democrático e inclusivo né, enfim. Com relação a escolha do filme, eu lembro que na época foi o *Cine Hollíúdy*. Como que foi esse processo de escolha? Tinham outras opções? Vocês chegaram a ver outras opções?

DISCENTE 1: sim a gente conversou bastante com a professora ... e ela nos indicou alguns filmes. Aí um dia a gente pesquisando a gente achou esse filme, e no trailer a gente achou muito legal trazer o cinema brasileiro, trazer essa essência do cinema brasileiro. E justamente o filme foi isso mesmo, ele levando o cinema pras cidades né.

DISCENTE 2: era meio o que a gente queria fazer né.

DISCENTE 1: acho que o filme encaixou perfeitamente com o projeto, e com o que a gente queria apresentar. E aí a gente mostrou pra Sandra é pra vocês e todo mundo em comum acordo.

PESQUISADORA: Ah legal. De fato, foi um filme que assisti outras vezes é falei nossa tem uma riqueza de detalhe ali que é bem interessante. Você comentou que achou legal por conta dessa coisa quase o espelho do que vocês queriam fazer.... e agora vem a pergunta mais complexa... de que forma foi a sessão na praça? O que vocês aprenderam, o que vocês encontraram de dificuldade, pra organizar o evento, e para interagir com as pessoas também né, afinal de contas a reação das pessoas é uma caixinha de surpresas, porque a gente não sabe o que vai chegar lá e encontrar. Seja a pessoa que está assistindo, seja o fornecedor que atrasa para levar ou buscar as cadeiras, a gente não sabe o que vai encontrar né. O que vocês sentiram?

DISCENTE 1: acho que foi tudo muito inesperado né, a gente tava lá na emoção e na expectativa, mas não tínhamos certeza do que iria acontecer, se ia ter público, se ia

chover de repente, se ia dar certo, se ia dar errado, e a gente estava com muito medo no dia, tanto é que a gente chegou bem cedo lá, chegamos lá ainda 12h e passamos o dia lá, até a noite. E como é uma coisa meio nova, só havia tido uma primeira edição, o pessoal não tinha muita confiança assim.... Ah vai ter um cinema aqui, vamos assistir, vai ter que pagar não vai. Por mais que tenha a informação, como é uma coisa nova ninguém fica assim, Ah... vou lá... Tanto que a gente tentava conversar e atrair o público.

DISCENTE 2: e aí também tem uma questão de que por ser à noite, algumas pessoas se recuam ao sair a noite, por achar perigoso. Mas a gente fez a divulgação né. Outro ponto importante foi o clima, porque tava muito frio. Eu nunca passei tanto frio...

DISCENTE 1: mas mesmo com frio, ainda assim foram algumas pessoas né, então isso foi bem legal.

PESQUISADORA: vocês fariam de novo?

DISCENTE 1: eu faria. A gente até tentou entrar em contato com o pessoal, mas acabou acumulando muita coisa da faculdade né. Eu até falei com a professora depois, porque ela tinha comentado que este projeto seria fixo na Fatec, e na hora que ela falou eu já disse tô dentro. Eu gostei muito de fazer este projeto, o que me trouxe de experiência, foi incrível. Porque tanto na parte teórica de montar o EAP, como na hora de montar algumas coisas técnicas, e também os valores que a gente teve, e ver o projeto ser realizado foi uma sensação incrível. Depois no dia, achando que não iria dar, e ver que deu tudo certo.

DISCENTE 2: é muito legal. É além do projeto, a gente aprendeu muito a lidar com as pessoas, e nos mesmos como grupo a gente se uniu muito depois daquele projeto, e a gente sabe cada detalhe de cada pessoa, se vai chorar se vai sorrir, a gente conhece.

PESQUISADORA: houve algum aspecto do filme, que foi mais marcante para vocês? Ou algum episódio que, é que nessa edição, por não ter um palestrante, a gente conversou no final muito rápido assim. Algum aspecto que vocês consigam relacionar com a vida de vocês, com a experiência de vocês? Fora isso que foi comentado.

DISCENTE 1: o que achamos interessante foi que a gente fez a reunião com o padre, que a princípio não queria deixar a gente fazer, e a gente nunca imaginou que ele iria autorizar. Tanto que quando a gente foi passar nas salas, as pessoas perguntaram, como que vocês conseguiram a autorização do padre? Porque ele não queria que tivesse barulho, como foi numa edição anterior. Foi muito legal, a gente fez a reunião com ele, e ele até fez uma cartinha de autorização.

DISCENTE 2: acho que cada etapa foi uma conquista pra gente né. Teve o caso do padre, as cadeiras que eram caras, mas o fornecedor acabou doando. O fornecedor da iluminação, o patrocinador, que foi muito iluminado né. A gente já estava tirando o dinheiro do nosso bolso né, e ele conseguiu nos ajudar muito, e salvou bastante a gente.

DISCENTE 1: a gente já não sabia mais o que fazer. Nossos pais já estavam cientes que eles teriam que fazer algo.

PESQUISADORA: alguma coisa a mais do filme?

DISCENTE 1: acho que mais isso do filme tentar passar a mesma coisa que a gente mesmo. De inserir o cinema naquela região é no propósito dele né. Acho que é o que a gente estava passando, e a comunidade ali, nem todos tem acesso ao cinema né. Mesmo

assim, Cotia, centro, não tem acesso. O cinema mais próximo é ali na Granja. Muita gente não tem a disponibilidade de ir até lá para assistir um filme. E acho que isso que a gente queria passar. Que a comunidade pode ter ali um cinema, uma coisa cultural. Através do cinema, gratuitamente para eles. E tem nosso esforço, o patrocínio. Acho que o filme retratou exatamente o que a gente queria, que a gente pode levar a cultura através do cinema para as comunidades mais carentes, que não tem a condição de ir ao shopping e pagar um absurdo no ingresso, por exemplo.

PESQUISADORA: como foi a experiência do *Fatec Paradiso*, no contexto da disciplina de AACC. Qual a relação entre o ensino e a relação com a comunidade. Vocês sentem isso nesta disciplina? Porque a maioria das disciplinas na faculdade se voltam para elas mesmas, e AACC não, é uma disciplina voltada para fora. Como vocês sentiram essa relação no fim das contas?

DISCENTE 1: acho que no começo é muito difícil, porque é uma disciplina de primeiro semestre, então a gente não tem ideia de nada e a maioria das pessoas nem sabem o que querem na verdade. Principalmente quem vem do ensino médio, porque você sai e da de cara com "Vamos fazer um projeto". Como eu vou fazer isso? Como viu fazer um cinema. Mas acho que ver ele pronto, e ele acontecendo é a sensação mais incrível da vida assim. Nossa, a gente se sente capaz é todo mundo lembra.

PESQUISADORA: Vocês têm alguma sugestão? Porque agora não tem mais os projetos né, tiraram daqui pelo que eu soube...

DISCENTE 1: é uma das propostas de uma das possíveis diretoras, trazer os projetos de volta.

DISCENTE 2: acho que é muito importante, porque alguns projetos como esse são pra fora, diferente de outros que só focam nos próprios alunos. E acho que deveria existir mais projetos para o público lá fora. Tem o do surf, e outros que só foram para alunos.

DISCENTE 1: é eu acho que o objetivo principal da matéria, são projetos para fora, e traz mais visibilidade para Fatec, porque ainda tem muita gente que não conhece a faculdade e tudo mais.

Entrevista com grupo organizador da 3ª edição:

PESQUISADORA: A primeira pergunta, vai lá na escolha do projeto. Porque na disciplina de ACC existe a opção de fazer o projeto, dentre uma série de outros. E por algum motivo vocês escolheram o *Fatec Paradiso*. Você se lembra o porquê?

DISCENTE 3: eu optei né, já no primeiro dia de aula, quando o professor passou os projetos anteriores, falando para toda a sala, e isso eu já brilhei os olhos, e eu acho que uma coisa muito necessária, principalmente para uma comunidade carente que está em torno da faculdade, e também porque ia desafiar bastante a gente como aluno né. Porque íamos pegar do zero e ia colocar o filme pra rodar naquela data né. E isso brilhou meus olhos, e no decorrer das aulas o pessoal queria fazer um projeto único da sala, e aí a gente acabou deixando de lado... Mas depois que o professor bloqueou, daí a primeira opção foi o Paradiso logo. Porque não é um projeto tão difícil de se fazer é não exige muito valor monetário envolvido... Então tem aquela questão de levar para comunidade aquele projeto cultural, e também não tem o custo do projeto, como os outros projetos.

DISCENTE 4: a corrida é algo bom, é atlético e tal, mas não chama tanto a atenção do público. Tem pais que tinham umas crianças carentes em uma praça, brincando, de repente um filme. Vamos deixar de pagar um cinema para assistir aqui um filme. Eu amei fazer.

DISCENTE 3: e não foi só o filme né, foi o agregado também né, além do filme que a gente sorteou, a gente sorteou ingresso para um cinema "convencional"... e também teve algodão doce, a pipoca, teve refrigerante. Então a gente proporcionou um momento de alegria para aquelas pessoas, que nunca haviam sentido aquilo. E a gente até sentiu essa receptividade daquelas pessoas, que estavam presentes, e eles disseram, nossa nunca tem nada aqui em Caucaia do Alto. A gente escolheu né, um local bem afastado de Cotia para fazer mesmo, edições anteriores fizeram aqui no centro, por que não em Caucaia? Nunca teve nada...

DISCENTE 4: E por incrível que pareça, muito pensavam que era coisa de vereador, e a gente até estava contando com um, mas infelizmente no final tivemos que arcar com tudo, alunos, que pegaram e fizeram.

PESQUISADORA: Uma ação de vocês né? ... você tocou numa questão do filme. Como vocês chegaram a decisão se exhibir aquele filme especificamente, *O menino e o mundo*. Vocês se lembram?

DISCENTE 4: foi a professora que comentou a princípio...

DISCENTE 3: foi sugestão da professora, e quando a gente passou a pesquisar o filme, a gente achou o filme excelente, e a temática do filme não era só para crianças, no caso, na verdade não é para criança né? Mas a gente pensou porque não né? Um jeito de levar né, uma animação né, que chama o público infantil, mas que chama o público para uma coisa séria, que é o que o filme traz... e foi uma sugestão dos professores mesmo... e a gente achou bacana né, porque foi um filme que concorreu ao Oscar, e tudo mais né? E o Alê Abreu (diretor do filme), um diretor excelente, que tá fazendo hoje lá fora, infelizmente não aqui dentro né, mais um filme excelente. Eu assisti antes de ser exibido, e vi que realmente poderia acontecer o que aconteceu, a maioria do pessoal, viu que não era muito infantil, acabou saindo de lado após a metade do filme. Mas de forma geral...

DISCENTE 4; mas se a gente for prestar atenção, a partir do filme apresentado, a gente percebe que a população não está preparada para este tipo de cultura. A gente viu *O menino e o mundo*, e é um filme que você precisa prestar muita atenção para entender o todo dele. Mas quando as pessoas não começam a entender porque o filme não tem nenhuma palavra se quer, e você vê a cara das pessoas de paisagem, e aí você vê que as pessoas não estão preparadas para continuar. Tinha que ser um filme mais Light...

DISCENTE 3: o legal desse projeto, foi que os professores disseram que foi a melhor edição até agora. Eu não sei o que eles levaram em consideração, quando eles disseram isso, porque a gente não tem um feedback tão preciso em relação a isso. Mas eles disseram isso.

DISCENTE 4: se a gente tivesse a oportunidade, a gente faria novamente. Foi muito gratificante. Não só por ter dado tudo certo, como a banda como foi sugerida, mas sim de você ver as pessoas. Quando a gente pensou em divulgar, não foi tão divulgado porque algumas coisas deram errado. Como a placa que a gente colocou lá e desapareceu, o vento levou. Só que assim, no dia mesmo, que a gente estava falando com as pessoas, algumas pessoas falavam, é de graça né? É gente sim, pode vir.

DISCENTE 3: a divulgação, a gente tentou forçar bastante, mas sem a questão financeira é muito difícil. Sem o apoio dos políticos né, também é muito difícil, porque para entrar em qualquer instituição ali do entorno, você acaba tendo uma certa dificuldade. No começo são rosas, porque você diz que é da Fatec e tudo mais. Nós como alunos, ficamos com certa dificuldade de acessar certos lugares. Por isso que eu acho que a divulgação não foi tão forte. Mas mesmo assim surtiu efeito, mas escolas que a gente foi, a gente viu bastante alunos lá.

DISCENTE 4: tanto que a quantidade superou nossas expectativas né. A gente estava esperando umas 60, 70 pessoas, acho que foram bem mais, porque além das pessoas que estavam sentadas, ainda tinham as pessoas no entorno. Eu amei. E o clima também, estava frio, e fiquei muito surpresa com isso.

DISCENTE 3: uma sugestão, é colocar esse projeto como um projeto de verão, e não um projeto no inverno. Por se tratar de um cinema a céu aberto, se você não tiver estrutura para colocar sobre as cadeiras, as pessoas sentem frio né. Acho que por isso, este projeto deveria ser um projeto de verão, ou outono ali, finalzinho de verão, outono ou primavera. Se não fosse o inverno acho que teria sido bem melhor nossa edição. Bem melhor mesmo.

PESQUISADORA: eu que acompanhei as outras, acho que essa foi a edição que ficou mais legal, porque acho que foi onde as coisas ficaram mais amarradas. Apesar das dificuldades financeiras, que vocês superaram muito bem no final das contas, vocês deram o jeitinho de vocês, ficou tudo muito redondinho, muito amarradinho no final das contas. Eu fiquei realmente impressionada. Vocês já meio que já adiantaram, mas como vocês se sentiram ao organizar a sessão de cinema numa praça, considerando que vocês também assistiram o filme e então, também foram expectadores. Então vocês passaram por estar numa praça assistindo um filme, que não é algo comum para região... como foi essa relação com a interação com as pessoas.

DISCENTE 4: eu até achei fácil no começo, por exemplo a gente até chegou mais cedo, as pessoas prestavam atenção no que a gente falava um com outro, e elas chegavam perguntando o que vai ter aí, vai ser um show, vai ser o que? E quando a gente explicava, algumas falavam, ah a gente volta, e de repente elas voltaram com outras pessoas da família.

DISCENTE 3: foi bacana né, alguns contratemos com uma pessoa ou outra, mas no geral foi interessante né, conversar e explicar para as pessoas o projeto, e também o que seria o evento é os olhos das pessoas brilharam, e foi muito prazeroso sentir isso.

DISCENTE 4: um lugar tão bom né, para fazer este tipo de evento.

DISCENTE 3: sim, eu nunca tinha ido em Caucaia, e quando eu tive contato com a comunidade eu vi q eles têm um espaço bacana... aquela praça é gigantesca né, e da para fazer muitas coisas ali. E as pessoas precisam disso, porque lá é distante do centro né, então as pessoas precisam olhar para essa comunidade. Quando eu digo as pessoas que eu digo, são os políticos da região, de Caucaia, que acabam esquecendo dessa parte da cidade.

PESQUISADORA: e como vocês sentiram como espectadores?

DISCENTE 4: eu gostei, foi muito bom.

DISCENTE 3: eu fiquei nervoso né, porque tudo acontece naquele momento, não tem

teste, eu acabei torcendo para que tudo desse certo né? Cadeira, o audiovisual, a tenda. E você espera que tudo ocorra como o esperado, que você veja o filme rodando, e as pessoas assistindo aquilo, é uma sensação de dever cumprido. Muito bom.

DISCENTE 4: sabe o que eu achei muito interessante, que pensei que iria encher de gente por conta da pipoca e do algodão doce, que a gente colocou isso de forma a chamar as pessoas, mas não, as pessoas ficaram empolgadas com o filme, a gente pediu para eles irem comer. Me surpreendi.

PESQUISADORA: algum aspecto do filme chamou a atenção de vocês? A gente até comentou né, que tem uma linguagem infantil, mas não tem um conteúdo infantil. Tem alguma coisa mais que tenha "gritado" além disso?

DISCENTE 3: acho que aquela essência, de do consumismo, que hoje é muito forte né, então se você vai assistir com esse olhar de crítica, você consegue perceber que não é bem assim né, você para pra pensar que não é bem assim que tem que funcionar. Então você passa a pensar em mudar isso, esse hábito do consumismo. Um ponto que achei bastante interessante.

DISCENTE 4: outro ponto bastante interessante, foi como o jeito que eles olham a cidade no dia a dia. Além de eu só consumir para trabalhar, a forma como as pessoas interagem. Tanto que no filme você não vê tanto a amizade. É um olhando a TV, o outro correndo pro trabalho, não tem aquela coisa do ser humano.

DISCENTE 3: e o olhar da criança né, no filme acaba destoando de tudo né. Acho muito interessante.

PESQUISADORA: como você sentiram essa relação entre fazer um projeto para comunidade, e a disciplina de AACC, no final das contas, vocês acham que deu uma "liga"? Como vocês se sentiram fazendo o *Fatec Paradiso* no contexto da disciplina de AACC?

DISCENTE 4: Eu acabei crescendo um pouco, porque a gente aprendeu a trabalhar em equipe, a respeitar mais tipos de personalidades, como se fosse um projeto mesmo de um grande evento, de uma empresa. Porque acho que esse é o sentido mesmo da disciplina. Quando a gente começa a trabalhar, a gente vê a falha de um, a gente deixa de criticar e passa ajudar, para que o projeto possa sair do papel. E também uma coisa que aprendi a trabalhar em grupo, uma coisa de correr atrás, uma coisa que a gente pensou que nunca ia conseguir, no último instante as coisas começaram a fluir. Uma coisa que senti falta, foi quando a gente falava: Ah o projeto da Fatec, as pessoas respondiam, o que é Fatec? Falta de divulgação não só do projeto, mas da faculdade em si, da instituição. E quando você começa a explicar, e falava que era em Cotia, as pessoas até se assustavam... É gratuito?

DISCENTE 3: para gente que não estuda aqui, acham que é surreal. Mas para gente, a relação é total né. Porque você acaba mexendo em todo o contexto né, você tem que avaliar patrocinadores, você tem que ter um portfólio para apresentar o seu produto para os patrocinadores, para tentar que ele aceite a desembolsar um dinheiro para o seu projeto, porque para ele é cultural né. Não vai chamar cliente, ele só está divulgando o nome dele, então essa persuasão que a gente precisou bastante, no contexto né, no curso de Gestão Empresarial, e também a questão de arrecadar valores sem patrocínio, porque o patrocínio que a gente conseguiu não era um valor tão alto né, então a gente precisou

ir atrás de outros meios né, e a alternativa que a gente conseguiu foi as rifas né, que rifamos algumas coisas. Então 90% do valor que arrecadamos foi com as rifas. E gerenciar tudo isso também né, os valores, conseguir comprar um produto que seja o mais barato e que ainda apresente uma boa qualidade, que é o caso do audiovisual, que não é um equipamento barato, as possíveis empresas que poderiam fornecer esse produto pra gente. Então tem relação direta com o curso isso né, então meus pais me apoiaram bastante, e quiseram né, se envolver, me apoiaram bastante porque se você ficar só naquela questão das materiais, você acaba ficando engessado né, você expande seu conhecimento, e faz com que o seu projeto se torne realidade né. Você é desafiado a cada momento.

DISCENTE 4: com certeza. Você também, como eu falei anteriormente, quando você tem um vereador que iria ajudar com as cadeiras. E aí, a Ana, uma das integrantes do grupo, foi até a prefeitura, fez tudo certinho, e no último instante, recebe uma resposta de aí acho que não vai dar. E tudo isso na última semana, e como vamos conseguir isso agora? E tivemos que dar um jeito para conseguir as cadeiras, mas foi gratificante.

DISCENTE 3: a gente explicou pra um fornecedor aqui da região né, e ele acabou fazendo por um valor bem mais em conta né, e a gente conseguiu alugar uma quantidade até que bacana.

DISCENTE 4: e uma coisa que foi bacana, não sei se você notou isso...grandes empresas foram as que não contribuíram, e as vezes um microempreendedor teve o prazer de desembolsar, para que nosso projeto fosse feito.

DISCENTE 3: e até mesmo parcerias com outros cinemas aqui da região né, não são grandes redes conhecidas nacionalmente, mas que fizeram a diferença. que foi o caso da Centerplex, que é nacional, e o Cineflix.

DISCENTE 4: verdade...

PESQUISADORA: bom pessoal., acho que vocês precisam voltar para aula né? Já deu o horário... Agradeço muito pela paciência e pela disponibilidade de vocês. E vem aí mais uma edição hein...

Entrevistas com o público – Entrevistado 1 – participou da 3ª edição do *Fatec Paradiso*

PESQUISADORA: Como você ficou sabendo do projeto?

ENTREVISTADO 1: pela divulgação que ocorreu dentro da Fatec.

PESQUISADORA: você sabe quem e por que organizou o evento?

ENTREVISTADO 1: foram os professores e o coordenador, e a ideia era dentro dos objetivos, trabalhar junto com os alunos, gerenciamento de projetos, este era um dos objetivos, de como trabalhar em equipe, como gerenciar o tempo, conflitos, e ao mesmo tempo abordar essa questão cultural pros alunos, e também fazer alguma coisa diferente pra comunidade, pra cidade, pois não tem tantas coisas interessantes que acontecem por aqui. Interessantes e que agreguem valor

PESQUISADORA: você assistiu *O menino e o mundo*. O que você achou do filme? Como foi a sua experiência ao ver aquele filme?

ENTREVISTADO 1: não é o tipo de animação que eu costumo assistir, então eu achei bem diferente, e tudo que é muito diferente, inicialmente tem um certo impacto, até a gente acostumar e entender. Claro que a proposta da animação era você pensar em algumas questões.

PESQUISADORA: você lembra de alguma questão?

ENTREVISTADO 1: ele não tinha fala né? Então confesso que me deu um pouco de sono.

PESQUISADORA: você lembra da história?

ENTREVISTADO 1: lembro que era um menininho que estava perdido, e mostrava cenas bem diferentes e estranhas. Não lembro se ele tava sonhando. Achei meio louco assim.

PESQUISADORA: você tem sugestões para edições futuras?

ENTREVISTADO 1: eu sou muito ruim de memória. Mas de bate pronto, não tenho. Tem um filme, uma animação japonesa, que estreou ano passado no Netflix, e chama-se *Your Name*. Conta a história de duas pessoas que se conhecem de alguma maneira, mas elas estão separadas pelo tempo e pela região. Mas tem história de drama com romance, mas te faz refletir bastante. Eu achei muito legal.

PESQUISADORA: faz refletir sobre o que? Fiquei curiosa!

ENTREVISTADO 1: sobre valores, amizade, companheirismo, cidadania, persistência, sobre você vencer os obstáculos, mesmo que todos digam o contrário, digam que não vai dar certo, que você está louco. Acho que é um filme que te motiva a você correr atrás dos seus sonhos. Embora eu tenha falado do filme apresentado, não que eu esteja desmerecendo, mas eu acho muito diferente. E ainda sem fala. Também eu acho que o contribui para distrair ou diminuir a força de vontade de ficar assistindo, é que estava frio. Não é o tipo de desenho que, como eu te falei, não que eu não assista, mas sem fala você tem que prestar muita atenção, e mas não desmerecendo. Você não pode piscar, e prestar atenção.

Entrevistas com o público – Entrevistado 2 – participou da 2ª e 3ª edições do *Fatec Paradiso*

PESQUISADORA: como você soube do *Fatec Paradiso*

ENTREVISTADO 2: pela divulgação que houve na faculdade.

PESQUISADORA: você sabe quem organizou e o mais importante por que organizou o evento?

ENTREVISTADO 2: vários professores e alunos orientados, pelos professores acho que o coordenador do curso também... e alguns alunos, que não vou lembrar o nome...

PESQUISADORA: e você lembra do porquê da organização?

ENTREVISTADO 2: ah sim... lembro em parte, porque é uma atividade, que entre as atividades da Fatec Cotia, que pegaram uma certa tradição em ... em propor projetos aos alunos com caráter diversos, caráter ou cultural, esportivo... ou caráter didático mesmo,

caráter, né, técnico, didático... para que os alunos possa, é, além das atividades normais didáticas da unidade, eles terem contato, experiências e iniciativas, de propor outros, outras... ampliar o conjunto de conhecimentos, formação e treinamento... eu vejo o *Fatec Paradiso* como mais uma iniciativa dessa área.

PESQUISADORA: como foi sua experiência, como você sentiu quando participou das exposições ali nas praças? Como foi a experiência de ver os filmes nas praças? Se você quiser falar tudo junto... como preferir.

ENTREVISTADO 2: eu gostei muito porque... realmente... até o nome, inspirado no filme *Cine Paradiso*... um filme italiano... ou brasileiro... eu já vi um filme nacional onde tinha exibição de filme em praça... acho que... inclusive foi no primeiro filme né? O do cara do karatê né? E realmente é uma coisa que no Brasil, talvez, no passado foi assim o cinema, em muitas locais, cidades pequenas foi assim... parece que eu já vi algo de parecido... quando eu era criança, eu lembro que tinha a praça quando eu era pequeno, e tinha TVs nas praças, a prefeitura colocava TV nas praças... antes mesmo da TVs na casa das pessoas, depois todo mundo tinha acesso, ficou fácil pra todo mundo né? Então eu lembro disso... mas antes as pessoas ficavam na praça assistindo TV, é tipo o *Paradiso*. E isso é legal, porque, é... a minha experiência com isso... porque nós estamos na grande São Paulo né? Acabou muito disso né? O que tem de experiência de público em praça, ou eventos muito bem elaborados, tipo ah... o, eventos de prefeitura, como é que chama o negócio aqui, o... rodeio né? Ou às vezes igrejas fazem uma quermesse né? Mas faculdade eu não tinha visto mesmo, entendeu? Então... realmente foi um evento, entre outros né, que foram feitos na Fatec, que, além de... legal... porque é um evento que é na, num local público, que os alunos se sentem bem né? Que participaram e se sentiram bem... Que os professores né, os funcionários, levaram filhos... e as pessoas que passaram né? Então é um evento que se tiver continuidade, tiver apoio, eu acho que dá para continuar por bastante tempo, e tem assim, vai ter seu valor, vai ter seu local, seu nicho específico para contribuir.

PESQUISADORA: e da 3ª exposição que foi lá em Caucaia, você lembra de alguma coisa?

ENTREVISTADO 2: lembro... lembro... lembro... a 3ª edição foi a edição que participei que foi mais gente, que tinha mais gente, tanto público da faculdade, como de fora... acho que... também tem uma... acho que aquela praça é mais movimentada do que a daqui... eu pensava que era a centro de Cotia, mas lá... por algum motivo, é mais movimentado... então teve muito mais movimento... quase encheu... e... então esse foi legal. Em relação a primeira que tava muito frio, então talvez... não foi tanta gente... então assim... a segunda foi mais animada nesse sentido.

PESQUISADORA: e você lembra do filme?

ENTREVISTADO 2: é o desenho... desenho animado... do carinho que ia trabalhar... acho que era o pai dele... e era um filme com uma temática diferente do que se vê no geral, não está no circuito comercial... mas por ser um evento assim diferente, o filme não poderia ser diferente, e ele dá espaço para outras opções de acesso cultural. Eu lembro que... é um filme que marca, uma... é... mostra de forma alegórica as emoções e os sentimentos de uma criança em relação às dificuldades do mundo, que ele vai enfrentar.

PESQUISADORA: nossa que bonito isso.... é um filme muito diferente né?

ENTREVISTADO 2: essa é a poesia né? Você faz uma alegoria, para ser atrativo né, para ser lúdico, e mostra essa ideia né... que no caso é o sentimento do menino em relação a tudo isso daí... o mundo.

PESQUISADORA: que sugestões você daria para novas edições do *Fatec Paradiso*?

ENTREVISTADO 2: ah sim! Bom... é ... aproveitar os casos de ... é ... verificar as vantagens e desvantagens que teve nos eventos anteriores, por exemplo lá em Caucaia que teve mais gene... talvez lá então seja o local mais propício para continuar. Fazer tipo assim, três edições lá e uma aqui... ou pensar.. não aqui tá precisando incentivar as pessoas mais que lá né? Ou fazer duas... pode fazer uma lá e outra aqui... tem que pensar, entendeu... né? Para mim assim, talvez pra continuar a melhorar precisa de mais patrocínio, tentar mais apoio, porque a, o que o projeto podia fazer, nós não temos condições de fazer muito mais do que aquilo... o projeto para mim tem que ter continuidade, mas talvez aí mais parcerias né, que aí sim você pode colocar, talvez chamar um palestrante de uma área cultural. Então por exemplo, podia aliar, fazer perto de um local onde tenha uma faculdade ou um centro cultural e possa ter mais atividades em conjunto. Por exemplo a gente teve o Fatec Gourmet, então talvez fazer uma edição junto com o *Fatec Paradiso* ... Então pensar nesses tipos de parceria. Mas eu acho que, assim, como tudo no mundo, pra continuidade e pra crescimento né, acho que tem duas coisas: conseguir parcerias, e... o... aquilo que eu penso do meu trabalho no Centro Paula Souza e que eu gostaria de fazer, unir as Fatecs. Então, fazer aqui e conseguir fazer, é... se faz duas, três, quatro, cinco, seis Fatecs, fica um mega evento... tá me entendendo? Mas aí tem que chegar e garimpar a parceria entre as Fatecs... porque o CPS é gigantesco, então se a gente conseguir fazer isso, a gente está dando um exemplo para as outras, para todas as instituições, aliás né? Para que todas as instituições consigam se unir para fazer um projeto em conjunto para o bem da faculdade e da comunidade.

Entrevistas com o público – Entrevistado 3 – participou da 1ª e 3ª edições do *Fatec Paradiso*

PESQUISADORA: dentro do contexto *Fatec Paradiso* lá em Caucaia do Alto e primeiro eu gostaria de saber, de registrar na verdade, como que você ficou sabendo da edição e também se você sabe quem que organizou ... e mais importante ... Por que foi organizada essa edição?

ENTREVISTADO 3: já faz um tempo né, minha memória é um pouco falha, mas eu me lembro que fiquei sabendo porque eu precisava buscar uma moça, a Camila, que falaria sobre o filme no final, e porque eu trabalhava na Fatec é assim em todos os eventos de todas as formas eu estaria presente. Já era o segundo *Fatec Paradiso* que eu fui, teve o de *Lisbela e Prisioneiro* que eu também participei, acho que teve um antes não tenho certeza. Foi uma ideia de uma professora ... você sabe que aconteceu eu não me lembro de tudo certo, mas era do porquê eu me lembro né, aí eu fui busquei minha amiga e fui para lá.

PESQUISADORA: você se recorda ou sabe dizer o porquê de toda essa

mobilização? O porquê de a gente querer fazer um cinema numa praça em Caucaia do Alto.

ENTREVISTADO 3: eu entendo que é a necessidade de você levar a cultura para o pessoal que não está tão adaptado eu não me lembro qual foi o fundamento específico utilizado projeto mas creio que seja esse uma ideia de levar algo como o menino é mundo, que não é um filme tão comum, acho que era um curta se eu não me engano...

PESQUISADORA: não, na verdade não....

ENTREVISTADO 3: era um filme diferente com uma visão sobre o menino que eu esqueci o nome agora, E aí para apresentar para pessoas que não tem tanta oportunidade para conseguir fazer com que essa cultura chega todo mundo e que todo mundo tenha acesso.

PESQUISADORA: como que foi para você essa experiência? Como foi essa experiência de estar numa praça vendo um filme e como foi... Além disso assistir aquele filme *O que isso te suscitou?*

ENTREVISTADO 3: sobre isso, eu lembro vagamente do que acontecia no filme de fato, porque é um filme mais complexo. Eu acho que a proposta estar na praça é muito boa. Porque as pessoas acabam chegando, sentando é se interessando em saber que está acontecendo ali na hora. Ainda que seja divulgado, as pessoas só vão saber efetivamente o que vai acontecer passando é vendo algo diferente ali na hora indo entender. Creio que se tivesse um pouco mais de divulgação e fosse um pouco mais acessível, o *Lisbelola* e o *Prisioneiro* é um exemplo, *O menino e o mundo*, tinha uma outra proposta, era um filme mais complexo, tanto que a minha amiga foi discutir isso é acho que se fosse uma coisa mais... A gente poderia ir escalando. Você vai apresentando uma história mais simples, como *Lisbelola* e o *Prisioneiro*, que as pessoas conhecem, e aumentando isso. Isso faria o projeto mais conhecido, até Faria uma parte de exibir cultura, e eu gosto bastante dessa ideia.

PESQUISADORA: você lembra de algum detalhe do filme?

ENTREVISTADO 3: não... lembro que tinham umas cenas que eu particularmente achei fortes, e faz mais de um ano né. Lembro que minha amiga conversamos bastante, e até com um outro amigo. Lembro de ser um filme denso. Eu lembro da minha avaliação do filme, mas não do filme em sua totalidade. Um filme denso, que nem todo mundo que sentou ali entendeu a proposta do filme. Acho que se tivesse um filme mais simples, mais pessoas iriam ter esse entendimento, mas era bom. Eu lembro de achá-lo forte. Não é um filme que você senta para assistir e lava a louça a mesmo tempo né. É um filme forte de fato. Sim..., acho que se você não sentar ali é avaliar, mesmo em Caucaia do Alto, o pessoal ali não estava tão pronto, e nem todo mundo que levou criança ali não tava tentando entender. As crianças gostaram, mas nem todo mundo entendeu a proposta. E nem todo mundo tava disposto estava disposto a ouvir a minha amiga a falar. Eu acho que essa discussão funciona, mas não é fácil. Fazer com que as pessoas escutem e conversem, e queiram entender isso, requer um tempo. Tem que apresentar isso diversas vezes para que eles entendem que aquilo é interessante é que eles se abram para entender aquilo, porque na hora a galera prefere ficar na ignorância.

PESQUISADORA: você já até adiantou isso, mas você teria sugestões para

incrementar o projeto no final das contas?

ENTREVISTADO 3: acho que ele deve se tornar uma rotina, um filme mais simples, não mais simples, mas fazer com que as pessoas se interessem por estar ali. Não dá para apresentar um filme mais denso logo, que as pessoas não vão entender nada do que está acontecendo aqui, o que que é isso? Eai ela não vai se interessar. Um filme que seja interessante para o público, que tenha alguma coisa que de discussão, algo que movimente e fomente essa conversa, e até mais polêmico, eu nem sei que filme sugerir na verdade, mas algo nessa linha, algo que seja mais simples e que fomente uma conversa depois, que deixe a pessoa ir para casa pensando a respeito. Eai ela vai com essa sementinha plantada ne. E aí vai implementando e trabalhando nisso até chegar o momento que essa pessoa tenha o hábito de ir para lá, assim como a gente tem hábito de ir ao cinema. É um hábito, ah "x" dias tem isso, e isso tem aquilo de comentar e levar outras pessoas, e assim, a gente vai conseguir elaborar uma boa discussão mais calorosa. Uma boa ideia.

Entrevistas com o público – Entrevistado 4 – participou da 3ª edição do *Fatec Paradiso*

PESQUISADORA: bom, começamos aqui com uma pergunta em que gostaria de saber qual como foi a maneira como você soube do *Fatec Paradiso*

ENTREVISTADO 4: então eu fiquei sabendo né do *Fatec Paradiso*.... Fiquei sabendo do projeto através de uma aluna da Fatec ... da Fatec né... que me convidou e explicou brevemente o projeto né. Então eu mais ou menos sabia né sobre o que se tratava qual que era o propósito né do projeto... saber que era um projeto de extensão da Fatec. Então eu tinha uma noção do que do que era o projeto. E... sobre o filme eu achei o filme né, muito bem escolhido eu já tinha ouvido sobre o filme... alguns amigos tinham comentado né, se não me engano quando ele, quando ele foi apresentado né na praça pelo projeto ele ... ele era recente né, ele não é um filme muito antigo e ... aí só que eu não tinha assistido então também um filme me instigou aí também na praça e participar do evento.

PESQUISADORA: e como foi para você a experiência de estar ali na praça vendo em um filme?

ENTREVISTADO 4: então né... a minha está minha experiência né... a minha impressão né sobre o evento, sobre o projeto foi... foi muito boa, foi super agradável né ... achei muito bem organizado... tava gostoso, e a ideia do projeto para mim é fantástica né... é fundamental porque eu sou um defensor né da ocupação do espaço público. Nos últimos tempos eu tenho observado né que a gente está tendo esvaziamento né, desse espaço público, como as praças inclusive né... e muitas vezes esse esvaziamento ele vem de dentro, pela ação do poder público né... a gente tem muitas prefeituras né, que nas últimas décadas aí tem retirado bancos das praças né... tem colocado alguns obstáculos lugares que as pessoas costumavam sentar para justamente evitar né... que as pessoas permaneçam né na praça né, permaneçam nos espaços públicos. Então por alguns motivos, alguns... muito, muito questionáveis né... mas enfim eu acho que infelizmente isso é uma tendência né muitas cidades né do Brasil... esse esvaziamento da praça, esse esvaziamento do espaço público né, sobretudo da praça pública né, que inclusive sempre foi cultural né, ser um espaço de convivência onde as pessoas se encontram, onde

atividades acontecem, não que elas deixaram de acontecer, mas têm se tornado menos comum. Inclusive né como eu disse, pela ação das prefeituras. Então eu acho que nesse sentido o projeto é fundamental né... Porque ele vem pra... pra contribuir né, para incentivar as pessoas a utilizar o espaço público né, a estarem na praça, a se encontrarem... porque hoje a gente também tem uma questão que é fundamental, que é a questão das novas tecnologias né, as novas tecnologias elas têm isolado as pessoas em suas casas, em seus computadores, em seus celulares. Então as pessoas muitas vezes estão próximas pelo mundo virtual, pela internet, mas estão distantes fisicamente né? Na minha opinião, no meu entendimento esse contato, esse encontro ele é fundamental né... estar né, como eu disse, desfrutar, estar no espaço público é fundamental. Então nesse sentido o projeto está de parabéns, ele é uma grande ideia, além de levar a cultura né... filmes de qualidade para uma população muitas vezes carente disso né, então também tem essa questão, da cultura que está acessível para as pessoas né, inclusive no dia que a praça poderia estar vazia né, a gente pode ter um grande evento como foi né o *Fatec Paradiso*.

E pensando mais também sobre essa questão, da função social né, da praça... tava pensando aqui, que você viu na Grécia antiga a praça ela foi fundamental né para avanços na políticos né, dá para dizer que que a praça ela é o berço ali da política, o berço da democracia na Grécia antiga... o espaço aonde a democracia nasce, se efetiva né, porque ele era onde as pessoas se encontravam pra discutir política, votavam questões fundamentais, então a... o espaço público é representado aí pela praça, ele sempre conservava ... sempre não né mas veio da Grécia Antiga ele tem essa função né. Então eu acho que esse encontro das pessoas, inclusive para ter acesso à cultura assistindo em filmes e toda reflexão toda discussão que isso pode trazer... é fundamental, sempre foi fundamental, foi fundamental para o desenvolvimento da democracia ... Então eu acho que de novo né, o projeto ele resgata isso, ele traz essa questão né, porque quando você assiste um filme, ainda mais um filme como *O menino e o mundo* né, que quer, que traz assim questões fundamentais pra juventude né, abrir o mundo... e também né, a questão até um pouco dos retirantes ...

PESQUISADORA: já que você tocou no aspecto do filme... o que mais te chamou mais atenção? E... Como foi ver *O menino e mundo* na Praça dos Romeiros?

ENTREVISTADO 4: a temática né que trata o filme né... *O menino e o mundo* né ... A questão dos retirantes, de inúmeros problemas sociais e também uma mensagem de esperança enfim né... a discussão do filme... quando o filme acaba ... ele não acaba né, quando chega o final do filme ele e ... isso incentiva, fomenta discussões... as pessoas refletem depois... às vezes vão comer alguma coisa ali na própria praça ali né, com os vendedores ambulantes né... quando eles são permitidos pela prefeitura inclusive... as pessoas vão comer e continuam comentando, falando do filme, então como eu disse eu acho que o filme né... ainda mais exibido numa praça né, gratuitamente e tudo isso ele fomenta discussões, fomenta a reflexão ... inclusive né... dependendo do filme você pode ter todo um debate e levar as pessoas a refletirem né, sobre o seu cotidiano, sobre a sua realidade. Então eu acho que não só o projeto, mas também escolha desse filme né... especificamente com assistir o *Menina e O menino e o mundo* trazem todas essas contribuições.

PESQUISADORA: e você se lembra mais marcadamente de algum aspecto ou cena do filme, que você tenha por exemplo, associado à sua experiência de vida?

ENTREVISTADO 4: sobre a questão de alguma cena, algum aspecto do filme que me remete a uma experiência pessoal, com certeza porque a história e o enredo do filme gira em torno na do menino que sai da sua aldeia né, da sua cidadezinha e vai para o mundo né, vai descobrir o mundo e se depara com a pobreza né, se depara aí com várias desigualdades né, descobre a sociedade tal como ela é né ... nessa jornada dele. E isso me remete sim, na verdade... à dinâmica da minha vida, mais especificamente a uma viagem que eu fiz para Bolívia, onde eu fiquei quase uns 20 dias na Bolívia, fui em várias cidades, fui na Cordilheira... e ali também foi uma experiência nesse sentido né, descobrindo um país né, que até então nunca tinha ido, e vendo também a realidade deles, marcada por aspectos culturais muito legais mas também pela pobreza, pela dificuldade né, da vida cotidiana... Enfim ...então... essa viagem, mas também a minha vida como um todo... Acho que a vida de todo o mundo é um explorar o mundo, e nesse explorar o mundo você conhece a sociedade tal como ela é inclusive com todas as suas injustiças né.

PESQUISADORA: e.. Voltando à questão de como você soube do projeto... tem mais algum detalhe que a aluna tenha te passado?

ENTREVISTADO 4: então né... essa aluna da Fatec que me convidou falou que era alguma coisa a ver com uma disciplina, falou que era um projeto... não me recordo dela ter citado o nome, de eu saber o nome do projeto, *Fatec Paradiso*, mas eu sabia que era um trabalho de uma disciplina né do curso de Gestão talvez... e ... tinha essa ideia assim... projeto né... e quem organizou especificamente eu sabia que eram alunos da Fatec alunos que estavam cursando essa disciplina que justamente propõe uma organização de um projeto, de um evento né ... tem a ver com essa ideia... parece que... eu sabia que se organizam grupos nessa disciplina, e...a avaliação, por assim dizer, seria a organização de um evento...daí eu tinha noção na verdade sobre o projeto.

PESQUISADORA: e sobre sugestões para as exposições? Você... você tem alguma... ou algumas? Qualquer aspecto que você ache interessante melhorar...

ENTREVISTADO 4: sobre ... as sugestões né que eu poderia dar pro projeto né ... eu achei tão bacana que fica até difícil de dar sugestão né ... o que eu ... acredito assim que seria positivo, que seria bacana ... mas é claro que isso depende de verba né, depende também de incentivos aí, mas seria né esse projeto, esses eventos, as apresentações de filme na praça acontecerem mais sistematicamente, com mais regularidade né, que acontecesse mais, porque aí você, eu acho que, eu acredito que, você traz, daí é esse hábito né, para as pessoas não é isso vira um evento programado, que você já tem algumas datas definidas para realização do evento, e isso desenvolve né, uma cultura nas pessoas de irem na praça, olha vai ter o filme né ... então eu acho que em termos de organização achei muito bacana sabe ... Estava agradável, um dia bem frio mas as pessoas estavam presentes né, tanto alunos quanto crianças né, quanto pessoas que estavam passando por ali. Eu mesmo eu sou professor e eu encontrei um ex-aluno meu lá na praça né, que mora perto de Caucaia, eu reencontrei ele ... então eu acho que se esse evento pudesse acontecer né, com mais frequência seria... sabe seria muito bacana, ele te traria contribuições né, traria uma sociabilidade na praça ali né, com as pessoas

da cidade, que que como eu disse anteriormente é fundamental, acho que em termos de convivência né, de harmonia, de solidariedade... eu não acredito muito que as pessoas vão ser solidárias né, e nem mesmo né, vão se organizar para lutar por direitos se elas não se encontram né, pessoalmente, em momentos agradáveis. E também como eu disse, eu acho que, a escolha do filme né, ela também pode ser democratizada, a escolha do filme né... se isso acontece mais sistematicamente, podem ser coletados opiniões e sugestões das pessoas que frequentam a praça ... é claro que mantendo uma ideia de filmes mais alternativos né, que não são comerciais, eu acho que a gente poderia ter eventos que também fomentam né, como eu disse, a reflexão. Então acho que a minha sugestão principal seriam mais eventos, eventos com mais frequência.

Entrevistas com o público – Entrevistado 5 – participou da 3ª edição do *Fatec Paradiso*

PESQUISADORA: bem... sei que você disse que não ficou muito tempo na exibição, mas na primeira pergunta eu gostaria de saber como você ficou sabendo do *Fatec Paradiso*?

ENTREVISTADO 5: eu fiquei sabendo da exibição bem cima, e não é que não tenha dado tempo, mas eu estava meio ocupado no dia, e não consegui pegar o filme todo, porque eu tinha outra coisa no dia. Mas assim... eu acho que é uma proposta muito interessante, porque Caucaia apesar de ser um centro, é a área rural de Cotia. Então assim... lá não tem muito acesso a muita coisa, para você ir num cinema próximo, é mais de meia hora de carro. Então, não julgo Caucaia muito acessível. Acho bacana esse tipo de exibição e tudo mais. Mas eu acho que poderia ter tido uma melhor divulgação. E apesar de não ter enchido muito, eu prezo muito por esse tipo de acesso à cultura, que a gente não tem. O pessoal de Caucaia é muito fechado, no sentido de que tudo é feito em Caucaia. É... eu só acho bacana, uma maior divulgação. Eu prezo muito por este tipo de acesso à cultura e tudo mais... Eu acho bem bacana.

PESQUISADORA: E sobre o filme, o grupo de alunos, nesta edição decidiu exibir o Filme “*O menino e o mundo*”. Você chegou a ver alguma parte do filme, ou você ficou até a exibição da banda? Se você viu o filme, há alguma coisa no filme que te traga uma memória, ou mesmo uma experiência de vida?

ENTREVISTADO 5: fiquei sabendo pelo Facebook, porque tinha um evento no Facebook... e mais alguém tinha comentado comigo, eu falei assim... pô... é bacana... vou dar uma olhada... eu vou passar para ver como é que está... Eu cheguei a ver a banda e tudo mais, mas eu não cheguei a ver o filme. Assim... eu lembro que passei por lá, por isso que eu falei que não fiquei muito tempo, e eu acho que o filme já estava nos finais... foi até essa hora que eu encontrei o Neto... e tudo mais... mas... foi isso.

PESQUISADORA: e você sabe quem organizou? E por quê?

ENTREVISTADO 5: sei que foi a Fatec, os alunos da Fatec...mas... não sei os detalhes assim...

Entrevistas com o público – Entrevistados 6 e 7 – participaram da 1ª edição do

Fatec Paradiso

PESQUISADORA: então vamos lá... Fatec Paradiso. Vou colocar o gravador aqui para conseguir ouvir direitinho depois. Bom, vocês participaram da primeira edição né? Eu vou começar perguntando como vocês ficaram sabendo do evento....

ENTREVISTADO 7: eu fui convidada por ele, que é docente da Fatec e que estava bem animado para participar dessa ação... vou chamar de cultural-social.

ENTREVISTADO 6: eu como docente da Fatec fiquei sabendo que era o resultado de um projeto, e para mim foi interessante porque eu nunca tinha participado de uma ação assim, com esse intuito de pertencer à comunidade.

PESQUISADORA: legal... e vocês souberam, sabem quem organizou e mais especificamente, o porquê de ter organizado essa ação?

ENTREVISTADO 7: o que eu tive dimensão é que era um projeto com intuito de aproximar a comunidade, por isso que era num lugar aberto, com contato com a comunidade no sentido dos órgãos diretivos, mas o objetivo maior era aproximar a comunidade acadêmica da comunidade onde a escola está inserida.

ENTREVISTADO 6: bom o conhecimento do projeto veio pelas duas professoras que organizaram, professora Priscila e professora Sandra. Além desse intuito cultural, tinha também o objetivo de apresentar a Fatec para a cidade, por que ninguém conhecia, era uma faculdade nova, com uma atividade nova.

PESQUISADORA: e como foi a experiência de ver filme na praça? Como foi estar numa praça vendo um cinema? Não é algo habitual.

ENTREVISTADO 7: eu particularmente tinha ido com o intuito de ver a praça cheia né? Fervilhando assim, como um movimento cultural mesmo, não só os alunos da instituição, mas a comunidade mesmo.... Então assim num primeiro momento, eu percebi que tinha muita cadeira e pouca gente... Então foi um pouco frustrante, porque eu gosto de coisa cheia né? Então assim, tinha muito mais aluno né? Em termos de comunicação, eu fiquei um pouco frustrada, mas em termos de movimento cultural eu achei bem interessante. Aliás todo o movimento que teve antes, muito interessante.... Um chamamento pro momento do cinema, com o grupo né? Todo um cuidado para motivar as pessoas pro cinema, para o momento do filme... Eu lembro que tinha também umas barraquinhas, com pipoca, com papeis da Fatec que eram distribuídos... Então assim, achei que era uma ideia muito bacana, mas que eu não sei se a cidade né, até por questões de frio né, eu lembro que tinha até um professor que falava, olha a gente tá esperando um pouquinho, esperando a missa acabar... Algumas coisas que podem ter atrapalhado no sentido de ter mais pessoas né? E também uma coisa que eu percebi é que quem estava dentro sabia muito bem o que estava acontecendo, mas quem estava fora da "gradinha", ficava lá pendurado se perguntando o que estava acontecendo. Não que tivesse faltado uma divulgação antes, mas ali no momento, um chamamento das pessoas.

PESQUISADORA: sim... envolver as pessoas que estavam ali esperando, as pessoas que estavam ali em volta.

ENTREVISTADO 7: sim, não sei até se pelo horário, pelo clima, não tinha tanta gente ...

O que me chamou atenção foi no final a alegria de quem tinha feito o projeto, feito a ação, mais do que quem estava ali assistindo... Tinha foto com professor... Então era mais a escola do que a interação né, com quem estava fora... Essa dificuldade de fazer as pessoas entrarem e interagirem ficou evidente, talvez por ser o primeiro né? O primeiro é sempre mais difícil.... Eu, eu imaginava mais gente ... Um movimento maior.

PESQUISADORA: e com relação ao filme, você lembra de algum detalhe?

ENTREVISTADO 7: eu acabei fazendo muita confusão entre esse e Cinema Paradiso, que a gente viu aqui.... Eu, para qualquer filme, eu assisto, saio e esqueço... É descartável né?? Risos...Ele tem toda uma coisa né... antes de ir lá com os meninos, ele foi contando.... Na verdade é um filme que conta um filme. É alguma coisa assim né? Então quando a gente vai com uma informação inicial você vê de outra maneira, então é diferente. Eu tive essa introdução ao tema, não sei se teve lá. É uma coisa que ajuda até a prestar atenção. Então a gente foi um pouco mais preparado, não foi só o lazer pelo lazer... essa informação inicial ajuda, para a pessoa não ficar ali sem saber o que tá acontecendo.

PESQUISADORA: sim... Verdade... Eu lembro, é algo que a gente tá pontuando para próximas edições... E você, como foi ver Lisbela e o Prisioneiro na Praça?

ENTREVISTADO 6: assim... É, bom... A primeira coisa: foi a primeira vez que eu vi um filme numa praça, é a sensação de ver o filme na praça que fala sobre ver um filme numa praça.... É totalmente diferente. Na verdade, você tem dentro de você algumas lembranças de filmes que falam de ver filme na praça, você chora e tal, mas quando é com você é diferente... Uma outra coisa: acho que tem um olhar viciado por eu ser docente, então acaba que pelo envolvimento com o projeto, você vai com um olhar viciado... É, da expectativa, pois está todo mundo envolvido, e quando você chega lá e não vê o público, você fica imaginando o motivo disso. Primeiro, como projeto ele deu certo, como proposta dentro da faculdade, ele movimentou os alunos, o professorado, e até os entes envolvidos dos alunos, eles se mexeram, houve envolvimento. Só que pode ser que ele não tenha refletido na comunidade, a comunidade, ou os alunos são um número muito pequeno em relação à comunidade, esse é um ponto... mas teve envolvimento, então foi participativo. Foi muito interessante porque na cidade cabe isso, pelo tamanho da cidade ela cabe esse tipo de evento. Eu acho que muito da ausência, ela foi notada, tem a ver com, não existe esse hábito. Pode ser que as pessoas tenham achado que era mais uma iniciativa particular, sem nada a ver com a cidade, e sim uma iniciativa de show, e não de pertencer da comunidade. Acho que isso talvez, ou seja, uma falta de comunicação, ou seja uma falta de ritmo, por ser o primeiro, dá pra encarar como uma falta de ritmo, e acho que isso é bem importante. Com relação ao filme, é assim, somente esses filmes que contam o conto dos outros é que fazem com que a população consiga a se inserir nisso, e não simplesmente um filme que representa a cópia da situação deles no cotidiano, mas sim um imaginário pra que ele possa pensar que existe uma outra forma de convívio, inclusive o cinema na praça. Porque o cinema na praça é diferente né? E o convívio não pode ser o convívio da realidade, tem que ser o convívio do lúdico mesmo, se não, não vai funcionar.

ENTREVISTADO 7: eu acho que a escolha foi muito legal, em termos, vou falar da experiência nossa. No caso dos meninos, eles foram com muita má vontade. Mas depois

que sentaram, se envolveram completamente, aquele menino não piscava. Então acho que houve uma interação com o tema, com a proposta. Eu diria que um dos pontos altos foi a escolha do filme. Acho que é bem interessante, porque é um filme nacional, então acho que essa proposta é bacana, é uma obra boa, nacional. Então quem já vai esperando alguma coisa, sei lá, um Indiana Jones, vai ver que tem coisas legais aqui. Eu achei que foi bem interessante neste sentido, a proposta foi boa. Eu percebi que quem estava lá assistindo, estava lá, de fato se envolveu com o filme. Você percebia o interesse das pessoas, o estar olhando, algumas reações.

ENTREVISTADO 6: a risada né? Se está dando risada, é por que está assistindo o filme.

PESQUISADORA: vocês de certo modo até já responderam essa pergunta, que é a última, mas o que vocês sugeririam para novas edições do Fatec Paradiso? Para a gente entrar no ritmo, solidificar o projeto, tornar constante.

ENTREVISTADO 7: eu não conheço muito bem a logística de Cotia, mas me pareceu que a data escolhida, um sábado de noite, lá no centro, não favoreceu, o centro não é um local de grande movimentação, eu acho. Eu não sei como foi o de Caucaia, porque é menor, a gente conhece Caucaia de passar, e pelo que a gente lembra é algo pequeno. Mas uma sugestão que eu poderia dar é fazer isso nos bairros, nas grandes regiões, porque apesar de gente estar em Cotia, ela é muito dividida. O pessoal que mora aqui, do 21 até o 28 não vai lá, só vai para o centro em dia de semana, mas vai fazer compra, não vai passear. Ou então fazer de alguma maneira assim que você vincule, porque assim, nós fomos porque tínhamos um objetivo: é da escola, a gente participa, vai. Mas, quem passou por lá ou quem estava vendo, são os familiares dos alunos, quem vai leva mais um. Mas a própria pessoa que está passando ficar lá, não tem esse movimento, então procurar lugares ou centros que tenham essa dinâmica. Eu não sei como foi lá em Caucaia, mas imagino que tenha sido mais fácil porque tem uma vida própria. É ter a iniciativa em lugares que a gente sabe que a população vai estar lá. Por mais que a gente faça propaganda, tem que estar lá na hora, tem que ter algo que motive. A gente pensa até por conta das festas que a gente faz na igreja, você tem as pessoas lá e aí você traz a atividade, onde está. Acho que também a questão dos filmes, serem sempre bem selecionados, essa questão do cinema nacional vale a pena investir. Não aquela proposta comercial, tipo 2 filhos de Francisco, que todo mundo já viu, mas que tenha uma proposta... de um jeito que a pessoa possa estar passando, ficar de curioso e depois se envolva, porque foi o que eu percebi com os meninos, eles estavam lá de curiosos, mas depois houve um envolvimento pelo tema, pela proposta, acho que foi bem legal. Acho que assim, ter uma explicação primeira do que é, a temática... eu não lembro se teve...

PESQUISADORA: não, não teve.

ENTREVISTADO 7: alguma coisa nesse sentido para ajudar, já que a ideia é levar um pouco da cultura né, inserir a temática dentro do processo, talvez até depois num grupo de interação, ter discussões, não aquela coisa de debate, mas de uma maneira que as pessoas possam dar a sua sugestão, trazer o que gostariam de assistir. Se a gente quer que eles participem, trazer sugestões, para que eles se sintam mais participantes né?

ENTREVISTADO 6: eu acho que aí, eu pensaria diferente, eu acho que é experimental, eu considero que o cinema vai ser a ferramenta para a população ocupar a cidade, na praça. Porque ali, onde ocorreu o cinema é onde a população não ocupa, talvez por isso

o problema de audiência. O cidadão de Cotia população não ocupa o centro de Cotia, ele foi abandonado, ele foi colocado à mercê do comércio, por várias razões, mas esse é o resultado. Eu acho que se colocar o cinema, pensar o cinema como uma forma de população ocupar a cidade, talvez acho que mude um pouco essa forma de propaganda, acho que é a primeira coisa. Que eu me lembre a propaganda, não é que ela tenha sido feita de forma rudimentar, mas ela foi feita como projeto, ou seja, ela foi feita para o projeto, e não para a continuidade. Como ela é feita para o projeto, o risco de você errar o público é muito grande, ou nem chegar no público. Então acho que talvez, tendo a noção do ritmo, ele entre no calendário da cidade, por uma questão de ocupar a cidade né? E aí sim definir os locais em que vai ser colocado, porque são os locais exatamente que o cidadão, população não ocupa, ou que ocupa somente para trabalhar e não para se divertir. Outra coisa, acho que a gente não pode usar o cinema como uma ferramenta antiga de ensino, porque se ele for usado como uma ferramenta antiga, como nós tivemos, ele não vai funcionar. Nós temos um romantismo de achar que, o cinema para nós era uma atividade de recreação. Então se fosse na praça era melhor ainda, e a gente ocupava a cidade, hoje eles não ocupam a cidade. Você vai colocar aparelhos deslocados do local onde ele vai estar, e também não é um instrumento de entretenimento como era no ensino ao qual nós fomos submetidos. O ensino para esse pessoal está questionado, então talvez o cinema como ferramenta também vai estar. Acharia interessante, já que nós estamos num momento do mundo onde todo mundo quer participar de forma digital, veja que as participações da população elas são de forma digital, pode ser que eles se omitam na hora da presença física, mas no digital eles participam. Então esse é o participar. O que a cidade quer assistir naquele dia? Se for um filme comercial, que seja, mas pelo menos eles vão ocupar a cidade. Acho que a gente tem que pensar um pouco nisso como modelo de educação, se é para a população atual. Porque, isso é muito fácil fazer talvez com instrumento de redes, ou uma votação ou uma escolha comunitária, talvez a gente consiga descobrir outros lugares, ou outros temas de cinema, que talvez a gente está pressupondo que vai escolher comercial, mas pode ser que não... A gente nem precisa pedir o nome do cinema, o filme, pode pedir o vetor, o que você queria ver no cinema? Romance, ficção, Brasil? Então acho que aí, pode ter uma outra pista, mas acho que deveria buscar esse ritmo não só numa forma do cinema como modelo que nós aprendemos. Por que a gente acha legal? Ah é legal..., mas só a gente acha legal. Será que é o instrumento deles? Nós talvez estejamos olhando com nosso olhar antigo. Está bom?

ENTREVISTADO 6: ah outra coisa assim. Se tem que colocar local a escolher, e, portanto, não está sendo utilizado pela ocupação e a economia compartilhada sim, e não ficar exigindo que o poder público coloque estes aparelhos, ou seja Food Truck é uma alternativa interessante para deslocamento e vai ter apelo comercial, e até de lazer que a juventude de hoje está habituado.

ENTREVISTADO 7: eu acho que assim, foi uma questão. De tipo virar a agenda. Eu entendo e fiz a leitura de que por ter muita gente, vamos dar uma organizadinha e vai ficar, no “entro ou não entro”, “posto ou não posto”, e aí eu acho que fica um pouco estranho ali a questão. Não sei se faz sentido, mas por exemplo, em Cotia, uma coisa que o pessoal sempre vai e tal é a questão dos rodeios né, a cidade tem um negócio com rodeio, agora dia 28 vai ter um rodeio. E onde isso acontece? Lá naquele campinho que normalmente não tem nada, mas ali que é o point do povo. Então de repente também

mudar este lugar, começar a ocupar os espaços, pra mim faz todo sentido. Mas se não têm pessoas lá, começa a ter e vai mudando. Por isso importante primeiro é buscar, porque aí a propaganda vai no boca-a-boca né. Aqui é importante este tipo de coisa. Eu tive a expectativa de que os alunos levassem mais pessoas, então o que eu até perguntei é: os alunos não são daqui? Mas até achei estranho, muitos alunos nem são da cidade, portanto não vão conseguir trazer a família toda, só um ou outro. Acho que tem alguma coisa para se pensar neste sentido, se a gente quer pessoal daqui uma comunidade da escola que esteja junta, pontos diferentes né, é necessário avaliar. Mas acho que a diferença de espaço ocupado, de São Paulo e de Cotia, em São Paulo, quando você faz as coisas, por mais que as pessoas não morem lá, elas passam por lá, e tem uma relação mais forte. Aqui de Cotia, as pessoas não têm uma relação, a maioria nem trabalha lá. Eu não frequento muito, mas entendo que aquele espaço é um espaço que as pessoas entendem como um espaço a ser ocupado e acho que se fosse até mais ali na frente, onde se tem umas barraquinhas é mais movimentado do que o lugar de onde estávamos.

ENTREVISTADO 6: mas esse é o propósito, quando as pessoas não acham que aquele espaço é para ser ocupado ela não vai ocupar

ENTREVISTADO 7: eu entendo, mas acho que deveria ter uma propaganda um incentivo para que as pessoas pudessem ir. Eu não fui no de Caucaia, mas o que eu ouvi de outro movimento é que é uma caminhada. A nossa contribuição é pelo primeiro, porque a gente não acompanhou o que já aconteceu, acho que algumas coisas já estão endereçadas. De repente, até unificar os projetos né, começa com um negócio e termina com outro. Não faz só o cinema, porque aí você tem desdobramentos.

ENTREVISTADO 6: mas aí você precisa olhar o outro lado, tem o projeto para o lado acadêmico.

ENTREVISTADO 7: eu não falando disso, estou falando do projeto em si, do que eu vi como projeto.

ENTREVISTADO 6: não, não, o aluno também entendeu que aquilo faz parte da vida acadêmica.

ENTREVISTADO 7: eu acho que como projeto, a proposta termina ali, quando você fala que quer envolver a escola com a comunidade não pode ser um projetinho que eu fiz hoje, acabou. Foi o que eu senti lá... “Ahh que legal, professora, etc...”, O meu objetivo foi cumprido, com começo meio e fim, o objetivo final de fazer disso uma atividade cultural e perene não. Se ficar como projeto, acho que é isso aí mesmo. E aí muda o olhar dos alunos também, porque vai além da nota, além da sala de aula.

PESQUISADORA: sim, é o grande desafio na verdade né.

ENTREVISTADO 7: mas aí, precisa ver os alunos né? Eles são de Cotia? Eles estão com este objetivo?

PESQUISADORA: Mas aí precisamos ver o que se tem como proposta disso né, porque inicialmente o objetivo era: vamos fazer um projeto. E esse discurso da instituição vem se refinando neste sentido, de não, não é só uma atividade que a gente faz aqui e pronto acabou, entrega o relatório no final e pronto.

ENTREVISTADO 7: porque se não o projeto está feito.

PESQUISADORA: porque a ideia é a construção de algo consistente, que não é só

fazer um monte de projeto que no final das contas tem como resultado um relatório no final. Estou sendo um pouco radical, talvez. Mas é importante fazê-los pensar sobre a prática, sobre a interação e as pessoas de Cotia, e muitas vezes aquilo parecia muito perdido. Vamos fazer, vamos, vamos, vamos e fim acabou. E não pode. É muito esforço.

ENTREVISTADO 7: isso frustra quem viu desde o começo aquilo não como um projeto, porque para os alunos, eles saem contentes porque fizeram o que foi proposto. Chega lá, convida a família os amigos, senta e assiste. Não existe a ideia da continuidade. E aí vem outra questão, de que se a ideia é fazer com que a escola seja conhecida, a proposta deveria ser mais institucional, se apresentar de uma maneira mais formal, a serviço da educação e cultura, procurando fazer algo de parceria, e que seja maior. E assim, quem vai pra Fatec hoje, não está com este objetivo de educacional e cultural. Ele vai lá porque quer sair técnico ou especialista em alguma coisa mais da prática. Então eu acho que são propostas diferenciadas que para se tornar algo maior, precisa de um incentivo desde cima, se não, vai ficar como projeto mesmo. E aí, a minha opinião, até não tem a ver com a entrevista, enquanto instituição, é unificar todas essas iniciativas “extras”, porque você acaba conseguindo reduzir os esforços para realização de várias coisas no mesmo dia por exemplo.

PESQUISADORA: isso é um problema mesmo, porque me lembro que havia semestre que tinham 14 atividades, e esse dia eu falei que não dá. 14 eventos em um semestre, até em termos de público a gente acaba perdendo, porque você quer fazer tanta coisa, que nenhuma delas é divulgada direito, definido o público corretamente, e nenhuma dela, você consegue conversar com o aluno e ver que ele refletiu sobre o que ele está fazendo ali. Até por isso, quando acabou o Paradiso, eles comemoraram, porque a tarefa deles, que foi fazer o evento eles fizeram, mas eles não estavam pensando sobre aquilo que eles estavam fazendo de fato, mas o que eu quero com isso, e no que isso vai implicar não se pensava realmente.

ENTREVISTADO 7: mas essa reflexão vem muito mais de quem idealizou, e fazer um grupo de alunos comprar isso, com uma visão bonita é mais difícil.

ENTREVISTADO 6: aí tenho uma crítica, acho que o olhar foi muito enviesado.

ENTREVISTADO 7: acho que foi romantizado por quem pensou, e operacionalizado por quem tinha que fazer um projeto por conta de uma nota no final do semestre.

PESQUISADORA: está descasado né? Realmente. A gente está pensando mesmo sobre o negócio.

ENTREVISTADO 6: é legal ter o cinema na praça, mas é legal para mim, a gente acha superbacana.

ENTREVISTADO 7: mas nós estamos aqui né, moradores de Carapicuíba e Cotia, mas nós não iríamos lá ver o cinema na praça não fosse o seu trabalho, para prestigiar. A gente tem condição, se quiser de ir no cinema, vai aqui no shopping, tem uma questão diferente, mas por exemplo aqui eles fazem no condomínio, o Cinema Paradiso na quadra, e assim as pessoas estão indo, sabe? Porque a motivação é “vamos nos integrar”.

ENTREVISTADO 6: ocupar o espaço, esse é o movimento.

ENTREVISTADO 7: exatamente, e aí as pessoas começaram a ir, mesmo aqui que ninguém ia. Claro que com algum agrado, um vinho com a 1ª taça grátis e coisa e tal.

PESQUISADORA: nossa que fino... risos...

ENTREVISTADO 7: é... primeiro para as crianças eles fazem matinê, e depois fazem para os adultos, então começou a integrar. Porque quando se fala de criança, o pai e mãe vai junto, então depois se está lá, fica aquela coisa e o filme passando. Mas tem uma questão que eu acho particular, que aqui em Cotia, tem muita gente com muitos filhos, então se é para fazer a população entrar, é pra família? Porque ali, foi voltado aos jovens, a juventude, que é o público da escola, que está com a mesma “audiência”, mas enfim, não era um filme para criança.

PESQUISADORA: não, a classificação dele é livre, pelo que eu me lembre.

ENTREVISTADO 7: sim, mas para entender, fica mais complicado. Então começa um pouco mais cedo, para ter esse envolvimento, depois na sequência vai o outro, pode ser uma... dependendo se você quer ocupar os espaços, vai a família né? Não só ou um ou outro, aí de noite, ou tem um dia para a juventude, aí é outra proposta.... Acho que eu vou por aí, porque aquela banda lá era...

ENTREVISTADO 6: não, a banda foi um instrumento... vai encerrar? Tem que encerrar? Tem um outro lado que é assim, quando não tem público você tem que analisar um outro lado, a concorrência. Acho que tem concorrência que a gente não está sabendo. Porque o que você tinha de concorrência quando tinha cinema na praça e todo mundo ia numa cidade? Não tinha nem televisão.

ENTREVISTADO 7: nenhuma, você ia lá...

ENTREVISTADO 6: então hoje qual é a concorrência? O cinema já tem concorrência que o Netflix! Então cinema na praça... baita concorrência. Acho que tem que ter um esquentar aí, para o filme ser uma concretização de uma conscientização ... A forma eletrônica permite fazer, tem que pensar isso, aí pensar a cidade interagindo até desse jeito mais forma eletrônica, essa forma de comunicação social, que isso é evidente que funciona.... Então o cinema acaba sendo o final de um roteiro que foi estabelecido. Antes você não tinha concorrência, tinha o boca a boca, você não tinha mais nada para fazer, então você vai...

PESQUISADORA: essa na verdade chega a ser a temática de segunda edição, que passou o cine Holliudy, que trata do moço que queria fazer o cinema, mas tem que brigar com a televisão.

ENTREVISTADO 7: agora também acho que é muito mais fácil a pessoa pegar o ônibus lá no Terminal e vir pra cá, do que ir pra praça...

ENTREVISTADO 6: então, mas é essa a questão...

ENTREVISTADO 7: mas, então tem que escolher... Assim, essa edição que a gente foi o público era dirigido, era pra juventude, por que quem não era jovem, com aquela banda se assustava... os velinhos que saíram da missa, não foram...

ENTREVISTADO 6: mas isso aí foi uma desconexão... teve um “junta tudo ali”... Teve a iniciativa!

ENTREVISTADO 7: quem que estava lá de público, o pessoal da missa, que era o que, família... Eles não saíram e foram lá... eles saíram correndo... risos... É ver o público que quer, eu acho que Cotia é família, porque é aquele pessoal que está em casa, e aí ou vai pra quermesse da igreja, ou vai pra... Pra praça ver o cinema... Não sei se ajudou, a gente desviou todo o assunto.

PESQUISADORA: claro que ajudou, não só para a dissertação, mas para o Fatec Paradiso também, deixa eu só salvar aqui... Obrigada! Obrigada mesmo!

ANEXOS

Anexo A – Proposta apresentada ao coordenador do CST em Gestão Empresarial por docente da Fatec Cotia

Projeto *Fatec Paradiso*

Apresentação

O projeto *Fatec Paradiso* pretende exibir filmes alternativos para os alunos da Fatec e para a comunidade em geral. A Fatec, por meio dessa iniciativa, possibilitará, a uma região carente de cinemas de arte, uma programação de filmes que permita não só uma apreciação estética, mas também a discussão de temas ligados ao mundo contemporâneo ou à história recente.

Com isso ficará em sintonia com as propostas de política cultural que objetivam a formação de público e o acesso às formas audiovisuais, visando a promoção de uma consciência individual, assim como a ampliação da visão sobre a existência, sobre as alternativas de inclusão e de transformação social.

As ações que envolvam a arte, como forma de transformação de uma determinada realidade, possibilitam a transposição da experiência para a criação de novas políticas culturais. Torna possível, ainda, a reflexão e crítica sobre os produtos da indústria cultural.

Justificativa

As artes não podem ficar restritas a um público diminuto. Cabe a algumas iniciativas permitir o acesso aos bens culturais, já que estes devem ser pensados como um direito inerente à pessoa – como o direito à vida, à educação, ao atendimento médico, ao exercício profissional.

Com o *Fatec Paradiso* a Fatec poderá atender uma parcela da sociedade civil, não contemplada pelos programas municipais ou estaduais de cultura.

Objetivos

- Possibilitar a formação de público de arte;

- Possibilitar o desenvolvimento de políticas culturais;
- Ampliar o repertório cultural do espectador.

Etapas do projeto

- Estruturação dos eventos para exibição dos filmes;
- Seleção de filmes para o público alvo dimensionado;
- Organização do evento.

Anexo B – Modelo do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

 **CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA**
UNIDADE DE PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente documento, eu, Entrevistado(a): (NOME COMPLETO), domiciliado(a)/residente na (ENDEREÇO COMPLETO), CEP: _____, declaro ceder ao Pesquisador(a): Priscila Santos Oliveira domiciliado(a)/residente na Estrada Kizacmos Takuti, 1100, Bloco 4, Apto 33, CEP-06775-001, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido, na cidade de Cotia, Estado de São Paulo, em (DATA DA ENTREVISTA), como subsídio à construção de sua dissertação "Formação superior tecnológica e práticas culturais: o cinema como experimento de extensão" no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional. O pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

São Paulo, ____ de _____ de 20__



Prof. Dr. Emerson Freire
Orientador



Priscila Santos Oliveira
Pesquisadora

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura